

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**SÉRGIO SETTANI GIGLIO**

**FUTEBOL:  
Mitos, ídolos e heróis**

Campinas  
2007

**SÉRGIO SETTANI GIGLIO**

**FUTEBOL:  
Mitos, ídolos e heróis**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

**Orientador: Prof. Dr. Sérgio Stucchi**

Campinas  
2007

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

G367f Giglio, Sergio Settani.  
Futebol : mitos, ídolos e heróis / Sergio Settani Giglio. - Campinas,  
SP: [s.n], 2007.

Orientador: Sergio Stucchi.  
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física,  
Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Mito. 3. Ídolos e imagens. 4. Heróis. I. Stucchi, Sergio.  
II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III.  
Título.

(asm/fef)

**Título em inglês:** Football: myth, idols and heroes.

**Palavras-chaves em inglês (Keywords):** Football; Myth; Idols; Heroes.

**Área de Concentração:** Educação Física e Sociedade.

**Titulação:** Mestrado em Educação Física.

**Banca Examinadora:** Jocimar Daolio. Katia Rubio. Paulo César Montagner. Jose Paulo Florenzano. Sergio Stucchi.

**Data da defesa:** 30/03/2007.

SÉRGIO SETTANI GIGLIO

**FUTEBOL:  
Mitos, ídolos e heróis**

COMISSÃO JULGADORA Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Sérgio Settani Giglio e aprovada pela Comissão julgadora em: 30/03/2007.

Prof. Dr. Sérgio Stucchi

Orientador

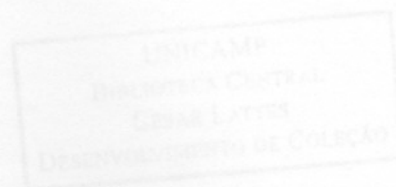
Prof. Dr. Jocimar Daolio

Prof.ª Dr.ª Kátia Rubião

  
Prof. Dr. Sérgio Stucchi  
Orientador

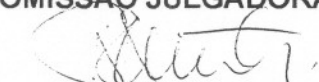
Campinas  
2007

2007-27676

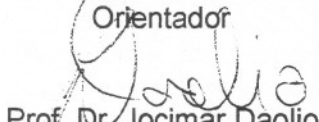


# Dedicatória


## COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Sérgio Stucchi  
Orientador



Prof. Dr. Jocimar Daolio



Profª Drª Katia Rubio

*Dedico este trabalho à minha família.*

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
CÉSAR LATTES  
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

# Dedicatória

*Dedico este trabalho à minha família.*

# Agradecimentos

À minha esposa, Ivana, que teve paciência e sempre me incentivou e apoiou para que eu realizasse esse mestrado.

Aos meus pais, Sérgio e Conceição, que sempre me deram amor e carinho para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã, Luciana, que sempre gostou de estudar e somente hoje entendo como isso é prazeroso.

Ao meu avô, Luiz Settani (*in memoriam*), por sempre acreditar em mim. Saudades!

À Thaís e Mariana, irmãs pela constante alegria. À Lucimar, por ajudar a minha família há tanto tempo.

Ao meu orientador, Sérgio Stucchi, que ao longo de todo processo sempre confiou em mim. Nos momentos mais difíceis aprendi muito com a sua tranquilidade e calma. Muito obrigado!

Aos professores que contribuíram com o enriquecimento do texto ao longo do mestrado, seja na qualificação quanto na defesa. Obrigado aos titulares da banca:

O professor e amigo Jocimar Daolio que me acompanha há muito tempo. Sua ajuda e seu conhecimento foram fundamentais para eu chegar até aqui.

Agradeço a professora Katia Rubio pela grande ajuda no direcionamento e esclarecimento de temas que me aventurei a estudar.

Obrigado aos suplentes, a professora Heloísa Reis e o professor Alcides Scaglia (qualificação); e aos professores Paulo César Montagner (Cesinha) e José Paulo Florenzano (defesa).

Aos jogadores e ex-jogadores que participaram da pesquisa. Não posso esquecer dos assessores de imprensa que facilitaram o contato para que as entrevistas fossem realizadas.

Às conversas, leituras e discussões realizadas nos grupos de estudos dos quais eu participei (GEPEFIC, GEEL, GEF e GIEF), constituíram uma valiosa fonte de dados, além de contribuir com uma série de reflexões.

Ao GEPEFIC (Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura), coordenado pelo professor Dr. Jocimar Daolio. Foi nesse grupo que tudo começou. Lá tive contato com leituras mais aprofundadas e que me permitiu ao final do primeiro semestre de participação montar um projeto de iniciação científica. Agradeço a esse grupo por me despertar o desejo de pesquisar.

Agradeço aos integrantes do GEEL (Grupo de Estudos do Esporte Lazer), pela constante troca de informações e experiências.

Também agradeço aos integrantes do GEF (Grupo de Estudos sobre Futebol da Unicamp), coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Heloísa Reis e composto pelo Thiago (Biruta), Serginho, Manuel, Vítor, Ricardo, Leonor, Renan, Rodrigo, pela constante troca de conhecimento e pela importância de estudar o futebol dentro do meio acadêmico.

E por fim ao GIEF (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol) formado a partir de nossas inquietações acadêmicas e com o propósito de manter viva as discussões sobre futebol no meio acadêmico. Obrigado Diana, Marco, Paulo, Melina, João, Fernando, Ju e, em especial, ao Enrico que teve a paciência de ler atentamente, por várias vezes, as inúmeras versões da dissertação.

Ao Vêi (Márcio Morato), pelas conversas sobre a pesquisa, nossas dúvidas e dicas. Esse menino vai longe!!!

À Mari, também pelas conversas sobre o mestrado e pela tradução do resumo para o inglês.

Ao Luiz e Dani, amigos de longa data e fanáticos por futebol, pela loucura em organizar os bolões. Esse ano tem mais...

Aos amigos que estiveram mais próximos ao longo desse processo, Tião, Zeita e Uhle; Ao Beto que teve paciência de ler a dissertação ainda em fase preliminar; À Aletha pelas conversas sobre as angústias e incertezas do caminho percorrido durante todo o mestrado; À Rachel e à Karina, grandes amigas com as quais tenho sempre ótimas conversas. Precisamos conversar mais!!!

Aos familiares (minha esposa, meus pais, minha irmã e minha sogra, a Regina) e amigos (Vêi, Mari, Batavo, Jana, Miltão, Faísca, Gabi, Rachel, Renatinho, Tião, Luquinha, Betão, Biruta e a prof. Heloísa Reis) que estiveram presentes no dia da defesa, obrigado por compartilhar esse dia tão importante da minha vida. Aos que não puderam estar presentes, mas que enviaram pensamento positivo, meu sogro Dalvio, meu primo Beto e os amigos, Passetti e Dália.

Aos amigos que estiveram mais distantes nessa última fase, principalmente os integrantes do Torpedão, mas que desde 1999 partilham comigo muitas alegrias.

Aos amigos da República Quilombo, local em que morei durante quase toda a minha graduação e no primeiro ano de mestrado.

Ao José Paulo Florenzano e Arlei Damo, por aceitarem o convite para participar de um debate sobre futebol na Unicamp na época da Copa do Mundo e a partir desse contato pudemos trocar informações, textos e idéias. É sempre muito importante conhecer e conversar pessoalmente com as suas referências bibliográficas.

Ao CNPq, pela bolsa concedida ao longo desses dois anos que permitiu dedicação exclusiva à pesquisa.



GIGLIO, Sérgio S. Futebol: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

## RESUMO

Este trabalho procura traçar uma visão abrangente da complexidade e importância do ídolo e do herói no futebol, procurando compreender sua influência nas decisões de transformar sonhos de infância em profissão. Como auxílio para esta compreensão e análise, utilizou-se de instrumentos da Antropologia, com base em referenciais da etnografia, entre eles a entrevista intensiva e a análise de documentos. Foram entrevistadas onze (11) pessoas que compõem o cenário futebolístico, sendo nove jogadores profissionais e dois ex-jogadores profissionais. O referencial teórico foi traçado de modo a compreender a importância do futebol na vida do brasileiro, da sua chegada como uma atividade de lazer e como rapidamente transformou-se em um “habitus” local. Entendendo o futebol como um jogo absorvente, procurou-se definir mito e imaginário para entender algumas questões recorrentes ao futebol brasileiro. As questões discutidas foram: a figura de Charles Miller como o introdutor do futebol no Brasil, o ópio do povo, futebol como identidade nacional, o dom no futebol, o debate sobre o estilo de jogo, conhecido como futebol-arte e futebol-força, e as questões relativas ao sonho de ser jogador profissional (início, tentativa e concretização do sonho). Todos os tópicos são apresentados como um suporte para a discussão central da dissertação, sendo que mito e imaginário servem de base para a investigação sobre os ídolos e heróis no futebol, a importância deles no processo, as diferenças conceituais e a influência dessas figuras na construção do sonho de ser jogador profissional.

Palavras-Chaves: Futebol; Mito; Ídolos; Heróis.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Football**: myths, idols and heroes. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

## ABSTRACT

This study tries to delineate a broad view of the idol and hero importance and complexity in football, in order to comprehend its influence of transforming childhood dreams in profession. For its understanding and analysis, we used anthropology instruments based on ethnography referential, which were the intensive interview and the document analysis. Eleven (11) people who compose the football view were interviewed, nine professional players and two ex professional players. The theoretical referential sought to understand the football importance in Brazilian lives, from its arrival as a leisure activity, until it became a local “habitus”. Considering football as an absorbent game, we tried to define myth and imaginary to comprehend the several questions about Brazilian football. The discussed issues were: the Charles Miller character as the football introducer in Brazil, the people’s opium, football as a national identity, the gift in football, the debate about game style, known as art football and strength football, and the matters related to the dream of being a professional player (beginning, attempt, and dream coming true). All the topics are presented as a support for the central discussion of the study, considering myth and imaginary as the basis for this investigation about idols and heroes in Brazilian football, their importance in the process, the conceptual differences and the influences of these characters on the creation of the dream of being a professional player.

Keywords: Football; Myth; Idols; Heroes.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1- Tabela distribuída no metrô de São Paulo</b>	<b>67</b>
<b>Figura 2 – Propagandas sobre o Brasil vinculadas na Espanha</b>	<b>73</b>
<b>Figura 3 – Metrô de São Paulo às 15h30, meia hora antes da estréia do Brasil contra a Croácia pela Copa de 2006</b>	<b>76</b>
<b>Figura 4 - O contraste da cidade durante o jogo do Brasil x Austrália: a avenida 23 de maio sem carros e o viaduto 13 de maio transformado em campo de futebol, enquanto o vale do Anhangabaú estava lotado</b>	<b>77</b>
<b>Figura 5 - Torcedores xingam os atletas da seleção brasileira</b>	<b>105</b>
<b>Figura 6 - Ronaldo é substituído e passou por uma situação inédita dentro da seleção brasileira: teve sua condição de jogador titular contestada pelos críticos e pela torcida, muitas vezes chamado pejorativamente de gordo e velho</b>	<b>121</b>



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>CBF</b>	Confederação Brasileira de Futebol
<b>FEF</b>	Faculdade de Educação Física
<b>FIFA</b>	Federação Internacional de Futebol
<b>SPAC</b>	São Paulo Athletic Club
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

# SUMÁRIO

<b>PRELEÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>AQUECIMENTO</b>	<b>19</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>CAMPO DE JOGO</b>	<b>25</b>
1.1 Método	26
1.2 Do roteiro aos sujeitos	28
1.4 Quem joga	30
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>CHEGADA DO FUTEBOL</b>	<b>33</b>
2.1 “Um jogo absorvente”	34
2.1.1 Vai começar o jogo	36
2.1.2 O início de uma prática de lazer	36
2.1.3 O futebol foi incorporado ao “habitus”	39
2.1.4 O futebol conquista seu espaço	42
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>MITO</b>	<b>45</b>
3.1 O que é mito?	46
3.2 O mito em Joseph Campbell	47
3.3 O mito em Mircea Eliade	48
3.4 Mito e cultura	50
3.5 Mito, rito e futebol	52
3.6 Futebol: uma tradição inventada	55
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>MITO OU IMAGINÁRIO NO FUTEBOL?</b>	<b>57</b>
4.1 Charles Miller, o introdutor?	60
4.2 Ópio do povo	63
4.2.1 Ópio do povo e futebol brasileiro	64

4.2.2	Ópio do povo e outras nações	67
4.2.3	O futebol não é o ópio do povo	69
<b>4.3</b>	<b>Identidade Nacional</b>	<b>70</b>
4.3.1	O futebol e a identidade nacional	77
4.3.2	Os símbolos da brasilidade	80
<b>4.4</b>	<b>Dom</b>	<b>81</b>
4.4.1	“Eles jogam bola das 8h às 18h”	84
4.4.2	O ídolo é aquele que possui o dom	88
4.4.3	As contradições do dom: entre o natural e o desenvolvido	93
4.4.4	A magia do dom	95
<b>4.5</b>	<b>Futebol-Arte ou Futebol-Força? A questão continua...</b>	<b>100</b>
4.5.1	Onde os estilos são construídos?	101
4.5.2	Afinal, os estilos existem ou não?	103
<b>4.6</b>	<b>O sonho de ser jogador profissional</b>	<b>107</b>
4.6.1	O início no futebol	108
4.6.2	A tentativa de profissionalização	111
4.6.3	A concretização do sonho	113
<b>CAPÍTULO 5</b>		
<b>SOBRE ÍDOLOS E HERÓIS</b>		<b>117</b>
<b>5.1</b>	<b>A importância do ídolo</b>	<b>118</b>
<b>5.2</b>	<b>A diferença entre ser ídolo e herói</b>	<b>122</b>
<b>5.3</b>	<b>O ídolo como estímulo</b>	<b>129</b>
<b>5.4</b>	<b>A influência do ídolo na decisão de ser jogador profissional</b>	<b>135</b>
<b>5.5</b>	<b>A imagem do ídolo</b>	<b>140</b>
<b>CAPÍTULO 6</b>		
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>		<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>		<b>149</b>
<b>APÊNDICE</b>		<b>159</b>





**Preleção**

Essa dissertação começa muito antes do ano de 2005. Ela é fruto de muitas experiências vividas no futebol. A data precisa perdeu-se na memória. Talvez, meu pai e minha mãe possam dizer quando eu dei os primeiros chutes em uma bola de futebol. Realmente eu não me lembro. Posso ver pelas fotografias da minha infância que foi muito cedo.

Meu pai teve influência direta nesse processo que me transformou em um apaixonado por futebol. Se a memória não me ajuda a lembrar quando chutei a bola pela primeira vez, me recordo que aos domingos ouvíamos os jogos do campeonato paulista ou brasileiro pelo rádio, aliás, impreterivelmente pela mesma emissora.

Meu avô também gostava de futebol e com ele também ouvia as partidas. Somente anos depois, quando já tinha uns 10 anos é que os jogos começaram a passar na televisão com uma frequência maior. Nesse meio tempo eu já não queria mais somente ouvir ou assistir futebol, queria jogar.

Em São Paulo, joguei bola poucas vezes rua. Quando ia para outras cidades conseguia jogá-lo nas ruas sem ser incomodado pelo grande fluxo de carros. Por isso jogava no quintal de casa, sozinho e com uma bolinha de tênis. Isso era possível, pois ao lado do “meu campo de futebol” existem duas quadras de tênis e frequentemente caíam bolinhas no nosso quintal. Hoje, muito raramente as bolinhas caem no quintal, não sei se é pela melhora do nível técnico dos jogadores ou devido as duas cercas instaladas.

Eu reproduzia o campeonato inteiro, cada time tinha quatro jogadores, afinal, o espaço era reduzido para incorporar todos os jogadores. A escalação das equipes seguia um critério simples: os melhores. O jogo consistia basicamente em trocar passes com os jogadores imaginários e chutar a bolinha de tênis contra a parede para, em seguida, tentar defendê-la. Os jogos eram emocionantes e só havia interrupção quando algum vidro das janelas, situadas na parede em que eu chutava a bola, era quebrado. Posso dizer que foram muitos os vidros quebrados, mas é melhor perguntar ao meu pai a quantidade, pois era ele quem os trocava.

Na escola o futebol também foi meu esporte favorito, a melhor brincadeira da hora do recreio. Curiosamente, nunca me inscrevi para fazer uma peneira em um time de futebol. Gostava de jogar livremente, não queria treinar, aliás, achava muito chato. Gostava mesmo do jogo. Talvez por isso nunca pedi para os meus pais para fazer um teste. Em meus jogos imaginários, pensava em ser um jogador, mas no fundo acho que não gostaria de treinar muito.

A única vez em que tive contato de perto com a realidade de um clube e sua categoria de base foi em 1996. Um amigo meu, o Luiz Gustavo, conseguiu, por intermédio de seu pai, que fizéssemos um teste em um time do interior de São Paulo. Ficamos lá por uma semana e logo me desanimei com a dura realidade dos meninos que tinham um sonho de ser jogador de futebol e, com ele, vencer na vida. Os treinos eram cansativos e chatos. Eu queria jogar e foram poucos os coletivos. Logo percebi que aquela não seria a minha realidade.

Lembro nessa ocasião que não ficamos no alojamento como os demais meninos que iam fazer testes. Como tínhamos um contato, ficamos no apartamento que o clube alugava para os jogadores do time júnior. No apartamento somente havia um jogador, que não sei por qual motivo não viajou com os demais atletas para a pré-temporada. Seu nome não me lembro mais, mas o apelido era Balu. Como dividimos o apartamento, ficamos mais próximo desse jogador. Contava que jogava por 500 reais mensais e sentia muita falta da sua família, que ficara no Nordeste e somente os encontrava no natal.

Dessa forma, a realidade do futebol ficou muito próxima e ao longo da semana que lá ficamos as histórias dos garotos que moravam no alojamento do clube eram muito parecidas. Nesse momento vi que realmente não conhecia esse lado do esporte. Eu e o meu amigo ficamos uma semana e voltamos para São Paulo. Não pretendíamos ficar em testes mais uma semana ou quem sabe até o fim do mês, pois sabíamos que aquela era uma realidade muito diferente da que a gente esperava encontrar e que não largaríamos os estudos em nossa cidade, para nos aventurarmos numa dura e imprevisível realidade.

O futebol nunca deixou de fazer parte da minha vida e acredito que faça parte da vida de muitos brasileiros. Sempre que posso assisto aos jogos pela televisão ou vou ao estádio, e sempre que é possível, jogo futebol. O que mudou foi apenas o meu olhar sobre essa minha paixão de infância. Vamos ao aquecimento!!!



**Aquecimento**

O aquecimento é algo muito importante em qualquer esporte. Geralmente, o local escolhido para a sua realização é o próprio campo de jogo. Nele acontece o primeiro encontro com a torcida e rapidamente percebe-se qual equipe ela vai apoiar e incentivar. É com essa intenção de aproximá-los do tema que começo esse aquecimento. Convido-os, então, para refletir um pouco sobre o que é pesquisar.

Após assistir a entrevista de um diretor de cinema, me identifiquei muito com a sua fala. Dizia que o produto final, o filme, passava por uma série de etapas até chegar ao consumidor. Para a realização da película receberam uma verba e com ela um prazo para concluí-la. Antes do início das gravações, realizaram uma extensa pesquisa, uma espécie de levantamento bibliográfico para caracterizar os personagens, suas falas, seus figurinos etc. Cenas e cenas foram gravadas e após reunir um enorme material, iniciaram a fase da edição. O grande número de informações foi depurado e transformado no produto final. Muitas sugestões, opiniões e modificações foram feitas até chegarem à versão oficial. O filme passou por uma crítica especializada e também foi analisado pelas mais diferentes cabeças, pois um dos objetivos da produção de um filme é que ele atinja um número maior de pessoas.

Mas o que isso tudo tem a ver com a pesquisa? É tudo muito parecido. Eu consegui uma bolsa de estudos, do CNPq, para realizar o trabalho, que sem ela seria muito difícil me dedicar exclusivamente à pesquisa. Com a bolsa recebi também um prazo: “sua bolsa durará 2 anos a partir dessa data, favor assinar aqui!”. Foi com essa mensagem na cabeça que saí contente após saber que eu fora um dos contemplados com uma bolsa de estudos. Infelizmente, o número de bolsas é pequeno e muitos outros colegas não foram contemplados.

Vejo que a elaboração da dissertação se assemelha muito com a produção de um filme. Após reunir um grande número de informações, fruto de um extenso levantamento bibliográfico, chega a hora de mostrá-las ao orientador e a outras pessoas próximas para que opinem. Afinal, outros olhares sobre o seu tema são sempre enriquecedores e com eles surgem os cortes, alterações na ordem do texto ou inclusão de novos temas.

Pronto, chegou a hora da defesa da dissertação diante de meu orientador e de mais dois especialistas. E como no exemplo do filme, espera-se que a versão final atinja o maior número de pessoas e que as críticas sejam incorporadas no presente trabalho. Bom jogo!!!

# **Introdução**

Há quem diga que o Brasil é o país do futebol ou que os melhores jogadores saíram daqui. Não há como separar o futebol da imagem do povo brasileiro. Com certeza, as cinco conquistas do principal torneio futebolístico mundial, a Copa do Mundo, contribuíram para sedimentar mundialmente essa imagem.

O Brasil consolidou essa imagem para fora de “país do futebol”, somente porque aconteceu um longo processo de apropriação e transformação do futebol em esporte nacional. Isso pode ser revelado, como relata Mascarenhas (2004) no levantamento feito pelo Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ em 1993, junto aos municípios então existentes, sobre quais equipamentos de uso coletivo estavam disponíveis para a população. Os resultados indicam o “campinho de futebol” como elemento da paisagem mais freqüente do que a igreja ou qualquer outro equipamento de uso coletivo.

Se há necessidade de atualizar os dados por conta das possíveis mudanças em tais municípios, o IBGE divulgou, no início de 2006, uma pesquisa sobre o perfil dos municípios brasileiros em relação aos esportes desenvolvidos no ano de 2003. Dentre as atividades esportivas realizadas em todos os municípios brasileiros, o futebol apareceu em 95,5% do total dos eventos; em segundo lugar ficou o futsal (futebol de salão) com 66%; e somente em terceiro lugar apareceu uma modalidade esportiva que não está relacionada com o futebol, o voleibol, com 60,3%. Mais do que explicar a importância do futebol em nossa sociedade, tais dados revelam que esse esporte faz parte da vida cotidiana do povo brasileiro.

Para a maioria da população brasileira, o futebol é uma atividade de lazer. Muitos acompanham os campeonatos, discutem os lances e esperam o dia seguinte para brincar com seus colegas a respeito da vitória do seu time. Enfim, o futebol faz parte da vida de grande parcela da população. As crianças experimentam as primeiras emoções e o prazer desse jogo por meio da prática, seja ele jogado com bola, lata, descalço, sozinho ou em grupo. No entanto, para alguns, com o passar do tempo, essa atividade deixa de ser lazer e transforma-se em dever. A busca do sonho de ser jogador de futebol profissional faz com que essa atividade de lazer passe agora para outra esfera, a do trabalho.

Portanto, o futebol possui um significado para o povo brasileiro. Um dos pilares que sustenta esse significado são seus ídolos e heróis. Existe em torno dessas figuras uma mitologia que é criada e recriada. Dificilmente pensamos o futebol sem a presença do ídolo ou do herói.



Os capítulos que constituem essa dissertação possuem autonomia, sendo que os capítulos iniciais funcionam como suporte para a discussão principal e foco do trabalho. A dissertação foi concebida a partir de pressupostos antropológicos e da opinião dos jogadores profissionais e ex-jogadores para entender a importância do ídolo no processo de construção do sonho de ser jogador profissional.

Como já estamos aquecidos, vou explicar o que pretendo com esse jogo, como está estruturado o trabalho e como será desenvolvida a tática de jogo até o apito final. No capítulo um, inicio o trabalho com a apresentação do campo de jogo. Explico o método utilizado na pesquisa, quais são os sujeitos envolvidos, o roteiro aplicado na pesquisa de campo. Enfim, faço um panorama geral da estrutura da dissertação e depois desenvolvo o referencial teórico junto aos dados obtidos no campo.

Para tratar da importância do futebol em nosso país, no capítulo dois busco resgatar o início de uma prática que aportou no país como uma atividade de lazer, para, tempos depois, se consolidar como o principal esporte da nação.

No capítulo três, dialogo com dois autores, Joseph Campbell e Mircea Eliade, que buscaram decifrar a fascinante questão do mito. Relaciono o mito com a cultura

Inicio o capítulo quatro conceituando o imaginário social com o objetivo de estabelecer uma relação com o conceito de mito e analisar alguns pontos relevantes e rotineiros quando trata-se de futebol. Após esse levantamento, analiso alguns pontos futebolísticos que podem ser lidos a partir do mito ou do imaginário. São eles: a atribuição a Charles Miller como o introdutor do futebol no Brasil; o futebol visto como ópio do povo; o futebol e a idéia de identidade nacional; o dom e a sua magia presente no futebol brasileiro; a polêmica questão do futebol-arte x futebol-força; por fim trato do sonho de ser jogador profissional, no qual abordo o início no futebol, a tentativa de profissionalização e a concretização ou não do sonho de ser jogador profissional.

Todos os tópicos tratados até aqui funcionam como um suporte para o entendimento da questão central da dissertação: a influência dos ídolos e heróis na composição do sonho de ser jogador profissional. A identificação com esses homens heróis alimenta o sonho de ser jogador?

A partir dessa pergunta, será analisada a maneira como a identificação com o ídolo e herói esportivo influenciou na formação dos jogadores que conseguiram um espaço nos

clubes de futebol. Tornar-se um ídolo esportivo era algo a ser conquistado? A fama é um ponto importante a ser atingido? Consideram-se ídolos de seus times? Assim, o ídolo e o herói esportivo são o tema do quinto capítulo.

Há no imaginário social a idéia de que os que se aventuram no mundo do futebol conseguirão mudar sua condição de vida. Sem dúvida esse fato representa uma possibilidade de ascensão social. Porém, poucos atletas concretizarão esse sonho e muitos ficarão pelo caminho e somente poderão se contentar pelo fato de ter sido jogador de futebol, já que grande parte dos que tentam ingressar no mundo profissional são excluídos prematuramente do processo.

Ser ídolo seduz os demais porque representa o reconhecimento pelos inúmeros investimentos feitos à carreira de jogador profissional. No entanto, o ídolo opera dentro de uma lógica cíclica, isto é, tão logo não corresponda aos objetivos que um ídolo deve cumprir (excelente desempenho na prática do futebol), será dispensado e o ciclo será completado por outro atleta que preencherá as exigências para se manter como ídolo. A imagem de ídolo pode ser mais duradoura do que o tempo que o jogador desfrutará dessa posição, pois nenhum atleta consegue se manter por muito tempo no auge da carreira e caso possua uma identidade junto ao clube e a torcida, estabelecida pela relação de apego, fidelidade e amor à camisa, certamente será lembrado como o “grande jogador” daquele clube.

Junto ao corpo teórico deste trabalho, apresento e analiso as respostas de 11 jogadores entrevistados. Portanto, a partir desse referencial teórico e da pesquisa de campo, pretendo identificar e entender se os ídolos e heróis, presentes na infância dos atletas e ex-atletas profissionais, foram determinantes na decisão de seguir uma carreira profissional de jogador de futebol.

**1**  
**Campo de jogo**

Esta pesquisa objetiva identificar e analisar, junto a alguns jogadores profissionais e ex-jogadores, se a presença de ídolos e, eventualmente, de heróis do futebol em suas vidas, foi determinante na decisão de tornarem-se jogador profissional. Procuo compreender, a partir do relato dos entrevistados, como a identificação e o desejo de ser igual a esses personagens influenciaram no sonho de ser atleta de futebol profissional. Também analiso alguns temas centrais, muitas vezes entendidos como mitos que compõem a construção social do futebol pelo brasileiro. São eles: Charles Miller como o pai do futebol, ópio do povo, identidade nacional, dom, futebol-arte e futebol-força, sonho de ser jogador.

Na tentativa de tornar a leitura da dissertação menos cansativa, mais simples e prazerosa, optei por analisar as entrevistas em conjunto com o referencial teórico. Não quis que a estrutura do trabalho ficasse dividida em dois blocos distintos: o referencial e a pesquisa de campo. Por isso, apresentarei o método utilizado, o roteiro e os sujeitos que participaram da pesquisa. O restante do trabalho é um diálogo, enfim, uma intersecção do campo teórico com a pesquisa de campo.

## 1.1 Método

O futebol pode ser analisado por diferentes pontos, métodos e objetivos. Nessa pesquisa, o foco principal será a formação do ídolo e do herói e como a sua presença influencia ou influenciou a decisão, de atletas e ex-atletas, de transformar um sonho de infância em realidade. A proposta desse estudo é de caráter qualitativo e segue a linha de pesquisa das ciências humanas. De acordo com Thomas e Nelson (2002), a pesquisa qualitativa é composta por uma amostra pequena, a partir do tratamento indutivo da hipótese, e a análise dos dados é feita a partir da interpretação do pesquisador.

A fim de coletar informações necessárias para a pesquisa, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com jogadores e ex-jogadores de futebol profissional. Segundo Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada parte de alguns questionamentos básicos relacionados com a pesquisa e que está balizada por um referencial teórico. A entrevista torna-se rica quando, conforme as respostas, novas perguntas e hipóteses são feitas, assim o entrevistado

pode seguir sua linha de pensamento e colaborar com o conteúdo da pesquisa. Portanto, a entrevista semi-estruturada permite ao entrevistado esclarecer os pontos colocados, segundo seus conhecimentos, sobre o assunto tratado.

Conforme as condições apresentadas no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” entregue a cada um dos entrevistados, os mesmos estavam cientes de que as informações por eles concedidas seriam usadas exclusivamente para a pesquisa em questão e que os seus nomes seriam mantidos em sigilo. O texto na íntegra do Termo encontra-se no Apêndice A.

Nesse trabalho realizei uma interpretação da influência do fenômeno ídolos e heróis como um dos “motores” do sonho de ser jogador de futebol, isto é, as representações dessas figuras como peças importantes na composição do desejo de ser jogador profissional. Foram realizadas 11 entrevistas com jogadores e ex-jogadores profissionais, de modo a traçar uma visão abrangente e complexa se a presença e influência dos ídolos e dos heróis foram ou não importantes na decisão de seguir a carreira profissional. As entrevistas constituem uma rica fonte de elementos para a interpretação dessa construção.

É pressuposto que boa parte dos meninos brasileiros sonham com a possibilidade de serem jogadores de futebol profissional, pois tais profissionais possuem um status importante em nossa sociedade. Representam o sonho realizado, freqüentam constantemente a mídia esportiva e compõem uma das partes da paixão futebolística. Os atletas funcionam como produtores de representações sociais da sociedade em que vivem.

Ao longo do texto objetivo analisar e interpretar os dados obtidos e não simplesmente descrevê-los. Amparado pelo o que André (2005) chamou de estudo do tipo etnográfico, isto é, uma adaptação da etnografia, minha intervenção na pesquisa de campo aconteceu somente pelo contato com os atletas no momento da entrevista. No entanto, utilizei algumas técnicas características da etnografia, tais como a entrevista intensiva e a análise de documentos<sup>1</sup>. As entrevistas têm por objetivo aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados; por fim, a análise dos documentos funciona como um suporte e complemento para contextualizar as informações coletadas.

---

<sup>1</sup> Há uma terceira característica, que eu não utilizei, chamada observação participante. Segundo André (2005), a observação é participante porque o pesquisador interage com a situação estudada. Como não tive um contato intensivo, no sentido de acompanhar e vivenciar algumas situações com os entrevistados, não utilizei essa técnica.

Diante dos dados obtidos, não procurei fazer uma generalização sobre o que todos os jogadores pensam, e sim fazer uma generalização dentro do caso estudado (11 jogadores selecionados) de modo a configurar “padrões” no discurso dos atletas.

## 1.2 Do roteiro aos sujeitos

O roteiro elaborado para a entrevista semi-estruturada foi dividido em quatro temas: 1. o início no futebol; 2. a tentativa de profissionalização; 3. a importância do ídolo e 4. a concretização do sonho. As entrevistas foram realizadas entre agosto de 2005 e janeiro de 2006, gravadas em fita cassete e transcritas na íntegra para análise. O relato oral foi a fonte primária e principal de coleta de informações junto aos entrevistados. A princípio, seriam somente entrevistados jogadores profissionais. No entanto, por algumas circunstâncias<sup>2</sup> foi possível entrevistar dois ex-jogadores profissionais. Eles foram incluídos na pesquisa pelo fato de contribuírem de forma importante para a composição da mesma.

A escolha dos jogadores profissionais para participar da pesquisa foi motivada por ocuparem uma condição de destaque no cenário futebolístico paulista e até mesmo nacional. Esses jogadores são vistos como ídolos e heróis do futebol atual, estão em evidência e compõem o imaginário do torcedor que os vêem muitas vezes como ídolo e herói de seu time do coração.

Souto (2000) divide a carreira do jogador de futebol profissional em três fases: o anonimato, a fama e o ostracismo. Essa divisão somente serve para os jogadores que conseguem atingir um reconhecimento por parte do público que consome o futebol, pois sem eles não há fama. Portanto, o ciclo não se fecha quando o atleta atinge a categoria profissional, ela representa o meio do caminho do processo. Apesar de estarem no meio do processo, optei por recolher informações desse público, pois é nessa etapa que atingem o auge da carreira e o maior

---

<sup>2</sup> A entrevista piloto foi realizada com um ex-jogador, pelo fato do mesmo ter maior disponibilidade para responder às perguntas, diferentemente dos atletas profissionais que possuem uma série de compromissos extra campo. Com mais tempo, seria possível identificar possíveis falhas no roteiro da entrevista semi-estruturada. No segundo semestre de 2005, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), cursei a disciplina “História Sociocultural do Futebol: impulso lúdico, composição e significações”, ministrada pelos professores Flávio de Campos e Hilário Franco Júnior. Como o trabalho final da disciplina foi a de realizar uma entrevista com alguém ligado ao futebol, resolvi incluir minhas perguntas no roteiro proposto pelos professores. Como havia muitas perguntas, resolvi falar com um ex-jogador.

reconhecimento, seja da torcida, da mídia ou do clube. E no caso dos jogadores que são considerados ídolos, possuem um reconhecimento na sociedade representada pela fama. Na base desse longo caminho encontram-se os meninos que, ainda anônimos, lutam para ganhar espaço e ingressar num clube grande. Considero-os como aqueles que “querem” ser jogador. O meio do processo caracteriza-se pelos que “são” jogadores de futebol, os que conseguiram superar os obstáculos e realizaram o tão almejado sonho, independentemente se são famosos ou não. O fim do processo completa-se com os que “foram” jogadores profissionais, agora exercendo as mais diversas atividades, sejam elas esportivas ou não. Novamente só estarão no ostracismo aqueles que algum dia estiveram em evidência e um jogador pode ficar no ostracismo em todas as fases apontadas por Souto (2000).

Os entrevistados atuam em equipes localizadas na região de Campinas e de times de São Paulo, Capital. Portanto, os clubes selecionados para compor a pesquisa foram: de Campinas, o Guarani e a Ponte Preta; da cidade de São Paulo foram o Corinthians<sup>3</sup>, o Palmeiras<sup>4</sup>, a Portuguesa e o São Paulo.

De acordo com Thomas e Nelson (2002), na pesquisa qualitativa a seleção dos sujeitos é feita propositalmente entre os que podem nos ensinar ao máximo, por apresentarem certos níveis de especialidade e experiência. Portanto, fui direto na seleção dos entrevistados e em cada clube foram escolhidos dois atletas. Caso não houvesse êxito quanto à aceitação do atleta para a entrevista, eu já indicava ao assessor de imprensa mais de dois nomes, sempre na minha ordem de preferência.

As entrevistas apresentadas junto ao corpo teórico funcionam como um complemento da discussão. Assim, a descrição e a inferência aparecem em conjunto para que a resposta do entrevistado e a minha interpretação sobre a mesma não fiquem distantes. Na discussão das entrevistas não utilizo todas as perguntas, abordo somente as que compõem o foco principal do trabalho. Apresento o roteiro utilizado nas entrevistas:

### ***1 – O início no futebol***

---

<sup>3</sup> Fiz alguns contatos no fim de 2005, mas não obtive sucesso. O Corinthians é um time que, por meio de sua assessoria de imprensa, impõe uma série de dificuldades para o contato com os jogadores. Apesar de ser um time que participaria da pesquisa, devido à saturação das respostas e principalmente pela dificuldade em realizá-las, optei por não fazê-las.

<sup>4</sup> Realizei somente uma entrevista, pois no dia em que faria a outra o treino começou mais tarde e o jogador selecionado justificou para o assessor que tinha outro compromisso naquele horário. Diante da saturação das respostas, resolvi não realizar a entrevista em outra data.

1. Quando você era criança quais eram suas brincadeiras favoritas?
2. Como começou a jogar futebol?
3. Praticava outra modalidade? Por que escolheu o futebol?

#### **2 – A tentativa de profissionalização**

4. Como ingressou no seu primeiro clube como profissional?
5. Havia tentado outros clubes?
6. Alguém te apoiava na tentativa de ser jogador profissional?

#### **3 – A importância do ídolo**

7. Você possui algum ídolo no futebol?
8. Você queria ser igual a ele?
9. O fato de possuir um ídolo influenciou em sua escolha de ser um jogador profissional?
10. Você acredita que esse ídolo possui (u) um dom para jogar futebol?
11. Existe alguma diferença entre ser ídolo e herói?
12. O ídolo é importante para o futebol?

#### **4 – A concretização do sonho**

13. O que representa para você ser um jogador profissional?
14. Você se considera um ídolo? Por quê?

### **1.3 Quem joga**

A pesquisa de campo, sem dúvida nenhuma, traz elementos fundamentais para a discussão aqui proposta, além de ser um momento muito interessante e privilegiado de interação com o seu objeto de análise. É ali, no campo, que o pesquisador se depara com a seu trabalho na prática. No meu caso, foram realizadas entrevistas com jogadores e ex-jogadores de futebol.

Todas as entrevistas com os jogadores profissionais foram agendadas por meio de um assessor de imprensa. Ele consultava os jogadores e explicava os objetivos da entrevista.



Após concordarem em participar da pesquisa, o assessor me passava o dia, local e hora que eu deveria comparecer. Meu único pedido ao assessor foi para sempre entrevistá-los depois dos treinos, pois não queria competir com o assédio da imprensa. A presença do assessor, de maneira geral, facilitou para que as entrevistas fossem, salvo algumas exceções, agendadas num curto espaço de tempo. As entrevistas foram realizadas nos centros de treinamentos ou no campo de jogo do próprio clube. Com os ex-jogadores, o contato foi diretamente com eles. Aqui apresentarei alguns dados dos entrevistados e uma visão geral de como foi o andamento da entrevista.

*Entrevistado 1*

Ex-jogador, 51 anos, meio-campo, atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 2*

Jogador, 33 anos, volante, nunca atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 3*

Jogador, 25 anos, goleiro, nunca atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 4*

Jogador, 32 anos, goleiro, nunca atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 5*

Jogador, 21 anos, atacante, nunca atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 6*

Ex-jogador, 63 anos, meio-campo, atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 7*

Jogador, 28 anos, atacante, atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 8*

Jogador, 29 anos, goleiro, nunca atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 9*

Jogador, 32 anos, lateral-esquerdo, atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 10*

Jogador, 30 anos, volante, atuou pela seleção brasileira.

*Entrevistado 11*

Jogador, 35 anos, goleiro, nunca atuou pela seleção brasileira.

## **2** **Chegada do futebol**

## 2.1 “Um jogo absorvente<sup>5</sup>”

São inúmeras as versões sobre a chegada do futebol no Brasil. O que há de concreto nas histórias sobre o início da prática futebolística são as incontáveis controvérsias, tendo como resultado uma falta de consenso. Mesmo porque, em se tratando de futebol, o consenso é algo difícil de acontecer, já que as discussões, as controvérsias e as jocosidades funcionam como um combustível da importância que o futebol possui para o brasileiro. Inúmeras hipóteses e especulações são levantadas a fim de estabelecer onde, como e por quem o futebol chegou ao país.

O período compreendido entre o final do século XIX aos dias atuais corresponde ao longo processo no qual o futebol foi incorporado pelo brasileiro como um ícone de sua cultura. Apesar da enorme diversidade cultural que produz e confecciona muitas teias, sempre somos lembrados como o país do samba e do futebol.

Teia de significados<sup>6</sup> é o termo utilizado por Geertz (1989) ao se referir à cultura, para ele a cultura seria a teia que o homem teceu e a qual está amarrado. Em um dos capítulos de seu livro, descreve e analisa a briga de galos em Bali. Classifica tal prática como um jogo absorvente, pois grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. Afirma que a briga de galos não é absorvente pelo dinheiro envolvido nas apostas, mas sim o que o dinheiro faz acontecer, isto é, a migração da hierarquia de status da sociedade balinesa para o corpo da briga de galos.

A briga de galos coloca “[...] em foco essa espécie de experiências variadas da vida cotidiana, que a briga de galos executa, colocada à parte dessa vida como apenas ‘um jogo’ e religada a ela como ‘mais do que um jogo’” (GEERTZ, 1989, p. 318). A referência é sobre a briga de galos, mas poderíamos nos apropriar desse trecho para ilustrar como o futebol é vivido em nossa sociedade. Pode-se entender o envolvimento do brasileiro com o futebol a partir da noção de jogo absorvente proposto por Geertz, já que grande parte da sociedade brasileira se revela por meio de uma partida de futebol (VOGEL, 1982; DAOLIO, 2003).

O brasileiro espera ansioso por uma Copa do Mundo, disputada de quatro em quatro anos e que desperta a atenção do mundo inteiro. Esse evento esportivo gera enormes

---

<sup>5</sup> Um jogo absorvente é uma expressão utilizada por Geertz (1989) e que leva o nome do capítulo 9, no qual descreve a briga de galos em Bali.

<sup>6</sup> Geertz utiliza o termo teia de significados a partir de uma metáfora de Max Weber.

transformações no cotidiano. O verde-amarelo é visto em todas as esquinas, prédios, casas ou mesmo nas roupas e certamente em outra ocasião essa combinação de cores seria considerada deselegante. A bandeira nacional é pendurada em inúmeros lugares, ruas são pintadas e decoradas com fitas, bandeirinhas ou algo que faça alguma alusão ao verde e amarelo. Bares são decorados e preparados para transmitir os jogos. Em época de Copa do Mundo as pessoas são dispensadas mais cedo do trabalho e da escola para assistir aos jogos da seleção brasileira. No entanto, esse fato somente acontece com esse evento futebolístico, pois a rotina da cidade segue inalterada e não há mudança no horário laboral quando o país disputa uma Olimpíada.

O futebol, como espetáculo consumido no tempo livre, transforma a vida dos brasileiros. Isto também ocorre em dias de clássicos nos campeonatos regionais ou nacionais. Ele é jogado o ano inteiro. São vários campeonatos e muitos disputados simultaneamente. A paixão do brasileiro pelo futebol contribui para que a figura do homem nacional seja relacionada a esse esporte, tanto na sua vida profissional quanto nos momentos de tempo livre do lazer. É pressuposto que este fenômeno passe ao resto do mundo essa imagem de paixão nacional do povo brasileiro, porque expressa um componente importante de nossa cultura. Mas como o futebol poderia expressar a cultura do povo brasileiro, se ele nem mesmo é uma invenção legítima desta terra?

A resposta a essa pergunta intriga os estudiosos que chamam a atenção para as dramatizações que o futebol proporciona para a sociedade brasileira. Por meio dele, a sociedade se expressa, ou seja, o povo extravasa suas características emocionais profundas (DAOLIO, 2003). Tudo isso acontece porque o futebol possui um significado específico e uma grande importância para a sociedade brasileira.

Para entender como o futebol foi significado pelo povo brasileiro é preciso considerar como o futebol passou a pertencer à cultura brasileira. Assim, a análise do início do futebol e de como a figura-mito de Charles Miller (ver item 4.1) tornou-se o ícone do responsável pela introdução do futebol no país, foi de suma importância para entender todo o processo de popularização desse esporte no Brasil e de como passou a compor o “habitus” brasileiro. Situei como uma atividade de lazer tornou-se um esporte nacional.

### 2.1.1 Vai começar o jogo

Ao todo são 22 jogadores para cada lado e cada time é formado por um grupo de 11 jogadores. Há um árbitro que tem a incumbência de aplicar um conjunto de 17 regras. Essas equipes disputam a supremacia por uma bola conduzida preferencialmente com os pés. Seu objetivo é colocá-la dentro da baliza adversária. Feito isso, reinicia-se todo o processo. Essa descrição é simples, óbvia e objetiva. No entanto, para a sociedade brasileira seu significado está carregado de forte simbolismo.

DaMatta (1982) entende o futebol como um fenômeno social que está intimamente ligado à sociedade e que atinge todas as camadas sociais. Para ele, o futebol seria um veículo para uma série de dramatizações da nossa sociedade. O autor amplia o conceito de drama<sup>7</sup>, pois o utiliza como uma modalidade de ritual e ritualização, isto é, como um ponto básico do processo de ritualização. Afirma que o drama é um momento privilegiado para “ler” e perceber a sociedade, e no caso específico, o futebol permite ver como a sociedade brasileira “fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (p. 21).

O futebol, portanto, não pode ser visto apenas como algo superficial, como um simples jogo esportivo que tem início e fim demarcados pelo apito do árbitro. Ele é muito mais do que isso, “mexe” com a nação acompanhando-a durante toda a vida. O brasileiro come, pensa, respira futebol e, de certo modo, aprende com e por intermédio dele, particularidades de sua própria cultura.

Antes de discutir sobre a popularização do futebol e como passou a fazer parte da dinâmica da vida brasileira, é preciso pontuar o início desse esporte inglês em terras brasileiras. Uma idéia pouco explorada pelos estudiosos do futebol é a chegada desse esporte como uma atividade de lazer.

### 2.1.2 O início de uma prática de lazer

---

<sup>7</sup> DaMatta (1982) trabalha o conceito de drama baseado em Victor Turner e Max Gluckman.

No Brasil, o esporte que ocupa hoje o posto de número 1 da nação é o futebol. Para chegar a essa condição, o futebol, ao longo dos anos, ganhou espaço entre os demais esportes e, como consequência de maior visibilidade, também conquistou novos adeptos. Por isso, Vogel (1982) perguntou como o jogo de futebol pode ser tão brasileiro, sem ter nascido aqui e nacional, sem nos pertencer?

A primeira e mais rápida explicação dirá que é um jogo simples, com poucas regras e de fácil execução, afinal, em qualquer lugar pode-se praticar futebol. No entanto, somente os pontos levantados não respondem à questão em sua totalidade, é preciso entender como ele passou a fazer parte de nossa cultura.

Somente a partir do momento em que o futebol foi apropriado e transformado em um produto nacional, que possibilitou ao seu povo vivenciar essa prática das mais variadas formas, é que o futebol transformou-se em um esporte genuinamente brasileiro. O futebol, ao chegar como novidade, como algo moderno provindo de um lugar considerado “culturalmente avançado” ganhou reconhecimento da elite<sup>8</sup>, que encontrou nesse esporte uma condição de fazer parte da modernidade<sup>9</sup>, apropriando-o rapidamente.

O início da prática futebolística mais organizada e sistemática restringiu-se à elite, já que era jogado nos clubes privados e nos colégios, ou seja, desenvolveu-se nessa classe social (CALDAS, 1994). O caráter inicial da introdução do futebol no Brasil

[...] é o de um “produto de importação” materializado seja por intermédio das empresas inglesas instaladas no país (com seus engenheiros, seus técnicos que trazem não somente sua tecnologia mas também seu estilo de vida, **seus lazeres**, assim como a moral do esporte), seja pela mediação indireta dos ingleses exercida através das viagens da alta burguesia brasileira à Europa, dos estudos de seus filhos em colégios europeus onde se joga futebol (grifo nosso) (LOPES, 1994, p. 69).

A partir do momento em que começou a ser praticado por operários e trabalhadores das classes populares, o futebol enquanto uma opção de lazer e sociabilidade se difundiu como um novo componente do meio social urbano (PRONI, 2000) conquistou o espaço

<sup>8</sup> “Inicialmente as elites eram os nobres, políticos e aristocratas ligados à economia agro-exportadora. Posteriormente também se deve considerar a ascensão de setores urbanos, como militares, parte da intelectualidade e industriais” (MELO, 2000, p. 207).

<sup>9</sup> Não é meu objetivo entrar na discussão da modernidade e da pós-modernidade. Utilizo o termo modernidade com o sentido que é utilizado no cotidiano, portanto, como uma qualidade de moderno. Por moderno, utilizo-o como sinônimo de recente, atual e de “algo que está na moda”.

que era do críquete<sup>10</sup>, apropriando-se de seus adeptos e de seus campos (LUCENA, 2001). Aqui é importante destacar que a configuração da prática de esportes estava voltada para o divertimento, assim Pereira (2000, p. 59), destaca o futebol como uma prática de lazer e afirma que os excluídos do processo, os negros, os mestiços e os pobres em geral, “Sem ater-se ao caráter nobre atribuído ao jogo por muitos de seus defensores, iam fazendo dele uma **alternativa de lazer** e um meio de diversão, que atraía um contingente cada vez maior de admiradores entre as classes trabalhadoras” (grifo nosso).

Scaglia (2003, p. 34) também mostra indícios de que o futebol “[...] incorporando os jogos/brincadeiras de bola com os pés, que já aconteciam nos colégios jesuítas, nos **momentos de lazer** dos funcionários ingleses e marinheiros” (grifo nosso) chegou como uma atividade de lazer, uma brincadeira na qual o prazer estava intimamente ligado à atividade que praticavam.

A chegada dos esportes enquanto atividades de lazer, não foi algo exclusivo do futebol no Brasil. Conforme relatam Elias e Dunning (1992), foi na Inglaterra considerada como um modelo e depois em outros países que as atividades de lazer assumiram características estruturais de esportes. Afirmam que nesse processo as regras cumprem um importante papel, o de uniformizar a prática e estabelecer um equilíbrio entre a grande tensão da disputa e um possível controle da violência.

Em uma nação ainda em formação como a brasileira, valorizava-se o que vinha de fora do país. O futebol, incorporado como uma atividade de lazer e significado como uma forma de representação e identidade, passou a integrar o “habitus” brasileiro. Conforme relata Sevcenko (1992), o futebol já estava mais consolidado durante o Campeonato Sul-Americano de 1919 e questões como honra pessoal e orgulho patriótico na paixão futebolística já eram vistas. Nesse período, o jornal O Estado de S. Paulo passou a cobrir com grande entusiasmo as práticas esportivas na coluna de esportes.

Foram as atividades esportivas, em especial o futebol, que preencheram o tempo de lazer da sociedade no início do século passado. Elas integraram o cenário urbano e pertenciam à cidade, ou seja, compunham parte de um todo que se formava, sendo de grande importância para a construção de um novo “habitus”.

---

<sup>10</sup> Outros esportes como o turfe e o remo também tiveram grande popularidade até a chegada do futebol. Ver Lucena (2001).



### 2.1.3 O futebol foi incorporado ao “habitus”

O que seria esse “habitus”? Elias (1997) explica que o “habitus” significa a “segunda natureza” ou “saber social incorporado” e que esse conceito gera um equilíbrio entre continuidade e mudança. Também ressalta que o “habitus” nacional de um povo não está relacionado com a genética, e sim vinculado ao processo particular de formação do Estado a que foi submetido.

Chauí (2003) também trabalha com a idéia de segunda natureza e afirma que o homem possui duas naturezas. A primeira seria comum a todos os seres vivos, sendo biológica, estrutural e funcional. Diferentemente dos animais e das plantas, o homem possui uma segunda natureza: a cultura. Essa natureza adquirida, chamada de segunda natureza, aperfeiçoa e desenvolve a natureza inata de cada pessoa.

O futebol foi incorporado pelo “habitus” brasileiro, ou seja, passou a ter um significado para o nosso povo. Elias e Dunning (1992) destacam três pontos principais que realçaram o significado social das atividades de lazer, fazendo com que se diversifique o significado do esporte: a) o esporte como um meio de excitação agradável; b) transformação do esporte num meio de identificação coletiva; c) o esporte como um dos pontos que dão sentido à vida de muitas pessoas.

Por meio das atividades miméticas, pode-se discorrer acerca da difusão e aceitação dos esportes nas mais diversas sociedades, além do significado social que o esporte assumiu. As atividades miméticas estão relacionadas com o termo lazer e suas tensões e excitações, produzidas de forma simulada, imitam a vida real. Os autores concluem, ainda, que nos fatos miméticos sempre estará presente a excitação agradável, associada a um grau de medo e de ansiedade produzidos pelo prazer.

Esse prazer, representado na forma de divertimento, foi rapidamente incorporado pela elite como uma atividade de lazer e um passatempo. Tudo o que estava associado a essa diversão, como as bolas, os uniformes e as meias, foi importado da Europa. Mas não foi somente com o futebol que isso aconteceu, a elite brasileira apropriou-se de outros costumes europeus, como o chá da tarde, a moda e o mobiliário das casas. Era uma época de valorização dos costumes e hábitos estrangeiros (SHIRTS, 1982).

O esporte e, especialmente o futebol, foram incorporados ao processo de formação das metrópoles e, conseqüentemente, de um novo estilo de vida. O futebol popularizou-se num momento de expansão urbana. Novos centros surgiam e gradativamente o futebol passou a fazer parte do cotidiano do povo brasileiro em seu tempo livre. Assim, o esporte configurou-se como um elemento adequado às novas demandas sociais que se formavam nas metrópoles, especialmente no eixo Rio - São Paulo (SOARES, 2001).

É importante entender o contexto histórico e social para analisar como nos apropriamos e concedemos um significado ao futebol. Hoje vemos que os brasileiros gostam do futebol a partir do referencial de um clube do coração e esse vínculo com um determinado time, muitas vezes, gera uma grande paixão clubística traduzida por meio da fidelidade incondicional ao seu time.

Ao fazer parte, pertencer ou compartilhar dos mesmos emblemas, cores, cantos, ídolos etc, o time e sua torcida podem ser vistos como um clã<sup>11</sup>. Ao se reconhecer como um clã, os torcedores de um time estão mais susceptíveis a manter uma relação informal com os seus “iguais”. Mas o que eles têm em comum? Simplesmente, torcem por um mesmo clube. Vistos por um mesmo signo, nesse caso o time, cria-se uma predisposição para compartilhar fatos que os unem enquanto clã.

Se o contato for com um torcedor de outro clã, o resultado poderá caminhar para sentidos opostos, em casos extremos torna-se uma violência real e, em outros casos, as provocações ficam somente em tom de jocosidade. Machado (2000, p. 188) ilustra essa identidade em torno da preferência clubística:

Ao conhecer o pai de uma amiga, fez-se imediatamente a tradicional pergunta: qual é o seu time? Pergunta óbvia em qualquer relacionamento (masculino) que se inicia, e que permite estabelecer uma filiação, uma ligação ao universo dos clubes, universo representativo de um conjunto de emblemas, sentimentos, objetos e elos básicos. [...] se eu fosse palmeirense, como o pai de minha amiga, teríamos um vínculo em comum, assunto para muitas conversas e cumplicidade. De todo modo, torcendo ou não para o mesmo time, foi estabelecida uma relação, no caso, um elo que acentuava o conflito entre os clãs-times. Sempre que o meu time fosse derrotado pelo dele, alguma forma de jocosidade seria encenada, ou seja, mais um ingrediente de solidariedade em um relacionamento que poderia ser transitório, efêmero ou impessoal.

---

<sup>11</sup> Clã seria um emblema, uma forma de identificação entre as pessoas. No caso do futebol, pertencer a um clã é participar de uma relação informal com os outros elementos, pois mesmo sem conhecer os demais membros, sabem que possuem pelo menos uma única coisa em comum, o gosto pelo mesmo time.

Essa relação informal com as pessoas do mesmo clã ou de outro time gera uma identidade no primeiro caso e uma identificação no segundo. Essa relação entre os clãs é um dos fatores da sedimentação do futebol como uma paixão nacional, já que essa rivalidade foi muito importante no início do futebol enquanto uma prática mais sistemática. Isso poderia ser visto nos jogos entre os paulistas e os cariocas, ou se preferir, entre dois clãs diferentes.

Para as camadas populares, o esporte foi uma das diversões mais procuradas e o futebol se consolidou como a mais importante, tornou-se o principal passatempo e propiciou participação direta, apreensão e intervenção do povo (MELO, 2000). Portanto, o futebol não era jogado somente nos clubes de elite, era praticado nas ruas, nos clubes de subúrbio que se formaram, nas várzeas, nas praias, enfim, era jogado em muitos outros espaços. O fascínio criado por esse esporte passou a fazer parte do cotidiano do povo brasileiro e tornou-se a modalidade favorita da nação. A formação das Ligas de clubes para a disputa de um campeonato criou um importante elo entre o esporte e a sociedade.

A formação de clubes, levada a efeito por pessoas interessadas como espectadoras ou executantes numa ou noutra das suas variedades, representou um papel crucial no desenvolvimento do desporto. Na fase anterior ao desporto como a caça e uma diversidade de jogos de bola eram regulamentados de acordo com as tradições locais que variavam com frequência, de uma localidade para outra (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 65).

O surgimento dos times e a organização de campeonatos foram fundamentais para a consolidação do futebol como o esporte nacional. Em seu início, poucas pessoas viam os jogos entre os clubes, principalmente, por serem restritos aos membros dos clubes e das elites que freqüentavam aqueles espaços. A partir do momento em que os clubes começaram a disputar algumas partidas com equipes de outros Estados, como relata Pereira (2000) nos jogos realizados entre equipes de São Paulo e Rio de Janeiro, o interesse pelo futebol aumentou a cada partida.

O futebol não demorou a integrar o dia-a-dia do brasileiro, a delimitar uma boa parte da vida da população, principalmente no campo do lazer e a traduzir uma linguagem comum em uma sociedade marcadamente influenciada por este grande fenômeno cultural chamado futebol. Foi um meio pelo qual as pessoas passaram a se conhecer e a se aproximar, forneceu experiências comuns e integrou pessoas desconhecidas vindas de lugares variados. As pessoas habituaram-se a discutir com frequência sobre os jogos do fim de semana, a debater o lance do gol, o erro ou abuso de autoridade do juiz, a busca desesperada pela vitória, o

comportamento da torcida, o azar da derrota, a atitude do técnico, a bola na trave etc. Tornou-se o assunto entre amigos e desconhecidos. A reconstrução do jogo ganhou dimensões gigantescas. É nesse momento hipotético que o futebol é discutido e revivido. O difícil nessa hora é se chegar a um consenso. Por isso, uma partida de futebol não se limita apenas aos 90 minutos de jogo, mas até o próximo jogo de sua equipe.

Enquanto um elemento da nossa cultura, o futebol é capaz de construir uma narrativa que organiza e dá sentido à vida. Com isso, pode contar ao menos uma história, mesmo que seja uma história particular. Um brasileiro que tenha vivido alguns momentos do nosso futebol é capaz de dizer onde e com quem estava quando viu a seleção brasileira conquistar o tricampeonato mundial em 1970? Ou quando as seleções de Telê foram desclassificadas respectivamente em 1982 e 1986? Ou quando viu os pênaltis contra a Itália em 1994? Ou quando viu a França derrotar o Brasil em 1998? (SHIRTS, 1998). Incluo nessa lista as perguntas: onde e com quem estava na conquista do pentacampeonato mundial em 2002? Ou na derrota do Brasil para a França de Zidane em 2006?

As atividades esportivas se irradiavam por todos os lados e começaram a fazer de criaturas completamente anônimas até então, os novos heróis do novo mundo da ação permanente: mais famosos que os políticos do dia, mais celebrados que os poetas, só comparáveis aos grandes vultos da Grécia olímpica [...]. Dia a dia a cidade produzia e tronizava novos ídolos (SEVCENKO, 1992, p. 57).

Não só o futebol produzia seus ídolos ou heróis, também estavam presentes no hipismo, no ciclismo, na corrida de automóveis e na maratona. Nos dias de hoje, ajudado pelos meios de comunicação (entre os quais temos o jornal, a revista, o rádio, a televisão e a internet), o futebol consolidou-se como um esporte no qual todos têm acesso através da mídia. As informações sobre esse esporte têm grande destaque nos meios de comunicação e mesmo o sujeito que não se importa com futebol é obrigado a conviver com esse fenômeno cultural.

#### 2.1.4 O futebol conquista seu espaço

O futebol foi incorporado à teia de significados do povo brasileiro. Incorporou-se tão bem que, mesmo sem sermos os inventores dessa modalidade esportiva, hoje somos

reconhecidos como o “país do futebol”. É exatamente este casamento entre o futebol e o homem brasileiro que nos faz pensar na importância deste esporte em nossa cultura e as muitas possibilidades despercebidas de seu desenvolvimento e influência. O futebol é um ritual para os torcedores, um bom negócio para os investidores e uma ótima alternativa de lazer para os praticantes.

É preciso ficar claro que todo o processo de popularização do futebol e seu desenvolvimento, enquanto prática popular, não aconteceu de forma tranqüila. As tensões geradas entre os indivíduos e os grupos, um time ou clube, a rua e a cidade, estão presentes em todo o processo de solidificação do futebol no Brasil (LUCENA, 2001). O futebol é tido como um elemento integrador dentro de uma sociedade como a brasileira. Proporciona a identificação de grupo, ou seja, a idéia de se pertencer a um clã. Por isso, ao transformá-lo em esporte nacional, os brasileiros se auto-representaram por meio do futebol e, assim, esse esporte passou a ser um orgulho nacional (PEREIRA, 2000).

O destaque que o futebol possui em nossa sociedade também pode ser entendido a partir das atividades miméticas proposta por Elias e Dunning (1992), entendidas como simulação da vida real, por meio de tensões e da excitação agradável, essas atividades foram um ponto de integração importante da cidade. Em seu início, o futebol foi uma atividade de lazer que preencheu os laços ainda frágeis das relações entre as pessoas. Funcionou como uma atividade mimética na qual as pessoas queriam chegar a um objetivo comum, a busca pelo prazer em torno da prática do futebol.

Essas práticas iniciais do futebol no Brasil podem ser entendidas como sendo de lazer, pois, se analisadas em qual situação do cotidiano aconteciam, vamos encontrá-las nos momentos de divertimento dos sujeitos daquela época, nos momentos de recreio escolar, nos períodos de descanso e entretenimento dos marinheiros, após o período de trabalho e final de semana dos funcionários das indústrias colonizadoras.

O futebol consolidou-se quando foram organizadas algumas competições. Os clubes esportivos se disseminaram nas várzeas operárias. Os jornais de maior circulação em São Paulo, O Estado de S. Paulo e La Fanfulla, da comunidade italiana, e as uniões operárias montaram seus campeonatos. Tais atitudes funcionaram como um modelo para as demais cidades e são responsáveis pela consolidação de uma mentalidade e identidade esportiva paulista (SEVCENKO, 1992). Se em 1919, os jornais e revistas já reproduziam com grande frequência o

fervor esportivo e despertava em seus admiradores uma identidade e um orgulho de sentir parte da cidade o que dizer desse sentimento em pleno século XXI?

O futebol mudou muito desde a sua chegada ao Brasil. Para alguns, continua a ser um passatempo, sua atividade de lazer predileta. Para outros, tornou-se profissão, trabalho e dever. Mesmo com a profissionalização do futebol, é no espetáculo esportivo que ainda está presente a ocupação de lazer (Elias e Dunning, 1992), já que milhares de pessoas assistem às partidas no estádio ou pela televisão. Sua paixão continua presente, pois é o orgulho brasileiro que é visto quando alguém bate no peito e diz que somos os únicos pentacampeões do mundo.

O gosto do brasileiro pelo futebol é algo muito mais do que apenas geneticamente pré-determinado. Compreende boa parte da formação da nação brasileira que incorporou esse esporte como um elemento de identidade e expressão de sua cultura. Em outras palavras, esse “jogo absorvente” e profundo chamado futebol foi incorporado ao “habitus” do brasileiro. Capaz de contar histórias e pontuar a vida do brasileiro o futebol é vivido como um drama, no qual a sociedade se revela. Por isso, em época de Copa do Mundo, pode-se dizer que o país é reverenciado e simbolizado por meio de uma seleção de pessoas que jogam futebol. Os torcedores enquanto participantes desse processo cultural projetam na seleção uma série de anseios, angústias e vontades para, ao final da Copa, dizer que foi campeão junto com a seleção e lembrar que sem a sua torcida e, muitas vezes sem a superstição, o Brasil não sairia vencedor.

Entender como o futebol chegou à condição de esporte nacional, praticado nas horas de lazer e consumido enquanto espetáculo é de fundamental importância para os capítulos seguintes, já que os pontos trabalhados aqui são o ponto de partida para compreender a importância dos ídolos e heróis no futebol. Sendo assim, o esporte e o futebol, em particular, hoje encarado como um espetáculo, tem os grandes astros como referências dos clubes e seleções, que simbolizam os desejos e anseios dos torcedores e passam a ser vistos como ídolos e heróis e, em alguns casos, como deuses.

**3**  
**Mito**

### 3.1 O que é mito?

Ao entrar em contato com o mundo dos mitos, caminhei por vias desconhecidas, sem saber o que aconteceria a cada descoberta. Pensei que encontraria na literatura um porto seguro, capaz de conceituar o mito de forma única e definitiva. Se isso tivesse acontecido certamente não teria contato com um dos fascínios da temática, a diversidade de interpretações e possibilidades de se pensar o mito.

A pergunta que me intrigou desde o início foi a que leva o título desse tópico. Ao ler como as várias correntes lidam com o tema, percebi que a resposta a essa pergunta é a produtora de grande polêmica. Como não há uma resposta única, a palavra “mito” passou ser utilizada com diversos significados. Em seu uso corrente, mito opõe-se a tudo o que é verdadeiro e real (CAMARGO, 1995), em outras palavras, assume o sentido de mentira, ficção ou ilusão (CÉSAR, 1998; ELIADE, 2004). Também pode assumir o significado de lenda, fábula, alegoria ou parábola (BRANDÃO, 2000).

César (1998) ressalta que a utilização do mito no sentido negativo provocará uma decifração incorreta dos valores que o mesmo transmite e estará estabelecido um engano. Também pode haver uma manipulação do mito para que se obtenha poder sobre as massas e isso provocará uma mistificação. Tanto no engano quanto na mistificação, o erro é daquele que decifra e não do mito.

Certamente o uso de mito como sinônimo de mentira é o mais utilizado no cotidiano. Está errado o seu uso com esse significado? Não está, pois, ao assumir esse significado, o mito não perde seu valor. Conforme nos lembra Eliade (2004), em todas as línguas européias o mito denota uma ficção pelo fato dos gregos utilizarem o vocábulo com esse significado.

Estabelecido como o senso comum utiliza o mito e diante da grande controvérsia que há em torno do assunto, não pretendo discutir as inúmeras definições sobre o tema. Assumo, portanto, como referencial as contribuições dos mitólogos Joseph Campbell e Mircea Eliade. Procuro ao longo desse capítulo conceituar o mito no mundo contemporâneo.



## 3.2 O mito em Joseph Campbell

Para Campbell (1990), o mito é a experiência de vida, ou seja: “O mito ajuda a colocar sua mente em contato com a experiência de estar vivo” (p. 6). Segundo o autor, são quatro as funções dos mitos: a função mística, o entendimento da vida espiritual; a função cosmológica, o entendimento do universo, de sua forma e de seus mistérios; a função sociológica, o suporte e validação de uma ordem social que pode variar de um lugar para outro; a função pedagógica, os modelos de conduta e de vida em sociedade, viver uma vida humana sob qualquer circunstância.

Campbell (1990) afirma que a mitologia está relacionada aos estágios da vida, com os novos papéis que você passa a desempenhar, isto é, quando assume maiores responsabilidades como, por exemplo, ao passar da condição de solteiro para a de casado. Entende que esses tipos de rituais são ritos mitológicos. Considera que os motivos básicos dos mitos são sempre os mesmos e que a chave para encontrar a sua própria mitologia encontra-se na sociedade em que a pessoa vive, pois não há mitologia sem a sociedade. Os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana e ao ler os mitos é possível voltar para dentro e captar as mensagens dos símbolos. Dessa forma, o mito ajuda a colocar sua mente em contato com a experiência de estar vivo e dirá o que a experiência é.

Para Campbell (2002, p. 28), “[...] uma mitologia é uma organização de imagens e narrativas simbólicas, metáforas das possibilidades da experiência humana e a realização de uma dada cultura num determinado tempo”. Essa mitologia se comunicará por meio da metáfora, que constitui o elemento essencial do símbolo, revelando como o mundo é. “As diferentes mitologias definem os significados possíveis da experiência de uma pessoa em termos do conhecimento do período histórico” (p. 39). Portanto, um sistema de símbolos mitológicos somente atua em uma sociedade, se a mesma compartilhar do mesmo domínio de experiência de vida, pois, caso contrário, não terá nenhum significado para o seu povo.

Campbell (s/d, p. 367) aponta um caminho para o entendimento dos mitos ao dizer que: “Não há um sistema definitivo de interpretação dos mitos e jamais haverá algo parecido com isso”. Considera que o mito e o sonho vêm do mesmo lugar, ou seja, vêm de tomadas de consciência que encontram expressão numa forma simbólica. Ao tratar dos símbolos

como algo importante dos mitos, permite que múltiplas interpretações sobre um mesmo fato sejam válidas, afinal, estarão vinculadas a uma sociedade em particular.

### 3.3 O mito em Mircea Eliade

Segundo Eliade (2000, 2004), os mitos revelam as estruturas do real e as múltiplas formas de existir no mundo. Os mitos constituem o modelo exemplar dos comportamentos humanos, ou seja, revelam histórias verdadeiras, já que se referem às realidades. A principal função do mito está em revelar modelos exemplares dos ritos e atividades humanas significativas. O mito é considerado uma história sagrada, uma história verdadeira, já que se refere a realidades e, deste modo, fala apenas do que realmente aconteceu. Define o mito da seguinte forma:

O mito define-se pelo seu modo de ser: não se deixa interpretar enquanto mito, a não ser na medida em que *revela* que qualquer coisa se *manifestou plenamente*, sendo que esta manifestação, por sua vez, *criadora e exemplar*, já que tanto funda uma estrutura do real como um comportamento humano. Um mito narra sempre que qualquer coisa se *passou realmente*, que um acontecimento teve lugar no sentido estrito da palavra, quer se trate da criação do Mundo, da mais insignificante espécie animal ou vegetal, ou de uma instituição (ELIADE, 2000, p. 8-9).

O mito, enquanto uma narrativa especial, particular e única distingue-se de outras narrativas humanas e somente será entendido se for analisado em sua totalidade, pois relata como algo foi produzido e começou a ser. A função do mito de origem é a de revelar modelos e fornecer um significado ao mundo e à existência humana. (ELIADE, 2004).

Eliade (2000) procura entender em que se transformaram os mitos nas sociedades modernas, ou seja, quer saber o que tomou o lugar essencial que o mito possuía nas sociedades tradicionais. Ao comparar o mundo moderno às sociedades tradicionais, afirma que a primeira é desprovida de mitos. Pensa o mito, ao mesmo tempo, como comportamento humano e como um elemento de civilização, isto é, “no mito tal como se encontra nas sociedades tradicionais porque, ao nível da *experiência individual*, o mito nunca desapareceu por completo: faz-se sentir nos sonhos, nas fantasias e nostalgias do homem moderno [...]” (p. 19). Questiona de que forma o mito, enquanto um modelo exemplar do comportamento humano, sobrevive no mundo moderno. O autor utiliza-se dos símbolos para responder a sua pergunta. Afirma que os

temas míticos repetem-se nas zonas obscuras da psique e para sobreviver o mito muda de aspecto e disfarça suas funções, principalmente ao nível social. Os mitos nesse nível social a que Eliade se refere, seriam algumas festas do mundo moderno que conservam a estrutura e a função mítica. Entre as festividades que representam um recomeço o autor destaca: o Ano Novo, o nascimento de uma criança, à construção de uma casa etc.

Considera alguns aspectos como componentes do comportamento mítico: modelo exemplar, repetição, ruptura da duração e integração do tempo primordial. Sendo as duas primeiras consubstanciais a toda condição humana, portanto, pode-se dizer que a sociedade, seja qual for, não possa se libertar completamente do mito. Afirma que a função exercida pelos mitos nas sociedades arcaicas é exercida na sociedade moderna pela educação, cultura didática e instrução. Também ressalta que uma das funções do mito é a de criar modelos exemplares para uma sociedade, ou seja, transformar uma existência em paradigma e uma personagem mítica em arquétipo<sup>12</sup>.

Eliade afirma que os heróis desempenham um papel importante na formação dos adolescentes, que se esforçarão em se assemelhar a eles. Esses modelos prolongam uma mitologia e a sua atualidade denuncia um comportamento mitológico.

[...] viver a aventura pessoal como reiteração de uma saga mítica equivale a escamotear o *presente*. Essa angústia perante o tempo histórico, acompanhada pelo desejo obscuro de participar num tempo glorioso, primordial, *total*, denuncia-se, entre os modernos, por uma tentativa por vezes desesperada para quebrar a homogeneidade do Tempo, para “sair” do presente e reintegrar-se num tempo qualitativamente diferente daquele que cria, ao decorrer, a sua própria história. É sobretudo aqui que se percebe melhor aquilo em que se tornou a função dos mitos no mundo moderno. Por meios múltiplos, mas homologáveis, o homem moderno esforça-se, também ele, por sair da sua “vitória” e viver um ritmo temporal qualitativamente diferente. Ora, ao fazê-lo, reencontra, sem se dar conta disso, o comportamento mítico (ELIADE, 2000, p. 26).

Para compreender isso, o autor, afirma que é preciso entender uma das vias de “evasão” que o homem moderno toma emprestado: o espetáculo. Um dos exemplos que cita é o esportivo e afirma que os eventos acontecem em um “tempo concentrado”, de grande intensidade, resíduo do tempo mágico-religioso. Esse “tempo concentrado” seria a duração prévia de algum espetáculo, seja de teatro, cinema ou esportivo. Afirma que tais espetáculos utilizam um tempo diferente da “duração profana”, um ritmo temporal concentrado e ao mesmo tempo partido que gera uma profunda ressonância e interesse no espectador. Conclui que o mito no mundo moderno

<sup>12</sup> Segundo Ruthven (1997), Jung denominou o conteúdo do inconsciente coletivo de arquétipo, que produz as “imagens arquetípicas” comuns nos mitos, nos sonhos, na arte e na literatura.

ainda está presente, não mais nos setores essenciais da vida, e sim, nas zonas da psique, em atividades secundárias ou mesmo irresponsáveis da sociedade. No entanto, o comportamento mítico também está presente, agora camuflado, no papel desempenhado pela educação.

Em seu estudo do mito, Eliade preocupa-se principalmente em analisar os mitos de origem, as sociedades primitivas e a sua relação com a História. O seu estudo do mito no mundo moderno fica em segundo plano. Campbell também percorre as sociedades primitivas para decifrar alguns mitos, mas de forma mais detida se volta para o mundo moderno e busca entender a sua relação com a sociedade contemporânea, seja pela sua análise em relação ao casamento, ao filme Guerra nas Estrelas, ao alistamento militar etc.

### 3.4 Mito e cultura

O mito pertence à cultura a qual foi produzido, interpretado e repassado. Desse modo, o olhar de uma cultura sobre o mito de outra sociedade pode gerar uma interpretação diferente. Essa riquíssima gama de interpretações faz com que o debate seja extenso e extremamente interessante. Só é possível falar em valores, se falarmos em cultura. Também só é possível falar em mitos porque o homem é um ser cultural e, como tal, produtor de cultura.

Eliade (2004) afirma que o mito é uma realidade cultural muito complexa, que pode ser interpretada e analisada por diversas perspectivas. O mito é um produto humano, ou seja, é produzido a partir de uma interpretação da realidade mundana. Portanto, para entender o mito, é preciso aproximá-lo do conceito de cultura.

Para Rubio (2001), as concepções clássicas de cultura encontram-se preocupadas com todos os aspectos de uma realidade social. Entende, portanto, que a “cultura refere-se a tudo aquilo que caracteriza a existência social de grupos, povos ou nações, ou seja, é uma dimensão do processo social e não uma decorrência de leis físicas ou biológicas” (p. 36). Geertz (1989) define o conceito de cultura como uma teia de significados que o homem teceu e na qual está amarrado.

Para Geertz, a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações. Constitui-se em processo singular e privado, mas é também plural e público.

É universal, porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida que significa o que o ser humano faz. A cultura ocorre na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico (DAOLIO, 2004, p. 7).

Sem dúvida, o contexto definirá o significado de um ato, pois os códigos sociais de um gesto geralmente estão subentendidos. Por exemplo: um candidato político que faz um gesto com os dedos indicador e médio, formando um “v” possui um significado. Provavelmente quer simbolizar que a união desses dois dedos representa o “v” da vitória. No entanto, o que o faz ser entendido como vitória, e não como o numeral ou como símbolo da filosofia de vida “paz e amor” é o significado. Os dois gestos do exemplo são idênticos, o que os torna diferentes é o significado que é estabelecido por um código construído socialmente. Concordo com Geertz (1989, p. 22) quando afirma que “a cultura é pública porque o significado o é”. Pelo fato do significado ser público, o contexto definirá de que forma deve ser decifrado tal código, pelo simples fato de também ser público. A decifração a partir de um outro olhar pode gerar uma série de interpretações.

Cultura seria “[...] um processo pelo qual os homens orientam e dão significados às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana” (DURHAM, 1977, p. 34). Em cada cultura os homens estabelecem relações, crenças e costumes que se tornam características de seu povo. Os significados dos atos realizados por um grupo são justificados pela simbologia presente no mesmo e podem assumir significados diferentes em outro lugar, pois são definidos pela cultura.

Os homens diferenciam-se uns dos outros nos diferentes lugares no mundo por produzirem diferentes culturas. As pessoas comportam-se segundo os padrões e regras de sua sociedade. Seus corpos fazem parte da cultura, pois é através dele que o homem se relaciona com outras pessoas. Portanto, o homem é constituído por um corpo que se expressa socialmente, portador de muitos significados e simbologias, traduzidas através dos gestos corporais. Embora biologicamente os corpos sejam iguais, em cada sociedade encontramos corpos diferentes devido à especificidade de manifestação corporal entre os povos. Nessa linha Kofes (1994, p. 52), entende “[...] o corpo como entidade cultural, no qual a sociedade está se expressando, no qual a cultura está se expressando. [...] Portanto cada cultura vai expressar diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura”.

Pode-se analisar o corpo em um jogo de futebol, pois tanto o esporte quanto o corpo são construídos socialmente. É comum ouvir que o brasileiro possui jogo de cintura, principalmente quando diz respeito ao futebol e samba. Essa afirmação é feita em oposição aos europeus, ou melhor, ao corpo do europeu dito como “rígido e sem jogo de cintura”.

A diferença manifestada pelo corpo ao jogar futebol pode ser explicada por aquilo que Mauss (2003) definiu como técnicas corporais. As técnicas corporais seriam “[...] as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (p. 401). Isso não é algo inato, muito pelo contrário, é aprendido.

Mauss relata como era, em sua época, o ensino das técnicas da natação e como aprendiam a mergulhar, sendo que tais técnicas modificaram-se com o passar dos anos. Também relata que durante a Primeira Guerra Mundial tinham que trocar milhares de pás francesas pelas inglesas, e vice-versa, toda vez que as tropas eram trocadas, pois cada nação possuía uma técnica para cavar. Afirma que cada técnica possui uma forma, já que o problema das trocas das pás seria resolvido com um gesto que é aprendido, o de girar a mão. Por técnica, Mauss classifica como um ato tradicional eficaz, isto é, precisa ser tradicional e eficaz. Só há técnica se houver transmissão e tradição.

Diante de tais exemplos, pode-se entender porque o jogador europeu é considerado “sem jogo de cintura”. Na verdade, possui em seu repertório motor outra técnica corporal que, como tal, é diferente da técnica do jogador brasileiro. Há uma educação do jogar e a sua transmissão é feita a partir de uma tradição, daquilo que é valorizado em sua cultura. Conforme definiu Mauss (2003), as técnicas corporais seriam as maneiras como cada sociedade se comporta, sendo os gestos e movimentos corporais técnicas próprias da cultura, transmitidas de geração a geração, carregadas de significados.

Ao analisar um mito, deve-se olhar para a sociedade que o produziu. Seus significados poderão assumir diferentes “roupagens”, influenciado por aquele que o lê. O mito sem dúvida diz muito sobre a cultura na qual está inserido.

### 3.5 Mito, rito e futebol

O mito é uma realidade viva e real que sustenta os sonhos e desejos da humanidade por meio da comunicação de formas paradigmáticas de orientação no mundo. O jogo e a festa, se apropriados como ritos, evocam o mito por meio de sua dramatização simbólica e haverá a passagem do profano para o sagrado (RETONDAR, 2005).

Portanto, pode-se pensar o futebol como um exemplo para os demais esportes, como um mito. A experiência vivenciada numa partida de futebol é única, diferente de qualquer situação da vida cotidiana. Não pense em alienação, e sim num momento privilegiado. Nesse momento ritualístico de grande fascinação, sabe-se que há um procedimento a ser seguido, mas as ações ficam implícitas até a sua execução.

O “*mito*” tem um tempo cíclico; ele não se efetua num tempo linear, racional e cronometrado, porque apresenta como característica a sua repetição e se alimenta de rituais. A ritualização é um movimento que procura sempre atualizar periodicamente o fato do acontecido no passado. É através dos rituais que estamos em contato com o momento vivido no passado, portanto, no tempo sagrado. É o ritual que faz a ligação com o mito de origem (CAMARGO, 1995, p. 29).

Pode-se, então, pensar no interesse que os esportes possuem no mundo todo. As competições esportivas estão estruturadas e limitadas por um tempo e um espaço, por isso, possuem características míticas, ou seja, a cada evento tudo se inicia como no ciclo mítico. Os personagens que vencem as competições podem servir de modelos e, com isso, abre-se o caminho para serem idolatrados e vistos como heróis.

César (1998) afirma que o mito é a expressão simbólica, por imagens, de valores. De acordo com a autora, o mito seduz porque carrega conotações afetivas e, amparado pelo símbolo, o mito sintetiza “conteúdos que se referem às mais profundas aspirações do ser humano” (p. 38).

[...] o mito surge freqüentemente acompanhado por um rito, visto que se a violação do interdito é necessária, só é possível na atmosfera mítica, e o rito introduz aí o indivíduo. Aprende-se aqui a essência da festa: *constitui um excesso permitido através do qual o indivíduo se encontra dramatizado e se torna herói*, o rito realiza o mito e permite a sua vivência. É essa a razão por que se encontram freqüentemente ligados: na verdade, a união é indissolúvel e, de facto, a separação sempre foi a causa da sua decadência. Separado do rito, o mito perde, se não a sua razão de ser, pelo menos o melhor de sua força de exaltação: a capacidade de ser vivido (CAILLOIS, 1980, p. 24-25).

Para Vogel (1982), o rito proporciona um momento interessante para a compreensão do universo social capaz de traçar ou estabelecer fronteiras dentro de uma

sociedade. O rito, por sua característica de repetição, permite que algo aconteça novamente. Embora não seja possível modificar o passado, devido a sua característica cíclica espera-se com o ritual, reviver de uma forma diferente um acontecimento. Esse é um dos motivos que os esportes e, em nosso caso, o futebol, atraem o interesse de milhares de pessoas. A cada jogo permite-se, como uma nova chance, realizar o que não foi feito na partida anterior, enfim, mudar os destinos futuros sem com isso modificar o passado.

Chauí (2003, p. 255) classifica o rito como “uma cerimônia em que gestos determinados, palavras determinadas, objetos determinados, pessoas determinadas e emoções determinadas adquirem o poder misterioso de presentificar o laço entre os humanos e a divindade”. Entende que o rito é a maneira de reviver o que aconteceu numa primeira vez e que acontece novamente graças ao ritual, onde a distância entre o passado e o presente deixam de existir.

Toledo (2002) considera o futebol o único esporte que no Brasil transcende os limites espaciais e temporais do ritual esportivo. Afirma que as partidas transformam-se num “fato da sociedade” que estabelece um elo entre as dimensões do ritual e da vida cotidiana, entre o representado e o vivido.

Segundo Anjos (2003), o rito pode se constituir numa fala, mensagem ou na forma como o homem possa se orientar e a função do rito é a criação de códigos, responsáveis pela forma como as pessoas se relacionam.

O ritual futebolístico que atinge as massas, cíclico em sua estrutura e que a cada temporada renova os acontecimentos anteriores, consolida-se com a presença dos craques, muitas vezes, transformados em ídolos e heróis. Helal & Murad (1995) afirmam que a presença das estrelas faz parte desse ritual e proporciona aos torcedores a possibilidade de se identificar com os seus heróis.

Eliade (2004) nos lembra que o mito é uma realidade cultural extremamente complexa e pode ser interpretada a partir de perspectivas diferentes e complementares. Por fazer parte da cultura, o mito certamente aparecerá vinculado a um ritual. A reprodução do rito tornará o mito vivo.

O mito pode ser desvendado por várias correntes. Não importa por qual delas se queira decifrar o mito, todas possuem seu valor. Seja qual for a linha de análise para entender o mito, o que estará por trás de toda definição é uma sociedade e, com ela, seus valores. É



importante entender o mito como algo vital e, por meio do ritual repetido inúmeras vezes e recriado em várias sociedades.

### 3.6 Futebol: uma tradição inventada

O futebol foi, enquanto um ritual, apropriado e transformado em um elemento de nossa cultura. A cada geração foi transmitida toda a sua história. Muitas vezes, contadas a partir do relato oral, livros e imagens recuperadas dos grandes momentos do espetáculo esportivo, tornou-se um precioso elemento de identificação do povo brasileiro. Esse ritual está vinculado a uma “tribo”, pois os clubes de futebol funcionam como um clã, local no qual as pessoas compartilham fatos vividos a partir de uma mesma ótica, pois torcem por um mesmo clube do coração.

Diante de tal importância que o futebol possui em nossa sociedade, os mitos esportivos expõem uma das faces das esperanças dos brasileiros. Assistir aos jogos de seu time é uma das formas de entrar em contato com o ritual futebolístico. Essa tradição passada de geração a geração, é aprendida ao longo da apresentação aos interessados pelo espetáculo futebolístico e faz com que o ciclo seja renovado.

Portanto, pode-se dizer que o futebol pertence a uma tradição inventada. Sim, inventada e transmitida pelos homens. Como, então, explicar que pessoas discutam com tanta propriedade fatos ocorridos nos campos futebolísticos mesmo sem terem presenciado tais acontecimentos, afinal, ainda não haviam nascido. Mesmo sem terem vivido aquele momento, discutem com clareza a atuação de um atleta que nunca viram jogar, os gols que perdeu ou os gols que fez, estimulados somente pelo relato e recortes de imagens vinculadas pela mídia.

A expressão “tradição inventada” é um termo adotado por Hobsbawm (1997) ao analisar aspectos do surgimento de inúmeras tradições na Europa, inclusive a do esporte moderno. Utiliza o termo num sentido amplo, mas nunca indefinido. As tradições inventadas são construídas e formalmente institucionalizadas, algumas são difíceis de identificar como surgiram.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica,

automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, 1997, p. 9).

Segundo Hobsbawm (1997), o objetivo e a característica das tradições inventadas é a invariabilidade. Referem-se ao passado, seja real ou forjado, e impõe práticas fixas caracterizadas por ser um processo de formalização, ritualização e repetição.

É no tempo cotidiano que o futebol ganha vida e é nesse tempo que se inventam as tradições que aproximam o futebol e a sociedade. Damo (2002, p. 56-57) afirma que “sem a dialética do evento e da tradição, o futebol seria apenas uma seqüência ilimitada de jogos; não seria sequer um ritual e, tampouco, disjuntivo, pois o evento não teria o que atualizar e a tradição não teria como fazê-lo”.

Em qualquer sociedade há uma série de regras subentendidas, óbvias e que estão ao dispor de todos. A tradição, o fazer de uma determinada forma em detrimento de outras são aprendidas e repassadas a cada geração. Muitas coisas não se contestam, pois são incorporadas desde o início da vida e são vistas como “naturais”. O futebol contempla tudo isso e, o que é o mais importante: é algo vital, reproduzido, pensado e vivido intensamente. Por isso, o futebol pode ser visto como um mito da nossa sociedade.

# **4**

## **Mito ou imaginário no futebol?**

O futebol transformado em espetáculo esportivo, capaz de mobilizar milhares de pessoas em torno de um objetivo comum: ver seu time e seu ídolo jogar. Na sociedade contemporânea é difícil estabelecer uma lista de eventos que atinjam tamanha proporção e com grande número de pessoas envolvidas.

No Brasil, o futebol seduz mais do que qualquer outro esporte e essa sedução é traduzida pelo imaginário social de cada povo. Por esse motivo seja tão intensa a relação estabelecida por seus torcedores com seus times de coração, seja o esporte que mais ocupa espaço nos noticiários esportivos, seja o esporte que lidera as transmissões ao vivo entre todas as modalidades, seja o esporte mais discutido entre pessoas do sexo masculino etc.

O futebol pode ser estudado por diversos ângulos e referenciais. Nesse capítulo proponho o estudo de seis itens para analisar como o mito e o imaginário estão presentes no futebol. Portanto, antes de avançar, faz-se necessário conceituar imaginário.

Castoriadis (1982) afirma o imaginário em seu uso corrente é utilizado para falar sobre algo “inventado”, seja uma invenção “absoluta”, isto é, “uma história imaginada em todas as suas partes” ou de um deslocamento de sentido, no qual os símbolos disponíveis são investidos de outras significações “normais” ou “canônicas”, como por exemplo, “o que você está imaginando”, diz a mulher ao homem que recrimina um sorriso trocado por ela com um terceiro. Nesses casos, afirma que o imaginário se separa do real, com o objetivo de colocar-se em seu lugar (uma mentira) ou que não pretende fazê-lo (um romance).

Rubio (2001, p. 51) afirma que o “imaginário não é a negação total do real, mas apóia-se no real de modo a transformá-lo e deslocá-lo, dando origem a novas relações no aparente real”. Castoriadis (1982, p. 154) também caminha nesse sentido e afirma que o simbólico e o imaginário se relacionam, ou seja, “o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘exprimir-se’, o que é obvio, mas para ‘existir’, para passar do virtual a qualquer coisa mais”.

Castoriadis (1982) estabelece relação entre a instituição e o simbólico. Entende que o simbólico e o mundo social-histórico estão entrelaçados, sem se esgotar nele, no qual os atos reais, individuais ou coletivos não são (nem sempre, não diretamente) símbolos, mas necessitam de uma rede simbólica. O símbolo pode ser encontrado na linguagem, mas também pode ser encontrado nas instituições, em outro grau e de outra forma. As instituições não se reduzem ao simbólico, porém, só existem no simbólico, sendo impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constitui cada qual sua rede simbólica. Para exemplificar, afirma que a

economia, um sistema de direito, um poder instituído, uma religião existem socialmente como sistemas simbólicos sancionados. Em outras palavras:

[...] consistem em ligar a símbolos (a significantes) significados (representações, ordens, injunções ou incitações para fazer ou não fazer, conseqüências – significações, no sentido amplo do termo\*) e fazê-los valer como tais, ou seja a tornar essa ligação mais ou menos forçosa para a sociedade ou o grupo considerado (p. 142).

Durand (1994, p. 27), citado por Teixeira (1999, p. 19-20) afirma que todo pensamento humano é representação e, por isso, passa por articulações simbólicas. O autor define o imaginário como “[...] *o conector necessário por meio do qual se constitui toda a representação humana*, encontrando-se, então, subjacente aos modos de ser, de pensar e de agir (das mentalidades) dos indivíduos, das culturas e das sociedades”.

Porto (2000, p. 21) apresenta as principais idéias da obra de Durand (1998) e afirma que para esse autor o imaginário permite entender os dinamismos que regulam a vida social e suas manifestações culturais. “O imaginário se expressa em sistemas e práticas simbólicas, ou seja, em produções imaginárias como o mito, os ritos, a linguagem, a magia, a arte, a religião, a ciência, a ideologia, as formas de organização e as demais atividades e criações humanas [...]”. Define o imaginário como resultado da articulação entre o bio-psíquico e o sócio-cultural, cuja união acontece pelo símbolo, que é sempre formado por um elemento arquetípico e um ideativo, numa dupla abertura, remetendo ao duplo caráter da vivência humana: o ontogenético (individual-grupal) e o filogenético (as histórias individuais-grupais que reproduzem a história da espécie).

O futebol enquanto representante da nação funciona como o exercício de uma paixão coletiva como uma força agregadora. Esse imaginário faz parte do real e necessita de uma rede simbólica para que possa existir. Por meio desse mecanismo simbólico o futebol ganha vida fora de sua prática esportiva, vira uma “falação”, um fato e por isso as pessoas discutem sobre futebol. O imaginário faz com que haja uma grande aceitação dessa prática esportiva como definidora do principal esporte, legitimando a idéia de um coletivo, de uma nação em torno do futebol. Os mitos e a magia também cumprem esse papel. A seguir analiso alguns tópicos muito presentes no futebol brasileiro relacionado com mito e imaginário.

---

\* “Significante” e “significado” são tomados aqui em *latíssimo sensu* (nota do autor).

## 4.1 Charles Miller, o introdutor?

Em 1894, um homem chamado Charles Miller, que carregava na bagagem duas bolas de futebol, recebeu todos os méritos por introduzir um “tal” de football em terras brasileiras. Há muita contradição por parte dos pesquisadores sobre o início do futebol no Brasil, alguns reforçam ou assumem a versão “oficial” de Miller como o introdutor do futebol enquanto outros relatam que o futebol já era praticado.

As histórias de Miller e Cox (que possui no Rio de Janeiro o mesmo status de seu contemporâneo em São Paulo, o de “introdutor” do futebol naquela cidade) são importantes para entender os primeiros impulsos do futebol no país, no entanto, são insuficientes para explicar os primeiros anos do futebol no Brasil (PEREIRA, 2000).

Charles Miller foi o responsável por levar a prática do futebol para dentro do São Paulo Athletic Club (SPAC), um clube freqüentado pelos membros da comunidade britânica, onde até aquele momento, o críquete destacava-se como o esporte principal. Não foi o único a promover o futebol dentro de outros clubes de elite, mas teve habilidade em conquistar adeptos e fazer com que outros clubes de elite também organizassem times de futebol. Portanto, o mérito de Miller consiste no fato de possibilitar que o futebol também fosse praticado fora das escolas e, conseqüentemente, estimulou outras pessoas a praticá-lo. Além disso, afirma Santos Neto (2002), que a imprensa não se interessou pelo futebol enquanto ele era praticado de forma recreativa e mesmo restrito nos colégios e foi Miller quem conseguiu divulgar nos jornais os jogos dos clubes de elite, colocando-os em evidência. Poucos estudos caminham no sentido oposto da exaltação de Charles Miller como o responsável pela “brilhante idéia” de implantar o esporte que ao longo dos anos se tornaria uma paixão nacional.

Ao reproduzir, repassar e exaltar a figura de Charles Miller como o “pai” do futebol no Brasil, os pesquisadores desconsideram um ponto chave no processo de introdução desse esporte em nosso país: como somente uma pessoa pode ser considerada a responsável pela introdução, popularização e divulgação de um esporte em um país com a dimensão continental que o Brasil possui? Ainda mais no início do século XX, quando o difícil acesso de uma região para outra era uma característica marcante das cidades. Nesse aspecto devemos destacar a importante ajuda na divulgação e disseminação do esporte bretão feita pelos trabalhadores das

estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas e aos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite; dos padres e alunos do colégio São Luís, em Itu (LEVINE, 1982; PEREIRA, 2000; PRONI, 2000; SEVCENKO, 1994; SANTOS NETO, 2002).

O processo de divulgação do futebol no Brasil foi o mesmo que aconteceu na Inglaterra. Foram ex-alunos de colégios e faculdades que disseminaram esse “vírus” chamado futebol e elaboraram os primeiros regulamentos nacionais.

Os ex-alunos do São Luís de Itu dão farto exemplo disso. César de Oliveira, Valdemar Junqueira e Apulcro Brasil levaram o futebol a Uberaba e depois até o Brasil central; Arthur Ravache foi um dos fundadores do Sport Club Germânia, em 1899, e um dos pioneiros na organização do futebol paulista e brasileiro; Carlos da Silveira, José e Vicente de Almeida Sampaio participaram da fundação da Associação Atlética Mackenzie, em 1898, e foram os divulgadores do jogo por todo interior do estado de São Paulo; Otho Behmer e João de Almeida, colegas de classe de Ravache, popularizaram o futebol na capital paulista entre pequenos proprietários, operários alemães e italianos, por volta de 1898; Silva Moraes, também colega de Ravache, divulgou o futebol nas fábricas da capital paulista e em Sorocaba; Mário César Gonzaga levou a tradição do futebol de Itu para o Nordeste, especialmente para a Faculdade de Medicina de Salvador (BA), onde, junto com José Ferreira Júnior, foi um pioneiro do futebol baiano (SANTOS NETO, 2002, p. 23-25).

Como se pode ver, as datas mencionadas são posteriores à chegada de Charles Miller. Então, há um equívoco na passagem acima? Claro que não, pois 1894 é o ano que Miller chegou em São Paulo e fica a pergunta: seria possível, logo após a sua chegada, introduzir o futebol no Brasil? As pessoas mencionadas por disseminar a prática do futebol também foram ajudadas por outras que certamente praticavam futebol juntas. Se as inúmeras pessoas envolvidas, que eu chamo de multiplicadores, são as responsáveis por ampliar o horizonte da prática futebolística, é impossível atribuir a uma pessoa tal feito.

Mills (1997, p. 34) afirma em seu livro de divulgação do centenário da introdução do futebol no Brasil, que a missão de Miller era introduzir o futebol no país e coube a ele ensinar como se praticava o futebol e que a “idéia fixa na cabeça dele [Charles Miller] era difundir o ‘football’, que ele tanto tinha apreciado na Inglaterra”. No entanto, Santos Neto (2002, p. 30) contrapõe essa idéia ao afirmar que “[...] segundo o próprio Charles Miller, a popularização do futebol nunca foi o seu propósito consciente”.

Ao eleger como marcos iniciais do futebol no Brasil figuras como Charles Muller e Oscar Cox, memorialistas e historiadores participaram do processo de criação de uma memória do futebol brasileiro que, no fundo, nada tinha de original: vendo nos seus primeiros tempos um perfil aristocrático e elitista, fizeram da história particular do jogo

o reflexo de uma história mais ampla criada para os primeiros tempos da jovem República, que lhe atribui uma marca oligárquica e excludente (PEREIRA, 2000, p. 23).

Entender como a figura de Charles Miller foi enaltecida e referenciada como o pai do futebol no Brasil é importante para entendermos como são criados alguns mitos, nesse caso seria o mito-fundador. Para compreender como Miller ganha esse status é preciso recuperar como era estruturada a sociedade naquele tempo, além de algumas questões definidoras do que seria ou não futebol naquele tempo.

O futebol foi mais uma entre as muitas coisas apropriadas daquilo que vinha de fora e que encontrou força dentro da elite, principalmente em seus clubes. Elite capaz de inventar tradições. Charles Miller tinha algumas características que fizeram dele uma pessoa apropriada para tal feito. Nascido em São Paulo<sup>13</sup>, filho de um escocês com uma brasileira, fora criado boa parte de sua vida na Inglaterra. Ao retornar ainda jovem do exterior, trouxe alguns objetos referentes à prática do futebol, como as sempre mencionadas duas bolas, além das regras, do uniforme de times ingleses e uma chuteira. Ora, possuía algo que muitos aqui no Brasil jamais obtiveram, o status de ter vindo de fora, de uma sociedade considerada avançada.

Os defensores de Charles Miller como o patrono do futebol no Brasil, argumentam que ele é o introdutor do futebol com as regras que conhecemos hoje, e que nos colégios os jogos não possuíam as mesmas regras do futebol association. Santos Neto (2002, p. 33) afirma que “O *association football* existia, sim, no Brasil, antes de Charles Miller voltar da Inglaterra, e não apenas o ‘bate bolão’ [...]”. Em sua pesquisa junto ao colégio São Luís, localizado no interior de São Paulo, na cidade de Itu, revela que entre os anos de 1879 e 1881, os jesuítas dessa escola visitaram grandes colégios da Europa e entre as muitas novidades e práticas esportivas trazidas, uma delas foi o futebol.

Além disso, existem outros futebolis que não são regulados pelo futebol association. O futebol que é jogado nos dias atuais não é e nem será o mesmo futebol ou jogos de bola dos primórdios do futebol. Se o futebol é o reflexo da sociedade e a mesma é o reflexo do futebol<sup>14</sup>, a sociedade contemporânea não é a mesma das sociedades antecessoras. No entanto, o esporte ainda é o futebol, mas seus significados e formas de praticá-lo foram alterados com o passar dos anos.

<sup>13</sup> Nasceu em 24 de novembro de 1874, em São Paulo. Em junho de 1884, foi morar na Inglaterra. Seu pai, John Miller, chegou solteiro em São Paulo e casou com Carlota Alexandrina Fox (MILLS, 1997; SANTOS NETO, 2002).

<sup>14</sup> DaMatta (1982) diz que “O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte”.



A presença das regras, de um futebol com um caráter mais competitivo, leia-se jogos contra outras equipes e fora do âmbito dos colégios, foram os pontos responsáveis por transformar e definir o tipo de futebol que se praticava. Hoje quem pratica algum tipo dos inúmeros futebóis, afirma categoricamente que joga futebol. Ao olhar dos que estão de fora, receberão outra denominação, tal como futebol de rua, de várzea, de praia, pelada etc, pois é o futebol institucionalizado e profissional que funciona como paradigma da prática. Como naquela época não havia futebol profissional, era o futebol association que assumiu o caráter de modelo. Seja por parte dos praticantes ou por parte dos observadores, a palavra futebol somente aparece sozinha pela ótica de seus praticantes.

O futebol antes de ser association, era futebol. Dizer simplesmente que as regras, trazidas por Miller, são um marco na difusão do futebol é cometer um engano. Para se jogar algo, parte-se do pressuposto que há um conjunto de regras a serem seguidas, pois sem regra não há como definir o que se joga. Antes de ser association, o futebol tinha suas regras, mas não eram necessariamente as mesmas de uma região para outra e não tinham a preocupação de seguir o modelo do futebol association. Talvez porque grande parte das pessoas não tinham muito contato com esse tipo de futebol. Portanto, o futebol association representa a universalização da regra, isto é, para praticar o futebol association, o qual Miller estará vinculado desde sua chegada da Inglaterra, é preciso conhecer e jogar a partir de uma mesma regra.

Só é possível desconstruir esse mito fundador do futebol brasileiro quando se entende que a consolidação e crescimento do futebol é o resultado de um longo processo no qual os multiplicadores, isto é, as pessoas envolvidas com a sua prática e divulgação disseminaram o futebol pelo Brasil. Portanto, aqueles que receberam os méritos devem ser vistos como importantes peças de uma engrenagem que resultou na introdução do futebol em sua cidade e, caso não estivessem amparados pelos multiplicadores, certamente demorariam ainda mais para colher os primeiros frutos da popularização do futebol no Brasil.

## 4.2 Ópio do povo

Freqüentemente ouve-se dizer que “o futebol não é um assunto importante ou se for considerado importante, será o menos importante dos assuntos importantes”. Para alguns, não passa de pura alienação. Visto por essa ótica forma-se o vínculo entre futebol e ópio do povo. Aqueles que torcem por algum time ou seleção seriam alienados, pois deixariam de lado a realidade e com ela os “problemas mais importantes” da nossa sociedade.

Na história política brasileira são inúmeros os casos de presidentes que associaram, de maneira positiva, seus nomes ao esporte, com a intenção de melhorar a sua imagem perante o povo. Aproximar e associar ao governo o sucesso e a imagem de destaque conquistada pela seleção brasileira nas Copas do Mundo, foi muito utilizada por aqueles que tinham interesses além do esporte.

Nessa aproximação dos governos com o futebol, os estádios destacaram-se como um local adequado para a transmissão de discursos. A utilização dos estádios como locais de festividades é anterior ao Estado Novo, mas é nesse período que se intensifica a utilização desses espaços para tal fim. Membros do governo proferiam, nos estádios lotados, discursos para as massas em busca de apoio ao regime (COSTA, 2006).

Abordarei a polêmica questão do ópio do povo a partir de alguns exemplos do modo como o futebol foi ou é utilizado por governos oportunistas. Encaro o futebol como ópio do povo como mais um dos mitos que o futebol brasileiro apresenta. Primeiro, apresentarei alguns fatos que ilustram como o futebol foi utilizado no Brasil para fins políticos. Também mostrarei, por meio de exemplos de outras nações, que essa utilização não é um fato exclusivo do Brasil.

#### 4.2.1 Ópio do povo e futebol brasileiro

Muitos governos apropriaram-se do sucesso do esporte, principalmente do futebol, para utilizá-lo como uma forma de manipulação das massas. Foi isso o que o povo viveu no período conhecido como Estado Novo (1937-1945), que concedeu poderes ditatoriais ao presidente Vargas. Alguns anos antes do estabelecimento do Estado Novo aconteceu a profissionalização do futebol (1933) e no primeiro ano desse governo aconteceu a primeira transmissão por rádio de uma Copa do Mundo, a da França em 1938. Ainda, antes do embarque

para essa Copa do Mundo, o presidente cumprimentou os jogadores e ressaltou a importância da conquista para o futuro da nação. O populista presidente Vargas astutamente utilizou-se do futebol para anunciar novas medidas referentes à adoção do salário mínimo (1940) e à criação das leis do trabalho (1943), ambas em pleno estádio de São Januário, o maior estádio da época (COSTA, 2006; LOPES, 1994).

A cada vitória brasileira na Copa, o presidente Vargas recebia as congratulações, já que o triunfo nos gramados europeus representava uma conquista pessoal. O presidente sempre esteve muito atento ao que o esporte, em geral, e o futebol, em particular, poderiam oferecer ao seu governo. Agostino (2002, p. 142) relata:

Na verdade os esforços governamentais foram ainda mais longe, uma vez que se percebera o quanto o futebol era um importante instrumento para moldar a visão que o brasileiro tinha de si próprio. Nos anos seguintes, Getúlio tornou-se um dos patronos da seleção brasileira, enquanto sua filha, Alzira Vargas, seria transformada em madrinha dos jogadores. Uma das primeiras manifestações desta interação entre líder e esporte ocorreu em dezembro de 1932, quando a seleção brasileira foi recebida com festa após uma jornada de vitórias no Uruguai, onde disputou a Copa Rio Branco [...]. Desfilando em carro aberto, os jogadores foram acolhidos por milhares de entusiastas na capital. Passando pelo Palácio do Catete, lá estava Getúlio Vargas, ainda chefe do Governo Provisório, a saudar o *scracht* com a mão estendida, um gesto que os brasileiros – querendo ou não – ainda veriam muitas vezes.

Na Copa de 1950, o estádio do Maracanã serviu de palanque para os partidos políticos. Durante os cinco jogos que o Brasil realizou no estádio circularam panfletos com a intenção de angariar votos<sup>15</sup>. Na Copa de 1958, foi a vez de Juscelino Kubistchek se preocupar com o futebol. Disponibilizou um avião para buscar os campeões mundiais em Recife e a festa foi realizada no Palácio do Catete. O clima de otimismo e entusiasmo pela conquista foi um grande momento para promover o discurso político do lema do então governo: cinquenta anos de desenvolvimento em cinco anos de governo. Quatro anos mais tarde, foi a vez de João Goulart utilizar-se do futebol, pois sabia que esse esporte era um importante veículo de legitimação política (AGOSTINO, 2002).

A utilização do futebol por parte dos governantes como um meio de aproximar o diálogo com a população e transmitir otimismo, foi explorado principalmente no período da ditadura militar. Dessa forma, o futebol passou a ser visto como algo alienante. Logo foi criada a

---

<sup>15</sup> No mesmo dia da inauguração do estádio do Maracanã, em 16 de junho de 1950, Getúlio Vargas foi indicado como candidato pelo PTB. Após o primeiro jogo e a vitória do Brasil, o Brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, e Cristiano Machado, do PSD, lançaram suas candidaturas (AGOSTINO, 2002).

tese de que o futebol seria o ópio do povo. Essa tese foi muito explorada durante a época da Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil sagrou-se tricampeão mundial. O governo autoritário daquele período utilizou a conquista para transmitir uma imagem de que tudo caminhava bem no país. A cada vitória do Brasil, o governo apropriava-se do sucesso da seleção para fortalecer a ditadura. Gaspari (2002) relata que essa Copa do Mundo foi um momento de grande euforia em contraposição aos terríveis momentos vividos naqueles anos de ditadura. Euforia porque nunca se vira nada igual, já que foi a primeira Copa transmitida ao vivo e as multidões cantavam nas ruas os versinhos patrióticos e o presidente Médici transformou-se em mais um torcedor.

Com o objetivo de estabelecer uma aproximação entre governo e a população, foram criadas músicas e slogans<sup>16</sup> a fim de reforçar um sentimento coletivo de que o país estava no caminho certo. Essa política foi adotada para camuflar o regime violento que, paradoxalmente, foi chamado de “Milagre Brasileiro”.

Com a conquista do tricampeonato mundial, o governo decretou feriado nacional para recepcionar os campeões. Um sentimento de patriotismo foi usado pelo governo para ocultar as torturas, os atentados, as prisões, a censura, os assassinatos aos opositores do regime político, os desaparecimentos de pessoas etc. O então presidente Médici não se cansava de aparecer na televisão para dar seu palpite sobre o resultado das partidas do Brasil. As manchetes traduziam o patriotismo e otimismo do presidente, relacionadas ao desempenho do “scratch” brasileiro ganhavam destaque nos meios de comunicação. Era comum circular pela mídia a opinião do então presidente da República, sobre os jogos do Brasil: “Palpite do torcedor Médici: 4 x 1” ou “A alegria do presidente que acertou o resultado<sup>17</sup>”.

Em todas as conquistas brasileiras a recepção foi feita pelo presidente da República. Foi assim com Juscelino Kubitschek, em 1958, com João Goulart, o “Jango”, em 1962, com o general Médici, em 1970, com Itamar Franco, em 1994, e com Fernando Henrique Cardoso, em 2002. Provavelmente os jogadores brasileiros seriam recebidos pelo governo Lula caso saíssem vitoriosos da Copa de 2006, já que houve uma aproximação do presidente com a seleção brasileira antes do início da competição.

No dia 8 de junho de 2006, foi realizada uma videoconferência entre o presidente, os jogadores e a comissão técnica da seleção brasileira. Mais uma vez um presidente

---

<sup>16</sup> “Noventa milhões em ação, pra frente Brasil!”, “A taça do mundo é nossa, com o brasileiro, não há quem possa...”; “Brasil, ame-o ou deixe-o”; “Ninguém segura esse país”.

<sup>17</sup> Jornal Gazeta Esportiva, 22 de junho de 1970.

buscou se aproximar da seleção e do grande apelo popular que ela representa. A seleção carrega o desejo dos brasileiros que se vêem representados por ela.

Figura 1- Tabela distribuída no metrô de São Paulo

**Copa 2006 - Lula é show de bola!**

**GRUPO A**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA	
1	9%	13%	Alemanha	X	Costa Rica
7	9%	9%	Paraná	X	Egito
17	10%	9%	Arábia Saudita	X	Paraná
18	10%	9%	Equador	X	Costa Rica
33	20%	11%	Arábia Saudita	X	Paraná
34	20%	11%	Costa Rica	X	Paraná

**GRUPO B**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA	
1	10%	12%	Inglaterra	X	Paraná
4	10%	12%	S. A. e Tibete	X	Sul
19	15%	12%	Inglaterra	X	Paraná e Tibete
20	15%	12%	Sul	X	Paraná
35	20%	15%	Sul	X	Inglaterra
36	20%	15%	Paraná	X	Paraná e Tibete

**GRUPO C**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA	
5	10%	10%	Argentina	X	C. do Marfim
6	11%	10%	Serviá e Mont.	X	Paraná
21	10%	10%	Argentina	X	Serviá e Mont.
22	10%	10%	Paraná	X	C. do Marfim
27	21%	10%	Holanda	X	Argentina
28	21%	10%	C. do Marfim	X	Serviá e Mont.

**GRUPO D**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA	
7	11%	10%	Itália	X	S. A.
8	11%	10%	Argélia	X	Paraná
23	10%	10%	Itália	X	Argélia
24	11%	10%	Paraná	X	S. A.
38	21%	11%	Paraná	X	México
39	21%	11%	S. A.	X	Argélia

**GRUPO E**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA	
11	10%	10%	França	X	Sul
14	10%	10%	Costa Rica	X	Sul
25	10%	10%	Paraná	X	Costa Rica
30	10%	10%	Paraná	X	Sul
41	20%	10%	Sul	X	Paraná
46	20%	10%	Sul	X	Costa Rica

**GRUPO F**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA	
13	10%	10%	Paraná	X	Sul
16	10%	10%	Sul	X	Paraná
26	10%	10%	Paraná	X	Sul
31	10%	10%	Sul	X	Paraná
32	10%	10%	Arábia Saudita	X	Sul
47	20%	10%	Arábia Saudita	X	Paraná
48	20%	10%	Sul	X	Arábia Saudita

**QUARTAS DE FINAL**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA
1	20%	10%	X	X
2	20%	10%	X	X
3	20%	10%	X	X
4	20%	10%	X	X
5	20%	10%	X	X
6	20%	10%	X	X
7	20%	10%	X	X
8	20%	10%	X	X

**OTAVAS DE FINAL**

POSICIONAMENTO	PAIS	COLORES	ENTRADA	ENTRADA
1	20%	10%	X	X
2	20%	10%	X	X
3	20%	10%	X	X
4	20%	10%	X	X
5	20%	10%	X	X
6	20%	10%	X	X
7	20%	10%	X	X
8	20%	10%	X	X

(Fonte: O Estado de S. Paulo, 31 de maio de 2006, p. A6).

Antes da videoconferência foram distribuídas, no metrô de São Paulo, tabelas com o título: “Lula é show de bola”. A oposição, encabeçada pelo PSDB, foi à justiça para impedir a distribuição da tabela sob alegação de propaganda ilegal para a reeleição de Lula. Tanto a videoconferência quanto a tabela com referência ao presidente representam a tentativa de se aproveitar de um possível sucesso e revertê-lo em popularidade.

#### 4.2.2 Ópio do povo e outras nações

A utilização do futebol para fins políticos não é um mérito somente brasileiro. Pelo mundo afora, são inúmeros os governantes que não hesitaram em associar seus nomes a algum esporte. O futebol é uma ótima oportunidade para aproximar o governo das massas e foi isso que fizeram Hitler, na Alemanha, e Mussolini, na Itália.

Durante a década de 1930, os ditadores descobriram o poder do esporte; além de manipular as massas com os últimos desenvolvimentos tecnológicos, incluíram os esportes em seus planos de regeneração moral para distrair os operários. Os esportes eram usados para incentivar o orgulho nacional e para iludir o cidadão, e também para impressionar outros países com vitórias em competições internacionais. O regime facista de Mussolini foi o primeiro a usá-los como política de governo, e Hitler adotou muitas

idéias do ditador italiano em seu regime. Por outro lado, Stálin, utilizando os esportes para a unificação nacional e para a preparação de defesa, relutou em submeter os atletas soviéticos ao teste das competições internacionais até ter certeza da vitória (MURRAY, 2000, p. 95-96).

Na Argentina, isso também aconteceu durante o regime militar, quando o país foi sede, em 1978, da Copa do Mundo de futebol. Segundo Vaz (1998), para os dirigentes argentinos seria uma oportunidade única de se fazer uma propaganda política positiva do regime, com a intenção de ocultar as violações feitas aos direitos humanos e à ordem democrática. O autor ainda relata que durante a partida entre Peru e Escócia foi mostrado no placar eletrônico um tanque de guerra, em clara alusão ao regime.

Apesar das dificuldades em se precisar qual o tipo de efeito que uma conquista como esta tem para a política de um país, não se pode esquecer que as ditaduras sempre precisam de “inimigos” para se sustentarem no poder à custa da “união nacional”. Junto ao “perigo interno” dos “terroristas”, o esporte parece ter oferecido novas possibilidades de patriotismo, ocasião onde muitas diferenças são eclipsadas. A identidade não mediada entre “povo” e “nação” parece ser tão mais eficaz quanto maior for a força da irracionalidade (VAZ, 1998, p. 169).

No caso argentino, também foi criado um sentido coletivo para apoiar a seleção. Sob o slogan “vinte e cinco milhões de argentinos”, estabelecia-se o vínculo entre o futebol, o regime e a nação. Afinal, aquele que não apoiasse o selecionado não seria realmente considerado um argentino (AGOSTINO, 2002).

Associar a sua imagem a um evento como a Copa do Mundo é uma grande estratégia dos políticos. Posar ao lado dos ídolos, dos heróis de sua nação é uma “jogada de craque”. Na Copa de 2006, o presidente da França, Jacques Chirac, pôde ser visto na tribuna de honra quando o seu país esteve em campo. A chanceler alemã, Angela Merkel, foi presença garantida para apoiar a seleção local. O primeiro ministro italiano, Romano Prodi, também torceu por sua seleção no jogo que valia vaga para a final.

Dizer que houve alguma alteração na popularidade dessas pessoas ou que possuem mais prestígio ou que a cada vitória de sua seleção ficaram fortalecidos para futuras eleições é desconsiderar os fatos históricos, já que muitos ditadores não ficaram mais ou menos no poder por conta das conquistas nas Copas do Mundo. Fizeram uso do esporte como uma ferramenta de propaganda, mas dizer que isso influenciou decisivamente no andamento dos governos é cometer um grave equívoco.

### 4.2.3 O futebol não é o ópio do povo

Ao analisarmos o futebol como parte integrante da sociedade e não em oposição à mesma, negamos que o futebol seja o ópio do povo. O futebol em si não é ópio do povo. Seus objetivos e regras têm fim em si mesmo. Não podemos dizer que o futebol foi criado para controlar as massas. No entanto, pode ser um excelente espaço para aproveitadores, ou seja, aqueles que desejam manipular as massas para benefício próprio.

No entanto, os que consideram o futebol desvinculado ou em oposição à sociedade, concordam com a tese de que ele é o ópio do povo, ou seja, encaram o futebol como uma alternativa para desviar a atenção do povo brasileiro de problemas básicos (DAMATTA, 1982). De acordo com Caldas (1994, p. 46), qualquer esporte de massa pode ser utilizado como ópio do povo. Sintetiza o autor:

Esse fato decorre, isto sim, do uso ideológico que o Estado possa fazer desse esporte, como faria de qualquer outra manifestação que tivesse força popular idêntica. Quem aliena são os governantes que, deliberadamente, usam os esportes de massa com objetivos políticos, quase sempre sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma ética.

Apesar do uso que a ditadura fez do futebol como uma forma de promover o governo, é na Copa do Mundo de 1938 que o futebol atinge um interesse jamais visto. Essa Copa é um marco importante para o entendimento da importância que o futebol brasileiro assumiu para a sua nação. Envoltos de grande expectativa, os brasileiros lotavam as praças para escutar as transmissões pelo rádio. Esse mundial era visto como uma oportunidade de colocar o Brasil entre as potências futebolísticas, porém a conquista não veio, mas o país conseguiu a sua melhor colocação até então, o terceiro lugar, e pela primeira vez um brasileiro foi artilheiro do mundial, Leônidas da Silva. Segundo Costa (2006, p. 114), ao “[...] desembarcarem no Rio de Janeiro, os jogadores foram recebidos por milhares de pessoas nas ruas. O comércio fechou as portas e eles desfilaram em carro aberto, saudados como heróis nacionais”.

Nos anos seguintes, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial, as Copas que seriam realizadas em 1942 e 1946 foram canceladas. A Copa seguinte, em 1950, caberia ao Brasil a realização e, com ela, todo o sonho de ser campeão do mundo se concretizaria, o que de fato não aconteceu. De 1938 a 1950, foram 12 anos de expectativa em torno do futebol que se

transformaram em angústia com a derrota e alívio com a vitória em 1958, ou seja, 20 anos após a primeira grande expectativa em torno do selecionado brasileiro. Esse período, posterior à Copa de 1938, os anos sem Copa e a derrota em pleno estádio do Maracanã, são momentos-chaves para o entendimento da consolidação do futebol como identidade nacional.

O uso do futebol como uma tentativa de criar um vínculo e uma proximidade com a sociedade pode ser uma das estratégias tomadas pelos políticos durante suas campanhas, no entanto, há uma grande distância entre associar o sucesso no futebol ao sucesso das urnas. A conquista da Copa de 1970 não fez com que a ditadura fosse maior ou menor no Brasil e tampouco aconteceu algo diferente com a conquista Argentina em 1978 durante a sua ditadura. Quem faz essa associação, a faz de forma equivocada. Caso o Brasil tivesse conquistado a Copa do Mundo de 2006 também não garantiria ao presidente Lula a reeleição. Para Guterman (2004, p. 269), o sucesso esportivo não se reflete, automaticamente, em sucesso político:

Ao longo do regime militar, por exemplo, observaram-se efeitos diversos das Copas nas eleições. No desastre de 1966, quando o Brasil foi eliminado na primeira fase da Copa da Inglaterra, a governista Arena elegeu 68% dos deputados federais e 82% dos senadores. O Partido também se deu bem na eleição realizada após a Copa de 1970, mas foi uma vitória relativa [...]. A Arena, assim, como a Seleção de 1974, sofreria um sério revés na votação daquele ano, quando o MDB, que teve a primeira oportunidade de usar a TV para divulgar suas apostas, elegeu 16 de 22 senadores e 44% dos deputados federais. O Brasil voltaria a fracassar nas Copas de 1978 e 1982, mas o governo conseguiria manter a maioria no Legislativo.

Se alguém que ocupe algum papel social com grande influência e quiser se apropriar do futebol ou de outra atividade de expressão das massas, poderá fazê-lo, isso não é algo exclusivo do esporte. Basta uma oportunidade para os oportunistas se aproveitarem da situação.

As questões aqui trabalhadas estão muito ligadas ao próximo ponto. A ideia de construção de uma identidade nacional por meio do futebol liga-se claramente à questão do futebol como ópio do povo, pois muitos governantes definiram o futebol como representante nacional, a fim de se aproximarem das massas.

### 4.3 Identidade Nacional



Alguns eventos culturais são capazes de identificar os povos. No caso brasileiro, o futebol e o carnaval são vistos como elementos de brasilidade e auto-imagem do povo. A criação de estereótipos do que é ser brasileiro influencia na construção de uma identidade nacional. Mas quando falamos sobre identidade, sobre quais identidades falamos? Como é construída? Como se manifesta? Muitas vezes essa imagem nacional de um povo é distorcida gerando-se assim um estigma. A identidade nacional será analisada a partir das manifestações culturais valorizadas dentro da própria sociedade brasileira e de sua relação com o que está fora, ou seja, a partir da ótica daqueles que a produzem e daqueles que a observam. O objetivo desse item será analisar e discutir o papel do futebol no processo de formação da identidade nacional.

A palavra identidade pode se manifestar de várias maneiras, ou seja, assumir diferentes “peles”. A identidade pode ser nacional, nominal, sexual, regional, pessoal, esportiva, social, étnica, racial e cultural etc. Certamente, é mais fácil identificá-las do que explicá-las, pois cada uma assumirá uma característica diferente já que sua manifestação estará vinculada às mais diversas culturas.

Ao ver a palavra identidade em algum texto deve-se descobrir sobre qual identidade o autor fala?<sup>18</sup> O que a define? Existe algo que contrapõe a identidade? A diferença também está presente? Também é preciso perguntar qual a relação entre espaço-lugar-identidade? Penso não na sua relação como produto, mas sim como isso se dá dentro de um processo. Acredito que a relação aconteça por meio da cultura, mas para pensá-la é preciso definir qual sociedade será analisada para que não aconteçam generalizações equivocadas.

O pensamento de Hall (2000) converge nesse sentido com relação à identidade, quando diz que é preciso ficar atento às questões de quem podemos nos tornar, como somos representados e como isso interfere no modo como podemos nos representar a nós mesmos. Ao dizer algo sobre algum fato, seja ele qual for, frequentemente opta-se, por identificar e definir o seu objeto a partir de uma visão geralmente reveladora de algum estigma, já que muitos valores são colocados em debate. Negá-lo ou considerá-lo como uma anomalia pode gerar um preconceito, no qual a visão maniqueísta de mundo certamente estará presente, pois o que é certo-errado, bonito-feio, será colocado, ou melhor, visto na discussão do estigma.

---

<sup>18</sup> Essa foi à base da discussão da disciplina que cursei, no segundo semestre de 2005, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH) da Unicamp. A disciplina chama-se “Identidades e Diferenças” e foi ministrada pela profª. Drª. Suely Kofes.

Não é possível dissociar a identidade da diferença e tampouco a diferença da identidade, pois se há identidade é porque também está presente a diferença. O inverso é verdadeiro, pois quando falamos da diferença nos remetemos à identidade. Como afirma Hall (2003), devemos pensar nas culturas nacionais como um dispositivo discursivo que tem a diferença como unidade ou identidade. Em outras palavras, não se pode pensar a identidade sem ter como parâmetro a diferença.

Um tema a se pensar é o da cultura e da identidade nacional brasileira, especialmente da manifestação do futebol enquanto um fenômeno esportivo integrante da dinâmica cultural brasileira. Falar em identidade nacional nos remete a duas condições interessantes que estão inter-relacionadas. Uma delas é a brasilidade, na qual está presente aquilo que é próprio do brasileiro ou ao menos foi incorporado ao seu “habitus” (ELIAS, 1997) e a outra é a auto-imagem, ou seja, como o brasileiro se vê.

Goffman (1988) trata da identidade sem discutir a questão específica da identidade nacional, mesmo assim, a partir das idéias e conceitos de seu trabalho, é possível pensar como a identidade nacional pode ser vista de maneira deteriorada a partir do olhar dos outros.

Anúncios divulgados nos meios de comunicação da Espanha deixam claro como um recorte de fatos, considerados como representantes da identidade nacional brasileira, transmitem uma idéia, no mínimo equivocada, sobre o que querem dizer e tratam a identidade nacional de uma maneira deteriorada. São três anúncios: o primeiro anúncio é uma promoção de uma empresa de telefonia celular para passar o carnaval no Rio de Janeiro, mas a imagem colocada para retratar o evento foi a de uma mulher com roupas caribenhas; o segundo é a embalagem de um salgadinho “Doritos”, que carrega o nome Capoeira, nas cores verde e amarelo, no qual está retratada uma mulher negra com roupas de carnaval; por último, é do Guaraná Antarctica (produto nacional), que transmitia uma imagem do Brasil em seu rótulo. O texto é o seguinte: “Para aqueles que se atrevem a descobrir coisas novas, Guaraná Antarctica é o refresco com gás com sabor original do Brasil. Sua fórmula única está elaborada com frutos de Guaraná procedente do Amazonas. O segredo dos brasileiros será o Guaraná?”.

O produto final é, como se pode ver, o estigma. Segundo Goffman (1988, p.13) “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo,

embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito”.

Figura 2 – Propagandas sobre o Brasil vinculadas na Espanha



Ao ver o estereótipo do que é ser brasileiro, ou melhor, do que representa ser brasileiro estampado na mídia estrangeira, a sensação provocada é de um certo desconforto. Isso é muito interessante, pois mesmo sem compartilhar dos inúmeros fatos que fazem alusão ao que é ser brasileiro e desconsiderando todo o valor comercial que está por trás dos anúncios, as mensagens têm algo a dizer. Penso na identidade nacional como o conjunto das manifestações da cultura e da própria identidade, mas ela pode assumir significados e representações distintas quando é transformada em um recorte para generalizar fatos.

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada – como um conjunto de

significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da idéia de nação tal como é representada em sua cultura nacional (HALL, 2003, p. 49).

A experiência de estar em uma cultura diferente e poder observar fatos públicos a partir de uma visão que não a do nativo, é extremamente enriquecedora e ao mesmo tempo frustrante, pois ao se deparar com tais anúncios e não se reconhecer neles, você sente que está fora de lugar. Schneider (2004) afirma que mesmo que você não se reconheça no modelo de estereótipo nacional, existe uma reprodução desse padrão discursivo, pois as pessoas são influenciadas por essa imagem do que é ser brasileiro. Para o autor, torna-se possível ver e falar dessa imagem, já que os indicadores de assimilação pertencem a eventos culturais coletivos que contam com uma participação ampla e de fácil acesso a qualquer pessoa, tais como jogar futebol, pular carnaval, ir à praia, beber uma cerveja no bar da esquina etc. O futebol e o samba, considerados traços característicos ou típicos da cultura brasileira, não são apenas práticas culturais coletivas, mas, também, símbolos nacionais em si mesmos.

Schneider (2004) realizou um estudo etnográfico sobre a identidade alemã e brasileira, e perguntou a seus entrevistados<sup>19</sup> se eles se consideravam um brasileiro típico. A resposta de um deles ilustra a heterogeneidade de discursos dentro da sociedade brasileira.

Você se considera um típico brasileiro?

— (Pausa) Acho que isso é difícil de responder, mas... eu não sei, é difícil caracterizar o brasileiro típico... Em que sentido sim, em que sentido não?

— Assim, digamos, quais são as características de um brasileiro? Ele gosta de carnaval, eu não gosto do carnaval. Gosta de futebol, eu não gosto de futebol. Gosta de praia, gosto de praia, isso sim (risos), nessa parte é verdade, eu gosto da praia... Então, se você pega o estereótipo do brasileiro, talvez eu não seja um brasileiro [...]. Mas eu também... os estereótipos geralmente estão errados, não é? (p. 113).

Os estereótipos associados aos brasileiros reafirmam ou contestam a idéia de uma identidade nacional única e homogênea. Nessa grande quantidade de discursos sobre a identidade brasileira, o samba e o futebol tiveram uma elevada ascensão no período em que Getúlio Vargas ficou no poder.

---

<sup>19</sup> No Brasil, manteve contatos periódicos com representantes de diversos projetos culturais e sociais e com pessoas das mais diferentes origens e profissões. Também viajou para várias regiões do país e, como complemento da rotina diária no Rio de Janeiro, cidade em que viveu nesse período, entrevistou jornalistas e políticos.

O samba, nascido no morro, conquistava as classes altas. O futebol, que tinha um berço brasileiro coberto de ouro, era a maior paixão das camadas populares. Ambos, no entanto, compunham a descrição do que era ser brasileiro. E no novo governo, a construção da nação e da nacionalidade brasileira era a prioridade sempre presente, que estimulava e justificava todas as realizações do Estado. Para o Governo Vargas, a formação da grande nação brasileira era um dever patriótico de todos (COSTA, 2006, p. 108).

A identidade nacional seria aquilo que identifica as principais manifestações culturais de uma sociedade, mesmo que existam pessoas nessa sociedade que não compartilhem desse evento. Essa manifestação certamente pontua a vida das pessoas mesmo que ela esteja à parte desse fato, pois esse fenômeno cultural poderá e, provavelmente, irá interferir em suas vidas, mesmo de forma indireta. Por isso, Schneider (2004) afirma que, ao analisar as identidades nacionais, é preciso procurar o lócus social e cultural onde são formadas. Observar como se funda e se estrutura a partir da reprodução cotidiana entre os membros de uma determinada nação, pois a identidade é capaz de mobilizar rapidamente milhões de pessoas para “morrer pela nação” ou, como também diz, para assistir e torcer por sua seleção de futebol pela televisão.

**Figura 3 – Metrô de São Paulo às 15h30, meia hora antes da estréia do Brasil contra a Croácia pela Copa de 2006**



(Fonte: O Estado de S. Paulo, 14 de junho de 2006, p. C1).

As figuras representam o contraste da cidade em um dia de jogo do Brasil: o desespero e aglomeração para chegar ao destino final e assistir ao jogo; em oposição à calma da cidade no momento da partida e em alguns pontos da cidade também há aglomeração, em torno de uma única ação: torcer pela seleção brasileira. Gastaldo (2002, p. 19) ilustra muito bem o que acontece com a cidade em dia de jogo do Brasil e como em época de Copa do Mundo, a identidade nacional do brasileiro é a sua seleção. Na partida Brasil e Marrocos, da Copa de 1998, deixou o vídeo gravando a partida e saiu para sentir e fotografar a cidade de Campinas em um dia de grande expectativa, afinal, o Brasil estava em campo.

Uma vez a cada quatro anos, o Brasil é um país quieto e vazio. As ruas das cidades, grandes e pequenas, calam seus muitos decibéis de buzinas e motores, os pedestres apressados desaparecem. Os vendedores ambulantes, sem compradores, somem das ruas desertas, ouve-se o vento do inverno tropical soprar folhetos de propaganda, decorados com bolas de futebol e bandeiras brasileiras, anunciando as ofertas da ocasião. Olhando para o alto, as fachadas desertas dos edifícios de apartamentos exibem para ninguém sua decoração feita de bandeiras nacionais e grandes faixas de pano verde e amarelo tocadas pelo vento indiferente. [...] Em frente a cada televisor ou rádio ligados, um grupo de brasileiros em silêncio escuta, calado, tenso, em transe, à espera do desenlace dos fatos do jogo.

**Figura 4 - O contraste da cidade durante o jogo do Brasil x Austrália: a avenida 23 de maio sem carros e o viaduto 13 de maio transformado em campo de futebol, enquanto o vale do Anhangabaú estava lotado**



(Fonte: O Estado de S. Paulo, 19 de junho de 2006, p. C6).

O país sofre uma mutação e passa a valorizar o que até então era desvalorizado. A identidade nacional do brasileiro toma forma em uma seleção carinhosamente chamada de canarinho. Por meio dessa ligação forte entre selecionado e identidade nacional termos como civismo, país, pátria, patriotismo, nacionalismo etc, voltam a fazer parte do vocabulário do brasileiro.

#### 4.3.1 O futebol e a identidade nacional

A identidade no futebol também pode assumir diversas “peles”. Pode ser vista na manifestação da torcida, no estilo de jogo, nas cores de uma seleção nacional, na rivalidade dos times, na escolha de um clube do coração, na idolatria de um jogador etc.

Um caso interessante e ilustrativo da questão da identidade nacional, que causou grande polêmica no futebol internacional, aconteceu no jogo válido pelas eliminatórias para a Copa da Alemanha de 2006, na partida entre Suíça e Turquia. Antes do início de jogos

internacionais, são executados os hinos das duas seleções e as bandeiras são hasteadas. No entanto, na primeira partida realizada na Suíça, a torcida local vaiou a execução do hino turco. No plano simbólico, esse ato significa um insulto a um dos símbolos nacionais, neste caso, o hino nacional da Turquia.

Na segunda partida, na Turquia, que decidiria uma das vagas para a Copa do Mundo foi a vez dos suíços serem hostilizados assim que chegaram. Após o encerramento da partida e mesmo com a vitória da Turquia, a classificação para a Copa foi conquistada pela Suíça (pelo critério de desempate referente ao maior número de gols marcados no campo do adversário). O acontecimento do primeiro jogo e a desclassificação, mesmo após vencer a segunda partida, fez com que os jogadores turcos atacassem fisicamente os membros da seleção suíça. Ao término da partida, os suíços fugiram para os vestiários debaixo da chuva de muitos objetos lançados pela torcida.

Situações como essas são ilustrativas para observar e entender como a identidade nacional funciona como um importante eixo no futebol. Não se deve brincar com os símbolos representativos do outro país; vaiar o hino, queimar a bandeira adversária ou hostilizar a camisa do outro time representa, no campo simbólico, a inexistência do diferente. Se isso acontece em uma partida de grande tensão, como no exemplo, motivados pelo nacionalismo e patriotismo, essa violência pode deixar de ser simbólica e transformar-se em real.

Outro acontecimento que ilustra a questão da identidade da torcida com os símbolos que representam o time, aconteceu entre duas equipes rivais da Turquia. Agostino (2002) relata que perto do estádio do Besiktas, time que tem como cores o preto e o branco, foi construída uma filial da rede multinacional de fast-food McDonald's, com suas tradicionais cores amarelo e vermelho.

No entanto, as cores da multinacional são as mesmas do Galatassaray, maior rival do Besiktas. Os torcedores da equipe local passaram a hostilizar a loja de fast-food, pois viam em suas cores o seu maior adversário. Ao ver que poderia ter algum prejuízo financeiro, a empresa reagiu imediatamente e mudou as cores daquela loja. Portanto, encontra-se, em Istambul, a única filial da lanchonete nas cores preto e branco, as mesmas da equipe do Besiktas.

As cores de uma torcida é uma das principais formas de identidade do time. O clube, do exemplo, é branco e preto porque não é amarelo e vermelho. Essa idéia do clube ser uma nação representada pelas cores do time amado é uma forma de estabelecer a identidade a



partir da diferença. E o verdadeiro torcedor “nunca” deve usar as cores adversárias e tampouco se alimentar, perto do estádio do seu time (mais um símbolo de identidade) em uma loja de lanches rápidos que detém as cores de seu maior oponente.

Se há uma identidade futebolística nacional, ela pode ser observada quando a seleção brasileira entra em campo. Não importa qual seja a preferência clubística, a seleção reúne torcedores rivais em torno de um único símbolo, o Brasil representado pela seleção de futebol. Cria-se uma grande expectativa para que os brasileiros joguem o estilo que se convencionou chamar de futebol-arte que se opõe ao futebol-força, praticado pelos europeus. Não basta ao jogador brasileiro jogar futebol, é preciso praticá-lo de uma determinada forma, capaz de identificá-lo a partir de algumas características particulares que compõe o seu estilo de jogar. A construção desse estilo de jogo e sua reprodução foi uma forma de consolidar a nossa identidade, pois é por meio desse estilo que somos conhecidos no futebol brasileiro e mundial.

O futebol seria para o brasileiro o “jogo absorvente” descrito por Geertz (1989). A partir dele pode-se aprender sobre a cultura brasileira, principalmente sobre os homens, quando o assunto é futebol. Em nossa sociedade, os meninos, mesmo antes de nascer, já têm uma camisa da equipe de futebol para a qual deverá torcer, além de ganhar uma bola para começarem a dar seus primeiros chutes. Até pouco tempo era estranho ver uma mulher torcer por um time, discutir futebol e usar o uniforme de sua equipe, já que futebol era coisa para meninos, enquanto as meninas deveriam brincar de boneca e casinha. Esses papéis sociais modificaram-se com o passar do tempo e muitas mulheres “possuem um time de futebol<sup>20</sup>”. O número de mulheres que praticam futebol cresceu nos últimos anos, no entanto, ainda é pequena a quantidade de mulheres que freqüentam os estádios, que assistem aos jogos pela televisão e que o praticam se comparados ao número de praticantes do sexo masculino.

O futebol espetáculo, em sua expressão máxima, a Copa do Mundo, indica a transformação do futebol em marca da identidade nacional em que o ato de torcer, a incorporação de uma prática particular de se jogar (leia-se estilo de jogo), valorização da experiência comunitária, a comoção, as concentrações populares para assistir aos jogos do Brasil, as ruas enfeitadas e pintadas de verde e amarelo, enfim, a metamorfose da cidade e do cotidiano em torno da participação da seleção em uma Copa do Mundo, representam a valorização de um dos maiores símbolos de nossa brasilidade: o futebol.

---

<sup>20</sup> Dado obtido na pesquisa realizada por Schneider (2004).

### 4.3.2 Os símbolos da brasilidade

A identidade não é composta apenas por um dado. Ela pode ser afirmada a partir de diferentes pontos. Precisamos analisar qual o sentido da identidade que está sendo colocado. Pensar em porque o futebol e o carnaval são considerados elementos da identidade nacional e por quem são considerados. A transmissão de fragmentos, muitas vezes com um sentido diferente do original pode gerar conceitos errados ou equivocados sobre fatos públicos.

O carnaval compõe o calendário festivo brasileiro e nesse período estão suspensas as atividades laborais, porém, em países como a Espanha, o carnaval não interfere de modo algum no cotidiano das pessoas, diferente de outras festividades próprias da cultura espanhola. Segundo Schneider (2004), a partir do momento em que o carnaval brasileiro passou a ser visto como um evento de relevância nacional, apoiado por uma grande rede de televisão nacional e internacional, com transmissão ao vivo, torna-se comum “ter” uma escola de samba favorita no Rio de Janeiro<sup>21</sup> e acompanhar o desfile pela televisão passa fazer parte da identidade brasileira.

A mídia participa ativamente do processo de construção da identidade nacional. A mídia esportiva geralmente transforma os atletas que representam a seleção brasileira, seja de qual modalidade for, em marcas da identidade nacional e, assim, fabrica a idéia daquilo que os brasileiros esperam dos brasileiros gerando-se um modelo. O estereótipo, geralmente refere-se a modelos de conduta e expressão. No entanto, os equívocos acontecem quando o estereótipo é visto como padrão e generalizado para toda a sociedade a qual pertence.

Para aquele que não se identifica com essas manifestações culturais, seria uma identidade imposta e que nada diz. No entanto, interfere em sua vida quando o fenômeno provoca uma mudança forçada em sua rotina de vida. Pode-se exemplificar esse fato novamente com a Copa do Mundo de futebol que, disputada a cada quatro anos, gera inúmeras intervenções nos horários em que há jogo da seleção brasileira. Em 2006, realizou-se mais uma edição da Copa e o expediente de trabalho, da escola, do comércio foi alterado a fim de assistir aos jogos do Brasil.

---

<sup>21</sup> Nos últimos anos algo semelhante pode ser observado com o carnaval de São Paulo, no qual essa rede de televisão também transmitiu o evento ao vivo em rede nacional e por TV a cabo internacional.

Eventos como a Copa do Mundo e o carnaval, interferem e pontuam a vida dos brasileiros. Aqueles que não compartilham de tais eventos acabam por sentir-se fora de lugar. Não se pode pensar na identidade nacional como algo estável e homogêneo, por isso não pode ser tratada como uma camisa de força na qual toda cultura ficará presa e fechada.

A identidade nacional está vinculada às representações simbólicas, mas não somente aos símbolos oficiais do Estado, como também o futebol e samba, por exemplo. Já os discursos de identidade centram-se na questão de classe e outras questões sociais (SCHNEIDER, 2004).

Pode-se, então, pensar na identidade como uma língua ou linguagem que pode ser codificada/decifrada por aqueles que a compõem ou que a produzem? Ou seja, o seu sentido é estabelecido/dado/construído pela cultura e a partir de sua complexidade será estabelecida sua inter-relação com aquilo que está fora.

O futebol, o samba ou qualquer outra manifestação cultural brasileira pode ser entendida por meio dessa linguagem que foi construída pela cultura. Seus significados e sentidos serão estabelecidos a partir das dramatizações de cada grupo social. Com isso ao falar em brasilidade e auto-imagem valorizam as manifestações culturais da própria sociedade brasileira e a sua relação com o que está fora será vista como os símbolos da identidade nacional.

#### 4.4 Dom

Um dos eixos centrais para entender como o futebol brasileiro produz inúmeros craques certamente passa pela categoria *dom*. A explicação do porque somos os melhores jogadores (ou nos consideramos os melhores), freqüentemente é justificada da seguinte maneira: “Somos os melhores porque possuímos o *dom*”, “Está no sangue do brasileiro” ou “Para ser um jogador profissional, é preciso ter o *dom*”.

Essas frases ilustram a importância que a categoria *dom* possui dentro do futebol. No discurso futebolístico, um jovem, para atingir o objetivo final, a profissionalização, precisa possuir o *dom*. Portanto, o *dom* funciona como um definidor, estabelecendo quem segue e quem é excluído do processo. O mais interessante e paradoxal dessa discussão é que muito se fala

sobre o dom e pouco se define. Numa busca pela literatura especializada em futebol, rapidamente será constatada que são poucos os que se arriscam em defini-lo.

Diante de poucos trabalhos que analisam o dom, o Dicionário da Língua Portuguesa<sup>22</sup> torna-se uma fonte necessária para se pensar a questão. O verbete do dicionário define o dom como uma dádiva ou presente. Transmite uma idéia genérica e não abrange sobre o que seria o dom quando visto no esporte. A dificuldade em encontrar definições a respeito do que realmente seria o dom é provocada pelo fato de não ter como provar se existe ou não na prática, já que o conceito de dom encontra-se no campo do mito, do dogma e da fé.

Essa crença faz com que o dom seja uma justificativa viável para preencher as lacunas criadas com os frequentes questionamentos sobre o talento de um jovem. Geralmente, a explicação para tal acontecimento terá como respostas: é de ordem genética, é natural, é uma capacidade inata. Diante de tais argumentos, encerra-se a discussão. Adentrar nesse campo é mexer com fatos que muitas vezes são inexplicáveis ou, na melhor das hipóteses, difíceis de se explicar. Damo (2005, p. 118) apresenta a história de dois irmãos que seguem trajetórias diferentes no futebol e pergunta “[...] como dois filhos de um mesmo casal podem ter performances desiguais e, particularmente, no caso dos gêmeos – Diego e Diogo, meus informantes, por exemplo -, como um torna-se mais exitoso do que o outro? Por que um deles é melhor do que o outro e não o inverso?”.

Acredito, mais do que fatores genéticos, que o principal determinante para os caminhos diferentes tomados pelos irmãos é estabelecido pela grande variedade de experiências vivenciadas por cada um, ou seja, a forma como cada um recebeu, codificou e processou as informações. Mesmo no caso dos gêmeos, pode-se questionar se eles não tiveram as mesmas vivências e experiências? Podem até ter tido as mesmas experiências, no entanto, o êxito ou fracasso em uma atividade pode ser explicado pela maneira como cada um lidou com os estímulos. Essa experiência corresponde a uma lacuna que sempre aparece para justificar a qualidade de alguém.

Penso, também, que é essa a lacuna que sempre falta quando o assunto é o futebol. Se as variadas experiências não são consideradas como uma condição essencial no processo de aprendizagem, o dom surge como uma explicação para acontecimentos, até então,

---

<sup>22</sup> FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário básico da língua portuguesa**. “Folha/Aurélio”. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

inexplicáveis. Damo (2005) considera que se um dia essas lacunas forem preenchidas, talvez o futebol de espetáculo perca, ao menos em parte, o interesse, já que o dom legitima o pensamento mágico e místico do futebol.

O uso da palavra dom freqüentemente assume dois significados muito próximos. Segundo Damo (2005), o dom seria visto como sinônimo de talento e como sinônimo de dádiva. Na verdade o uso da categoria dom é uma mescla dos significados abordados acima. Como o próprio autor afirma, essa divisão artificial deve ser unida quando a categoria dom é utilizada no plano concreto. Souza (1996, p. 132, grifo do autor) afirma que “Neste sistema de valores que permeia o futebol brasileiro, uma categoria central que recebe, geralmente, uma valoração positiva é o **talento**. O talento seria uma característica inata, rara, singular, específica e exclusiva de cada jogador que o possuir”.

Ao se apropriar do termo dom, o senso comum encara as qualidades futebolísticas do jogador brasileiro, geralmente vistas como talento, como naturais, afinal, sua habilidade é inata. Devido a sua predisposição inata, ouve-se que, aqui no Brasil, futebol não se aprende, mas que nasce com a pessoa. Portanto, ao conceituar o dom a partir dessa ótica, chega-se a conclusão óbvia que o brasileiro é bom de bola porque nasceu brasileiro, ou seja, possui o gene futebolístico.

A importância da categoria dom no futebol brasileiro é tamanha que Rodrigues (2004) realizou uma pesquisa com jogadores profissionais, sobre o motivo pelo qual escolheram a carreira de jogador. Os resultados foram os seguintes: 50% pelo fato de possuir o dom; 21,4% para enriquecer; 14,7% por incentivo da família; 10,7% para jogar pela seleção brasileira e 3,6% não responderam. Portanto, o dom é tratado como algo fundamental quando o assunto é futebol.

Não são somente os jogadores profissionais que reforçam o caráter inato do jogador brasileiro. Em pesquisa realizada por Scaglia (1999), essa lógica está presente no pensamento daqueles que ensinam. A maioria dos professores de futebol entrevistados, todos atuantes em escolinhas, entendem que o futebol seja um dom, portanto, impossível de ser ensinado no seu todo.

Antes de correr é preciso saber andar. Antes de andar é preciso engatinhar. Em outras palavras, se aprendemos a andar e a correr por que não podemos aprender a jogar futebol? No Brasil, podemos dizer que uma criança nasce jogando futebol. Mas essa afirmação contraria tudo o que foi dito até agora? Essa frase quer dizer que aqui as crianças, em sua maioria meninos,

crecem jogando futebol. Em outras palavras, a frase poderia ser traduzida da seguinte forma: no Brasil uma criança, principalmente os meninos crescem com uma bola de futebol e em certa medida se tornam “meninos” porque jogam futebol.

O dom como dádiva equivale a uma predisposição que, além de inata, é herdada (DAMO, 2005). Seria uma qualidade natural pertencente aos bem nascidos, aos predestinados ou aos afortunados, que teriam esse privilégio.

O dom é precisamente isso: “nada de mais”, “o instinto”, “uma dádiva divina” e, agregando-se outros termos do meio futebolístico, dom é “aquele algo mais”, “o que não se pode explicar, “aquilo que você sabe quando o sujeito tem, mas não sabe o que é”, entre outras. Enfim, dom é, fundamentalmente, um termo que preenche um espaço que deveria ser ocupado por outro termo, um coringa, razão pela qual seu significado permanece oculto, aberto, como ilustra o diálogo com o olheiro Dada, citado anteriormente – “Você pode ver pelo jeito dele correr, o jeito que bate na bola”. Só o contexto dirá, o que está em jogo quando o termo é usado (DAMO, 2005, p. 118).

O contexto explicitado pelo autor sempre deve ser considerado. Afinal, não podemos analisar o dom sem considerar o aspecto cultural. Se aceitarmos a idéia de que uma pessoa possa ter um dom ou “talento natural”, o ponto de partida da discussão deve ser feito pela ótica da cultura, ou seja, nesse caso, o dom pode ser entendido como algo aprendido culturalmente, como um componente adquirido que aperfeiçoa e melhora a natureza inata de cada um (CHAUÍ, 2003).

Se a definição de dom for desvinculada do contexto, do significado e da cultura, aproximando-se somente de uma explicação biológica e natural, não será suficiente para responder a pergunta: por que somente os brasileiros possuem certa ginga e um estilo particular de jogar bola?

No entanto, é preciso fazer uma leitura diferente quando se compreende o dom como algo inato ao futebol. Aqueles que afirmam isso utilizam a palavra natural como sinônimo de cultural. Assim, ressaltam a influência que o futebol possui na cultura brasileira, principalmente, o fato dos meninos desde pequenos terem contato com uma bola de futebol.

#### 4.4.1 “Eles jogam bola das 8h às 18h”

As crianças brasileiras, especialmente os meninos, ganham uma bola mesmo antes de andar. Devido a esse contato precoce, desde o início da infância, os meninos brincam de jogar bola. Há uma idéia muito difundida no Brasil de que jogar bola nada mais é do que praticar futebol, portanto, jogar bola é um termo definido culturalmente. É uma marca carregada pelo brasileiro já que nenhum outro esporte com bola recebe essa designação (GIGLIO, 2005).

Esse futebol espontâneo, ou melhor, essa diversão, representa o prazer de jogar uma partida de futebol, na qual as crianças não têm medo de errar e brincam por horas ininterruptas. Freire (2003, p. 1-2) ilustra a relação que o brasileiro possui com o futebol:

Para alguns, somos vitoriosos porque Deus é brasileiro; para outros, a explicação é genética. Mesmo que não sirva para esclarecer, basta dar uma volta por aí, pelas areias da praia, pelas quadras de Futebol de Salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rolar, que o observador atento descobrirá que Futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. Jogar bola tem sido a maior diversão da infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar. Pés descalços, bola, brincadeira, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar Futebol melhor que ninguém.

É sabido que em número de horas as crianças brasileiras jogam muito futebol e por se tratar de uma atividade prática, a quantidade de horas torna-se importante para o desenvolvimento das habilidades. Antes do jogo Brasil e França, pelas quartas de final da Copa de 2006, o atacante francês Thierry Henry declarou<sup>23</sup>:

Quando eu era criança, ia à escola das 7 horas da manhã às 5 da tarde e, quando queria jogar bola, minha mãe não deixava. Dizia que estudar era mais importante. No Brasil, as crianças jogam das 8 às 18 horas. Em algum momento a técnica aparece. [...] [no Brasil as crianças] nascem com a bola nos pés. Na praia, na rua, na escola. Onde quer que você olhe, eles estão jogando.

A repercussão<sup>24</sup> da frase do atacante francês provocou controvérsias no elenco brasileiro, que seria eliminado exatamente por um gol de Henry.

Ele mexeu com questões políticas. A criança brasileira sofre muito. Em 70% ou 80% dos casos, a criança não tem condições de ir à escola. [...] Foi uma falta de educação e delicadeza muito grande da parte dele. Não sei por que ele disse isso. Eu acho que o francês é muito mais privilegiado. Tem escola, saúde. Coisa que o brasileiro sofre para ter (Juninho Pernambucano, meio-campo reserva).

<sup>23</sup> “Henry pisa na bola ao elogiar o Brasil”. O Estado de S. Paulo, 30 de junho de 2006, p. E9.

<sup>24</sup> “Frase de Henry irrita a seleção”. Folha de S. Paulo, 1º de julho de 2006, p. D6.

Ele não deve saber do que está falando (Roberto Carlos, lateral-esquerdo titular).

Ele não falou nada de mais, isso acontece de verdade. Desde pequeno você sempre tem um campo de várzea e a criançada jogando. E nem sempre dão a mesma atenção ao estudo (Fred, atacante reserva).

Está certo. Eu ouvi muito bem o que ele disse. Muitas crianças largam realmente a escola e ficam jogando futebol. Precisamos de uma atuação melhor dos governantes para que isso não aconteça (Cafu, lateral-direito e capitão da seleção na Copa).

A polêmica foi tamanha que até alguns ex-jogadores da seleção brasileira opinaram sobre a frase do francês.

Que azar do Henry não ter nascido brasileiro. Se tivesse, teria comemorado cinco títulos de Copas do Mundo. Ele fez escola em tempo integral e não aprendeu nada. Continua uma besta (Júnior, lateral-esquerdo nas Copas de 1982 e 1986).

Espero que ele tenha falado isso com sinceridade e não em tom de sacanagem. Se foi assim, acertou. É a realidade. A garotada, na Europa, tem muito mais acesso à educação do que no Brasil (Carlos Alberto Torres, lateral-direito e capitão do tricampeonato em 1970).

Essa é ótima. Ele não deixa de ter razão. O Brasil é uma potência no futebol um pouco por isso. O futebol no nosso país é tão competitivo que os atletas muitas vezes têm de abdicar do ensino (Tita, meio-campo reserva na Copa de 1990).

Devido ao grande destaque que possuem na mídia, quando algum jogador de futebol diz alguma coisa, é grande a possibilidade de transformar sua fala em notícia. Foi o que aconteceu com a frase do atacante Henry, da França. A imprensa foi em busca de opiniões de jogadores do atual elenco brasileiro e de ex-jogadores da seleção. Entre os entrevistados, não houve consenso quanto à análise da frase do francês. Para alguns, ele está totalmente equivocado, não sabe nada sobre a realidade brasileira. Para outros, ele está correto em sua afirmação, os entrevistados apontam que isso acontece pelo fato do brasileiro não ter acesso à educação.

Como dizer que as crianças brasileiras jogam bola o dia inteiro? Como um francês pode dizer isso? A afirmação, provocação ou pensamento de Henry choca-se de frente com a idéia que naturaliza o dom ao invés de vê-lo com um longo processo de aprendizagem por qual passam os meninos brasileiros.

Não resta dúvidas de que há muita diferença entre a realidade vivida pelas crianças brasileiras e francesas. Damo (2005) analisou e comparou o modelo de formação de jogadores no Brasil e na França, e afirma que no futebol as diferenças também existem. Nas duas nações há uma legislação que garante o direito aos jovens de estudar. Enquanto os franceses



treinam um período por dia para estudarem no outro, os brasileiros treinam em dois períodos para, se possível, estudar no período noturno.

O autor também afirma que um modelo como o brasileiro só poderia mesmo produzir excelentes resultados futebolísticos. Porém, questiona o que acontecerá com o grande número de jovens que serão expelidos do processo de formação de jogador já que não possuem qualquer perspectiva de reconversão, pois, como diz, “o que se pode fazer com os pés além de jogar bola” (p. 182). Existem outros interesses em cumprir uma lei que garante o acesso à educação e, em nosso país, ainda estamos longe de criar uma consciência da importância da educação para uma melhoria da sociedade.

A polêmica frase “eles jogam bola o dia todo” pode ser usada como argumento para contestar a teoria de Gilberto Freyre (2003), que considera a mestiçagem como a responsável pela qualidade de nossos jogadores. O equívoco consiste em considerar a raça para justificar um aprendizado que está intimamente vinculado à cultura de um país.

Alguém já deve ter escutado a frase: “o cara joga bem porque é negro”. É esse o equívoco, pois o sujeito joga bem não porque é negro e sim pelo fato de ter participado de uma série de experiências em termos futebolísticos que só uma exclusão social como a brasileira poderia proporcionar. Ou seja, a exclusão social atinge a população de baixa renda que, em nosso país, devido a fatores históricos, atinge em maior parte os negros. A única possibilidade de lazer que as comunidades periféricas tem à sua disposição é um campo de futebol. Joga-se muito na periferia e é de lá que saíram grande parte dos atletas negros que tiveram sucesso no futebol.

É na periferia e nas famosas peladas que grande parte dos brasileiros aprende a jogar futebol. Para muitos, talvez seja nesses momentos a única forma de se sentir incluído em algum fato social. Damo (2002, p. 50) ressalta o espaço do futebol improvisado como um local de aprendizado, não só do futebol:

Além do domínio das técnicas corporais propriamente ditas, nas peladas são aprendidos certos códigos, valores e atitudes que dizem respeito à sociabilidade e ao conflito dentro e fora do grupo, do time e do pedaço. [...] a pelada se constitui num espaço privilegiado não apenas à prática do lazer em geral e do futebol em particular, mas como instituição laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal.

No entanto, o jogador de futebol muitas vezes carrega o estigma de que ele seja um predestinado, ou seja, a pessoa certa, na hora certa, para resolver os problemas que estão à sua

frente. No futebol, geralmente o “escolhido” justifica-se por meio da crença de que possua um dom para esse esporte reforçando dessa forma, a idéia de que não precisou aprender a jogar. Seria uma benção, ou melhor, uma dádiva divina. Tudo passa a ser explicado a partir da idéia de que exista uma força maior e que “Graças a Deus” o brasileiro seria abençoado e, conseqüentemente, seria um bom jogador de futebol.

O futebol, por integrar e, constantemente, dar sentido à nossa sociedade é construído culturalmente, e por isso, pode ser ensinado. Muitas habilidades desenvolvidas na infância, nos campos improvisados, na rua ou nas escolinhas, são capazes de explicar “o dom do jogador brasileiro para o futebol” (GIGLIO, 2005). E, portanto, as qualidades dos jogadores brasileiros não podem encaradas como características inatas e racialmente herdadas.

#### 4.4.2 O ídolo é aquele que possui o dom

O dom pode assumir dois significados amplos e complementares: ser sinônimo de uma dádiva de Deus ou sinônimo de talento. A partir das entrevistas identifiquei, além dos significados citados, mais duas formas que o dom assume no contexto futebolístico. Todas as formas e significados que o dom assume são complementares e podem aparecer fundidas. Analisarei os quatro sentidos que o dom assume.

A primeira delas é o dom como diferencial. Algumas qualidades dos jogadores são identificadas a partir da idéia de dom e aquele que possui o dom é considerado craque. “Olha hoje em dia você fabrica jogador. Agora, você não fabrica o craque. Você fabrica jogador. O craque já tem o dom. O craque já é desde pequenininho<sup>25</sup>”. Sob a ótica desse entrevistado, é possível identificar em um grupo de crianças aquelas que são craques e, por isso, possuidores do dom. Considera que se as habilidades desses meninos, possuidores do dom forem lapidadas, eles poderão aperfeiçoar suas qualidades e serem exímios jogadores, enquanto as outras crianças somente poderão chegar a um estágio intermediário de desenvolvimento. Como o dom não aparece sozinho, afirma também, que o dom é a habilidade. Como o dom não é algo claro para as

---

<sup>25</sup> Entrevistado 1.

pessoas, surgem essas contradições, pois afirma, ao mesmo tempo, que o dom seria uma habilidade que todos possuem e que seria exclusivo dos craques.

A habilidade é a segunda forma assumida pelo dom. Frequentemente a habilidade é classificada como sinônimo de talento. Tanto o talento quanto habilidade representam um diferencial, “o jogador tem ou não talento/habilidade”. Há um consenso no meio futebolístico que se uma pessoa é habilidosa poderá desenvolver melhor os fundamentos do futebol. O dom é utilizado para dizer que uns são melhores que os outros: “O dom é você, por exemplo, pegar uma bola e ter facilidade de um companheiro, de tocar, de driblar, de chutar, de fazer um gol. Então, o dom é uma coisa que você se sobressai com mais facilidade dos outros colegas<sup>26</sup>”. A confusão entre dom e treino é evidente. Tocar, driblar, chutar, cobrar uma falta bem são fundamentos que compõem o treinamento das equipes, portanto, são muitas horas investidas no aperfeiçoamento e aprendizagem dessas habilidades.

O dom torna-se “real” ao ser associado a algumas “virtudes”, tais como perseverança, vontade e sorte. A sorte explica porque um menino, além de possuir o dom, consegue ser selecionado numa peneira diante de um grande número de garotos que jogam tão bem quanto ele e também são detentores do dom. Uma vez aprovado nesse teste, o menino passa a fazer parte das categorias de base do time. Fazer parte dessas categorias não significa que conseguirá chegar até o profissional. “Acho que de umas 300 pessoas que eu conheci em categorias de base, infantil, juvenil, juniores acho que dá para contar no dedo quem vingou no profissional<sup>27</sup>”.

Diante de tanta concorrência e poucas vagas na equipe profissional, muitos são excluídos do processo ainda nas fases preliminares. Muitas vezes a explicação para o fato de vários de seus colegas de equipe terem sido excluídos do processo, recai sobre o dom. Este item passa a ser considerado o diferencial na vida de um jogador, isto é, os que são expelidos a cada etapa do processo de formação do jogador e que sucumbiram devido a grande concorrência, não são vistos como detentores do dom. Caso tenha o dom, também precisa mostrar esforço e perseverança, portanto, mais uma vez o dom não aparece sozinho.

Em vários momentos, os jogadores entrevistados se contradisseram quanto à temática dom. Ao mesmo tempo em que afirmaram que se a pessoa possuir um objetivo,

---

<sup>26</sup> Entrevistado 6.

<sup>27</sup> Entrevistado 7.

trabalhar sério, com esforço e perseverança conseguirá ser um jogador profissional, também disseram que para ser jogador de futebol é preciso ter o dom. Pergunto, então, se uma pessoa que não possui esse dom do futebol, mas trabalha sério, tem perseverança e dedicação, conseguirá chegar ao futebol profissional? Afinal, como afirmam, com tais quesitos uma pessoa atingirá o seu objetivo final.

A terceira forma que o dom assume é como uma dádiva de Deus. Provavelmente essa seja a forma mais utilizada no cotidiano, pois não fica restrita somente ao campo esportivo. Serve para explicar como o dom é utilizado por outras áreas. Houve consenso entre os entrevistados que o jogador de futebol e, principalmente o craque, possui o dom. E não é qualquer dom, possuem o dom do futebol, pois caso tivessem um outro dom não seriam jogadores de futebol. Quando associam o dom como uma dádiva, é uma maneira de se distinguir dos demais e fazer um auto-elogio, afinal, como se fossem predestinados, receberam essa dádiva divina.

Para boa parte das pessoas, o atleta que alcança o sonho de jogar pela seleção brasileira é visto como um vencedor. Após passar pelo grande funil que separa aqueles que realmente serão jogadores profissionais daqueles que nunca conseguirão, a seleção brasileira representa um funil ainda mais seletivo, o que significa que poucos conseguirão jogar por ela. O maior sonho do jogador profissional é jogar pela seleção brasileira, no entanto, na visão dos entrevistados, só chegam a essa condição os jogadores que possuem o dom. Todos têm esse talento, mas precisa ser explorado<sup>28</sup>. Portanto, o dom seria uma dádiva divina e ao jogador caberia se dedicar ao treinamento para aperfeiçoar esse talento. Novamente a palavra dom surge como sinônimo de talento, sendo que esse fator funciona como o divisor de águas. Quem é convocado para a seleção brasileira possui o dom.

Acho que dom eles tem sim, pelo fato deles sempre tá aí na seleção, aí sempre tá aí defendendo a amarelinha aí pra gente [...] acho que um dom que temos que agradecer a Deus porque esse dom, acho que Deus que deu pra gente, a gente tem que agarrar com as duas mãos e sempre tá buscando o melhor<sup>29</sup>.

Jogar pela seleção brasileira representa o ápice da carreira de jogador. O atleta pode atuar por um grande clube brasileiro ou do exterior, mas jogar pela seleção representa uma

---

<sup>28</sup> Entrevistado 3.

<sup>29</sup> Entrevistado 5.

espécie de validação e comprovação da sua qualidade. Geralmente, os atletas que atuam pela seleção são reconhecidos como ídolos de suas equipes.

O ídolo é um jogador que se sobressai diante dos demais atletas porque faz o melhor<sup>30</sup>. O ídolo possui o dom para jogar futebol e deve agradecer a Deus o fato de ter lhe dado esse dom; cabe ao atleta agarrar a chance e o privilégio de possuir esse dom para buscar o melhor. É assim que a maioria dos jogadores entrevistados pensam. Por isso, exemplos de ídolos de outras esferas, como da música, Roberto Carlos, e do automobilismo, Ayrton Senna, ilustram os que receberam a dádiva de Deus e que não basta uma pessoa querer ser igual a eles, ela precisa ter o dom. Segundo eles, o inverso também acontece, a pessoa possui o dom, mas não o desenvolve porque não foi lapidado.

Para que o dom seja transformado em realidade e algo concreto, é preciso que aconteça um aperfeiçoamento, dedicação nos treinamentos, enfim, não adianta possuir o dom se o mesmo não for lapidado. No futebol, essa lapidação deve ser feita nas categorias de base. Ao considerar que um músico possui o dom de cantar, que um piloto de fórmula 1 possui o dom de pilotar, pode-se concluir, que o jogador de futebol possui o dom de jogar. Esse “dom” nada mais é do que a quantidade de estímulos recebidos ao longo dos anos de iniciação.

A última forma que o dom assume é como algo natural. O dom nessa perspectiva faz uma clara alusão a uma grande máxima no futebol brasileiro: futebol não se ensina, nasce com o jogador, ou se preferir, está no sangue. Se não se ensina, resta somente uma explicação plausível: somente Deus pode explicar o grande número de jogadores brasileiros que se tornam grandes atletas de futebol.

Como uma qualidade natural, portanto, parte do indivíduo, conclui-se que não tem como se ensinar futebol. Se é impossível ensinar futebol, como explicar a existência das escolinhas de futebol? Certamente, o futebol, nesses espaços, é ensinado em partes e ao professor caberia a incumbência de dar dicas e mostrar quais gestos técnicos são corretos. Como destaca Scaglia (1999), o futebol é um produto cultural e por esse motivo é passível de ser ensinado.

Na verdade você vê que todo jogador de futebol ele tem que ter um dom né porque senão não tem jeito né. Às vezes se você pegar um cara que nunca chutou uma bola e tentar fazer com que ele vire um jogador de futebol dificilmente você vai conseguir. Porque ele não tem aquele dom realmente. Se você não [...], Deus dá um dom pra cada um, né,

---

<sup>30</sup> Entrevistado 4.

então. O jogador de futebol, realmente, pode ser qualquer um, qualquer jogador, goleiro, qualquer um tem que ter o dom porque realmente é uma profissão difícil<sup>31</sup>.

Daí, a contradição, pois se para se chegar à categoria profissional não basta possuir um dom, é preciso trabalhar com afinco e determinação. Portanto, se essas qualidades são importantes para conquistar seus objetivos, será que possuir ou não o dom é um determinante para ser um profissional, qualquer que seja a sua área? O sucesso no futebol não acontecerá “naturalmente” somente pelo fato dos jogadores possuírem o dom, por isso, para chegar ao status de ídolo, segundo os entrevistados, é preciso trabalhar duro.

Novamente o dom é explicado por meio do talento por um dos entrevistados. Considera<sup>32</sup> que cada pessoa possui um dom – talento e que precisa ser trabalhado. Cita uma frase que ouviu uma vez, mas não sabe precisar de quem escutou. Ela diz o seguinte: “quanto mais eu trabalho, mais sorte eu tenho”. Assim, dom é um presente divino que precisa ser trabalhado, lapidado e desenvolvido. Não basta ter o dom e não se empenhar.

Essa benção divina faz com que no Brasil nasça uma série de meninos aptos para praticar futebol. O senso comum considera que a representatividade mundial que o Brasil conquistou no futebol é a combinação de uma qualidade genética e de uma prontidão do brasileiro para a prática. Por isso somos considerados os melhores jogadores de futebol do mundo, pois o brasileiro já nasce sabendo jogar futebol. Se for uma benção divina, por que em outros países não surgem tantos craques como aqui? A resposta que certamente será a mais ouvida é a de que Deus é brasileiro. Se Deus é brasileiro e gosta de futebol, como explicar que o vôlei masculino tenha vencido a Liga Mundial cinco vezes em seis anos?

Pelo fato do vínculo entre o futebol e o homem brasileiro ser tão grande, acaba-se por naturalizar as suas opções pela prática do futebol. A paixão pelo futebol também é naturalizada, afinal, como dizem, está no sangue, é hereditário. Há um discurso de que o brasileiro possua uma prontidão para jogar futebol e, por isso, teríamos conquistado tantas glórias nos gramados. Para contrapor essa idéia, pergunto se há também uma prontidão para o brasileiro para o voleibol? E se há por que antes não havia e o Brasil demorou anos para conquistar seu espaço no cenário mundial?

---

<sup>31</sup> Entrevistado 8.

<sup>32</sup> Entrevistado 10.

#### 4.4.3 As contradições do dom: entre o natural e o desenvolvido

Por ser uma discussão polêmica, o dom traz consigo uma série de contradições. Para alguns é natural e não tem como ser desenvolvido; tem gente que o defende como algo natural e se contradiz ao dizer que tem que ser aperfeiçoado; para outros é natural e tem como ser desenvolvido por meio do treinamento; há também quem diga que é uma condição herdada, sem dar maiores explicações; e por fim, os que explicam o dom por meio de exemplos sem defini-lo.

O dom como algo natural é transmitido geneticamente, enfim, é hereditário. Assim, se tiver na família alguém que foi jogador de futebol, a possibilidade de no futuro surgir um jogador é muito grande. “[...] a tendência de um filho, de um neto de nascer com esse dom de futebol é mais fácil<sup>33</sup>”. Desconsiderar toda a influência cultural que o futebol possui em nosso país e reduzi-lo somente a uma condição herdada é muito complicado.

“Acho que também é algo natural, mas também, sei lá, como posso falar também, uma coisa que vem de quando a gente nasce, acho que Deus dá um dom pra cada um. E acho que no meu caso Ele deu o dom do futebol. E eu agradeço a Deus<sup>34</sup>”. Este entrevistado afirma que o dom é algo natural, que nasce com a pessoa. Considera que Deus dá um dom para cada um e para ele, Deus deu o dom do futebol. Ao mesmo tempo em que diz que o dom é natural e genético, não considera que seja hereditário já que entre os familiares mais próximos somente ele seguiu a carreira, enquanto os irmãos optaram pelo estudo. Mais do que destino e mais do que uma dádiva divina que o concedeu o dom do futebol, como ele mesmo diz, são opções feitas já que seus irmãos quiseram estudar ao invés de seguir a carreira de jogador de futebol<sup>35</sup>.

Entre as inúmeras contradições constatadas na fala dos atletas, há uma muito importante: o dom como algo natural e que não pode ser desenvolvido e o dom como algo natural e que pode ser desenvolvido. Para os que acham impossível transformar um jogador de médio porte em um craque, um exemplo ilustrativo<sup>36</sup>, são os jogadores considerados como bons cobradores de faltas. Para esse entrevistado, o Rogério Ceni, goleiro do São Paulo, é um exímio

---

<sup>33</sup> Entrevistado 9.

<sup>34</sup> Entrevistado 5.

<sup>35</sup> Não que estudar e jogar futebol sejam incompatíveis, mas da maneira como o futebol está estruturado no Brasil, em muitos dos casos uma coisa exclui a outra.

<sup>36</sup> Entrevistado 1.

cobrador de faltas por possuir o dom. As horas de treinamento dedicadas somente ao aperfeiçoamento da técnica de cobrar faltas fica em segundo plano. Para justificar sua posição de que o dom não tem como ser desenvolvido afirma que os jogadores de hoje tem uma certa preguiça para treinar.

Em contrapartida, considera que em sua época havia muitos jogadores que executavam bem a tarefa de cobrar faltas, pois os atletas ficavam até depois do treino aprimorando as cobranças de faltas. Portanto, é preciso ter o dom, além, é claro, de ter vontade de aperfeiçoar, de treinar. Pode-se concluir que os atletas de antigamente cobravam faltas bem pelo fato de treinarem bastante e, se há dom, está associado ao treinamento. Quanto mais se treina, mais dom a pessoa tem. Ao estabelecer a relação treinamento-dom, como sustentar o dom como uma qualidade inata?

Há também os que entendem que o dom seja uma coisa de Deus, algo natural, mas que é preciso aperfeiçoá-lo. Um outro exemplo<sup>37</sup> interessante é a visão de jogo. Para esse entrevistado, a visão de jogo é um dom que cada jogador possui e que atletas que atuam em posições diferentes podem treinar quanto quiserem que não será notada diferença. Há uma contradição entre dom e treinamento: primeiro, diz que pode aperfeiçoar o dom, depois, afirma que jogadores que atuam em diferentes posições comportam-se de outra maneira em campo pelo fato de possuírem um dom e esse dom será o diferencial das atitudes no momento do jogo.

A idéia de que o craque já nasceu craque é muito presente no meio futebolístico. “Já vem de berço, já é uma coisa que você não consegue fazer um jogador, né. Você consegue lapidar o jogador. Você não consegue deixar ele craque, mas se ele tiver a qualidade, tiver o dom aí sim você vai lapidar para ele ser craque<sup>38</sup>”. O treinamento serve somente para lapidar o jogador em seus fundamentos. Se o jogador possuir o dom poderá, por meio do treinamento, chegar a condição de craque. Caso não tenha o dom somente será um jogador como os outros. Analisar os craques como possuidores de um dom é a explicação mais fácil e simples para justificar a qualidade do jogador.

Acho que é genético, não sei. É difícil você explicar o dom que você tem. Acho que é a vontade que eu sempre tive, não sei, de me espelhar no meu pai né? Meu pai foi um jogador, uma pessoa que sempre brincou comigo de futebol em todos os lugares, na casa,

---

<sup>37</sup> Entrevistado 3.

<sup>38</sup> Entrevistado 4.



até dentro da sala, quebrava toda casa jogando bola. Então, acho que isso também faz com que você siga essa carreira de jogador<sup>39</sup>.

A contradição consiste em associar o dom a uma qualidade inata, mas a justificativa sobre seu percurso na carreira não é feita por esforço pessoal e incentivo familiar, esse entrevistado acredita que é por fatores genéticos. Seu pai foi o exemplo e sempre jogaram bola juntos, portanto, há um incentivo claro e ele mesmo diz que se espelhava no próprio pai.

Eu não sei. Não vou saber te falar porque realmente é que nem a gente vê os médicos. Eu admiro muito a profissão de medicina, né, porque você vê o cara fazer [...], salvar uma vida né, entendeu. Te abrir, te abrir o corpo ali pra mexer dentro, quer dizer o cara tem que ter o dom realmente. Uma vez eu tava [...], meu carro estava com um barulho infernal, eu não sabia o que que era, não sabia o que [...], que era e aquele barulho infernal, tá fundindo o motor do meu carro. Eu olhava e nada, não achava nada de diferente no motor, levei no mecânico, o cara simplesmente apertou um parafuso e acabou o barulho. Quer dizer então, é isso que eu te falo, cada um na sua, mas tem realmente que ter o dom. E aí a gente não sabe né falar o que é. É claro que o cara que estuda, o cara estuda tudo, faz um planejamento todo, mas eu acredito muito nesse negócio de dom. Se o cara não tiver o dom, é igual eu falo não nasci pra fazer isso. Não tem jeito<sup>40</sup>.

É comum associar o dom ao conhecimento que cada pessoa possui. Mesmo ao vincular o conhecimento ao estudo, termina por dizer que é preciso ter o dom. Se não possui conhecimento para resolver qualquer problema que seja justificada por uma condição natural, “não nasci pra isso”. O conhecimento e a busca do mesmo estão ligados às suas experiências de vida e não a uma qualidade genética. Nessa perspectiva, o dom é visto como um presente divino e funciona como justificativa para explicar as escolhas pessoais.

Esse entrevistado não sabe dizer o que é o dom. Por meio de exemplos, busca definir o dom. Diz que um médico para salvar uma vida precisa ter um dom. Seu outro exemplo refere-se ao mecânico que, em poucos minutos, descobre e resolve o problema do carro. Embora a pessoa estude para desempenhar bem seus papéis sociais, ele acredita que é preciso ter o dom, é preciso nascer para aquilo. Ao conceituar o dom, geralmente, as pessoas o fazem de maneira vaga, na melhor das hipóteses, sem maiores explicações, é a forma de jogar futebol.

#### 4.4.4 A magia do dom

---

<sup>39</sup> Entrevistado 7.

<sup>40</sup> Entrevistado 8.

Proponho a reflexão sobre o conceito de dom a partir da teoria de Mauss<sup>41</sup> (2003) sobre a magia. O autor explica que a magia compreende agentes, atos e representações. O mágico é aquele que faz atos mágicos; as representações mágicas são as idéias e as crenças que correspondem aos atos mágicos; por sua vez, os atos são definidos em relação aos outros elementos da magia, conhecidos como ritos mágicos. Para se entender a magia é preciso compreender a sua natureza simbólica e, sem ela, torna-se impossível explicar sua eficácia.

Para isso, apresentarei como Mauss abordou a questão da magia e como o dom pode se encaixar a essa teoria. “A magia é, por definição, objeto de crença. [...] A magia, como a religião, é um bloco, nela se crê ou se crê” (p. 126). Diante da fala dos entrevistados pode-se concluir que o dom também é um objeto de crença. Não há um meio termo, você acredita ou não no dom. Por ser objeto de crença, o dom assume, como observado nos dados obtidos, dois significados próximos e amplos. O dom dificilmente aparece sozinho, sempre precisa de um complemento para validá-lo.

[...] a crença do mágico e a do público não são duas coisas diferentes; a primeira é o reflexo da segunda, já que a simulação do mágico só é possível em razão da credulidade pública. É essa crença, que o mágico partilha com todos os seus, que faz com que nem a sua própria prestidigitação, nem seus experimentos frustrados o façam duvidar da magia. Ele tem sempre aquele mínimo de fé que é a crença na magia dos outros [...]. Em geral, se não vê agir as causas, ele vê os efeitos que elas produzem (MAUSS, 2003, p. 131).

É essa crença que faz com que o dom seja considerado: habilidade, talento, algo inato, que nasce com a pessoa, dádiva divina. Pode-se mudar as palavras, mas o foco principal segue o mesmo. A habilidade é explicada pelo talento. O talento é explicado por uma característica inata, ou seja, nasceu com a pessoa. Se nasceu, então, deve ser mesmo uma dádiva divina. É essa a leitura que os jogadores fazem ao usarem uma série de palavras para dizer a mesma coisa.

Há um consenso, entre eles, que para ser jogador de futebol é preciso ter algo que os diferencia dos demais, e isso é nada mais do que o dom para jogar futebol. No entanto, essa idéia não é exclusiva dos jogadores e professores de escolinhas (SCAGLIA, 1999), e técnicos de futebol profissional<sup>42</sup> (GIGLIO, 2003). Dessa forma, a crença de que o dom seja uma

<sup>41</sup> “Esboço de uma teoria geral da magia” corresponde à primeira parte do livro de Mauss, esse capítulo teve a colaboração de Henri Hubert.

<sup>42</sup> Realizei oito entrevistas com técnicos de futebol profissional e a categoria dom também foi abordada por eles.

qualidade imprescindível aos jogadores é compartilhada por seus colegas de profissão e até mesmo por aqueles que não são do meio futebolístico.

Em suma, sua crença é sincera na medida em que é a de todo o seu grupo. A magia é acreditada e não percebida. É um estado de alma coletivo que faz com que ela se constate e se verifique em suas conseqüências, ainda que permaneça misteriosa, mesmo para o mágico. A magia é portanto, em conjunto, o objeto de uma crença *a priori*; trata-se de uma crença coletiva, unânime, e é a natureza dessa crença que faz a magia poder facilmente transpor o abismo que separa seus dados de suas conclusões (MAUSS, 2003, p. 131).

Também há no imaginário desses jogadores que o dom sozinho não resolve nada. Em outras palavras, o jogador precisa ter o dom, mas, além disso, é preciso trabalho, dedicação, empenho para que o dom se torne algo real. Segundo os atletas, se não houver lapidação, aprendizado e aperfeiçoamento especialmente da habilidade<sup>43</sup>, não conseguirão se manter no futebol profissional.

O dom serve, por exemplo, para explicar como um atleta chega à seleção brasileira, como em um jogo de meninos uns se destacam mais do que os outros ou como diante de tanta concorrência nas categorias de base eles conseguiram chegar ao profissional. De maneira geral, os entrevistados disseram que sem trabalho não se chega a lugar nenhum, mas também disseram que só chegaram ao profissional por possuírem o dom. Essa é a principal contradição na fala deles.

É possível inferir que o dom materializa-se na forma do talento. De acordo com o relato dos entrevistados, é a partir dessa representação (talento) que o dom torna-se algo concreto. No meio futebolístico, somente há dom a partir do referencial talento. O talento como sinônimo de dom é explicado como algo genético, natural, dádiva divina etc.

Alguns entrevistados corroboram a idéia de que o dom seja natural, mas que o treinamento é fundamental para aprimorá-lo e aperfeiçoá-lo. Nem todos que pensam em ser jogadores profissionais realizarão o sonho. Para isso, segundo a visão dos atletas, o sonho não se concretiza pelo fato de não possuírem o dom. Muitos sonham em se tornar jogadores profissionais, mas nem todos conseguem porque não possuem o dom<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> É possível trocar habilidade por qualquer uma das palavras mencionadas como sinônimo de dom que o sentido será o mesmo.

<sup>44</sup> Entrevistado 2.

No meio futebolístico o dom é utilizado de muitas formas e com vários sentidos. Por isso, são inúmeras as contradições apresentadas pelos entrevistados quanto à temática. Afirmam que para os jogadores detentores do dom os fundamentos, tais como, saber chutar, driblar ou ter uma melhor visão de jogo, são uma qualidade natural e, portanto, inata. A contradição surge ao associar o dom ao treinamento, pois, em sua visão, cabe ao treinamento aperfeiçoar e melhorar a qualidade inata de cada um, isto é, aperfeiçoar e melhorar esse dom.

O que está por trás da afirmação do dom como definidor da qualidade da maneira que executam os fundamentos no futebol é o empenho, determinação, em outras palavras, muito trabalho. Há muita confusão entre treinamento e genética, pois ter habilidade para cobrar faltas bem ou ter uma visão de jogo excelente, não podem ser explicadas como algo natural do ser humano. Saber cobrar faltas e ter visão de jogo são o resultado de anos de treinamento, estímulo e repetição de exercícios que visam atingir tal fim.

Portanto, pode-se dizer que existam alguns fatores genéticos que podem facilitar o desempenho em uma ou outra modalidade, mas não há como afirmar que uma pessoa já nasce com um domínio de bola ou visão de jogo. Mesmo assim, por que aqui no Brasil ainda prevalece a idéia de que o “craque já nasce feito?”

A idéia de que o craque possui o dom é muito difundida no meio futebolístico. O interessante é perceber como o craque é identificado em outras esferas do conhecimento, geralmente, no campo artístico, o craque é visto como gênio. Como explicar a presença de um craque/gênio em qualquer esfera além da esportiva? Justifica-se muitas vezes como algo natural. Com essa explicação, naturalizam-se todos os estímulos que essa pessoa recebeu e que codificou, de maneira diferente dos demais. No campo futebolístico e artístico a presença dessas figuras justificadas como uma qualidade natural destrói qualquer possibilidade de contestação, pois o entendimento do processo de formação desses craques muitas vezes é explicado por um viés religioso, da crença e da fé, enfim, como algo mágico.

Existem muitos atores que compõem o ritual esportivo, mas certamente os protagonistas do espetáculo esportivo são os ídolos. Sendo assim, para o imaginário, esses jogadores, os maiores craques são aqueles que se destacam devido aos seus dons, às suas virtudes intrínsecas consideradas freqüentemente como inatas e intuitivas.

Como todas as pessoas são influenciadas pela cultura, não podemos excluir os chamados craques. Os craques do futebol brasileiro certamente praticam futebol desde pequenos.

A influência cultural, em todo processo de formação dos jogadores, precisa ser considerada. Porém, alguns entrevistados desconsideram esse fato ao dizerem que seria muito mais fácil se tornar um atleta profissional pelo fato de alguém na família ter sido jogador de futebol. Seria mais fácil não por motivos de estímulo e incentivo dos familiares, mas sim, como uma condição herdada.

Entendem o dom como algo natural, portanto, só pode ser transmitido geneticamente. Assim, poderia explicar como os atletas que tiveram parentes envolvidos no futebol viraram jogadores profissionais. No entanto, não explica os casos dos jogadores que não possuem ninguém na família que tenha seguido na carreira e mesmo assim tornaram-se atletas profissionais. Conclui-se que é o resultado de uma série de condições e oportunidades sociais que transformam meninos em atletas profissionais, e não que é uma característica herdada.

O equívoco em considerar o dom como pré-requisito para o sucesso na carreira é o fato dos atletas descartarem o quanto aprenderam, desde sua época de criança, com o futebol. Seja ele jogado sozinho, com os colegas, em escolinhas, em locais improvisados ou em jogos formais. O quanto são estimulados por meio do treinamento diário desse futebol de competição.

Nos centros de treinamento, muitas vezes freqüentados desde os 11-12 anos de idade, recebem um treinamento mais sistematizado e focado no futebol de espetáculo, pois, ao menos em teoria, as categorias de base deveriam servir para formar os futuros jogadores da categoria profissional. Florenzano (1998) adverte, que é ao longo dos anos 60, que as categorias de base passam a ter um treinamento que visa o profissional, já o futebol exigirá que o atleta seja manipulado e modelado desde o início, condição importante para atingir o novo patamar de força física requerido.

Damo (2005) fez um levantamento da quantidade de horas de treinamento que os jogadores são submetidos até chegar ao profissional. Considerou as horas de treinamento de cinco categorias<sup>45</sup> e constatou uma carga horária de aproximadamente 5.650 horas. Ou seja, os corpos desses meninos são submetidos a um aprendizado, ao longo de sua formação, equivalente a dois cursos de graduação. E não se pode descartar, quando o assunto é futebol que, em termos de horas, eles já jogavam muito futebol antes de entrarem para as categorias de base. Como

---

<sup>45</sup> Equipes formadas no ano de 2005: Seleções (anos de nascimento de 92 a 95), Mirim (91), Infantil (90), Juvenil (88 e 89), Júnior (85 a 87).

sustentar que jogam bola porque possuem um dom? Todo o aprendizado não pode ser considerado como um complemento do dom, mas como a parte principal de todo processo.

#### 4.5 Futebol-Arte ou Futebol-Força? A questão continua...

Futebol-força ou futebol-arte? Frequentemente discussões a respeito dessa temática são realizadas para saber se um determinado time ou seleção joga em qual desses estilos? Certamente estamos longe de um consenso, mas essa discussão é riquíssima e de tempos em tempos é realimentada por vários setores que discutem o futebol profissional.

A base da discussão sobre esse binômio pode ser vista no quadro apresentado por Damo (1999, p. 91). Para entender esses dois estilos é preciso estudá-los a partir do início da oposição. Nesse ponto é importante destacar que o início de tudo se deu a partir da oposição traduzida como necessidade de superação ao estilo que se opunha.

**Tabela 1 - Futebol-Arte x Futebol-Força**

<b>futebol brasileiro</b>	<b>futebol europeu</b>
artístico	competitivo
espetáculo	eficiência
dionisíaco	apolíneo
barroco	clássico
intuitivo	racional
natureza	cultura
dom	aprendizado
rua	clube/escola
jogo	esporte
individual	coletivo
agilidade	rigidez
habilidade	força
malandro	caxias
candomblé/umbandismo	catolicismo/protestantismo
Futebol-Arte	Futebol-Força

Segundo o autor, a comparação poderia ser mais extensa, pois o futebol está vinculado a questões estéticas, às idéias de valor, à subjetividade, e dificilmente se chegará a um

consenso. Os elementos descritos em cada estilo são um ponto central para se entender como as formas de jogar se tornam paradigmas do futebol praticado por cada nação.

O quadro acima é de extrema importância para pensar como surge esse binômio, mas diante de tantas mudanças que o futebol sofreu ao longo dos anos, não se pode mais encarar as características apresentadas como uma dicotomia. Em outras palavras, tais elementos contrapostos não podem ser separados. No entanto, essa dicotomia introduz o leitor em toda discussão, mas não é suficiente para explicar o que é o estilo de jogo.

O futebol, por ser influenciado pela cultura, faz com que o estilo de jogo de cada país seja particular. Frequentemente considera-se o futebol brasileiro como verdadeiro símbolo do futebol-arte enquanto o futebol-força seria representado pelo futebol europeu.

O futebol-arte e o futebol-força diferenciam-se quanto aos princípios fundamentais que caracterizam cada estilo. É preciso ficar claro que independentemente do estilo adotado, as equipes sempre buscam a vitória e o que torna um estilo de jogo antagônico ao outro é o meio pelo qual os times buscam vencer. Tanto o futebol brasileiro como o futebol europeu apresentam elementos dos dois estilos de jogo. Pode-se pensá-los não mais como uma oposição e sim que os estilos se sobrepõem, se mesclam e se juntam cada vez mais. Não há homogeneidade de estilo.

Podemos associar elementos que num primeiro momento são opostos, como o jogo e o esporte, habilidade e força, artístico e competitivo, individual e coletivo. Não podemos mais encarar esses pontos como uma dicotomia. O futebol é jogo e esporte ao mesmo tempo, pois como poderemos distinguir os limites entre competição e atividade lúdica ou seriedade e divertimento? (TOLEDO, 2002).

#### 4.5.1 Onde os estilos são construídos?

Toledo (2002) classifica em três grupos as pessoas que compõem o cenário futebolístico. São os *profissionais*, entendidos como os jogadores, técnicos, comissão técnica, árbitros etc, os *especialistas*, que são a imprensa esportiva e por fim os *torcedores* que não necessitam de maiores explicações.

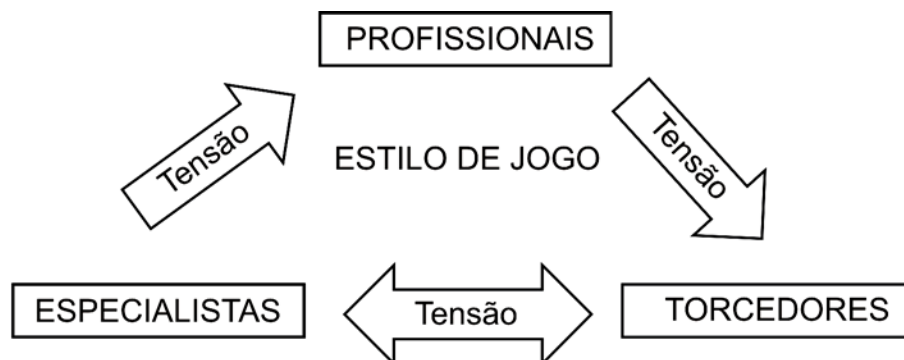
Para o autor, há um embate constante entre esses grupos a respeito da prática futebolística. Os torcedores querem gols e o máximo de aprimoramento das performances; os especialistas tentam desvendar os segredos sobre os times para transformá-los em notícia; e os profissionais buscam uma forma ou padrão de jogo que, bem sucedida, atingirá no plano simbólico, as representações do jogar. Isso, na verdade, seria o estilo, o jeito, a cara ou a alma, para ficar nesses exemplos, do que seria cobrado pelos torcedores e especialistas.

A forma ou padrão de jogo nada mais são do que o sistema tático da equipe e sua distribuição em campo. A representação é a interpretação da atuação da equipe dentro de campo, amparada pelo sistema tático que a delinea dentro do gramado. Essa representação, por se tratar de uma interpretação, acontece no plano simbólico.

O estilo seria, portanto, o resultado da soma de interpretações e diálogos diferentes de uma mesma coisa, ou seja, da maneira de jogar. Os torcedores querem uma determinada forma de jogar que é estabelecida pela relação entre técnico, comissão técnica e características dos jogadores que compõem o elenco durante os treinamentos. Os especialistas que analisam a prática, especialmente, no momento do jogo formal, realimentarão o imaginário do torcedor a respeito do que é o estilo de jogo de determinado time ou da seleção brasileira.

Portanto, o estilo de jogo está em constante diálogo e pertence a um ciclo que realimenta constantemente a discussão sobre as diversas maneiras de se jogar futebol. Seria a interação do plano simbólico (interpretação) com a prática de futebol que torna o estilo de jogo importante para se entender o futebol como um fenômeno cultural. Sem essa interação entre os elementos citados, não haveria motivo para falarmos em estilo de jogo.

**Quadro 1 - Estilo de jogo**





A tensão é fundamental para que o debate seja valorizado. Diferentes idéias e interpretações são estabelecidas na relação entre os profissionais, os especialistas e os torcedores. Se as controvérsias e os diferentes pontos de vista não forem balizados pela tensão perde-se o interesse por discutir sobre futebol.

#### 4.5.2 Afinal, os estilos existem ou não?

A discussão do binômio futebol-arte e futebol-força acontece, sem dúvida, no plano teórico, reproduzido pelo senso comum e reforçado pela mídia (GIGLIO, 2005). Não penso no senso comum como algo negativo ou pejorativo. É um termo que engloba as mais variadas visões e no caso aqui tratado, diferentes visões sobre o estilo de jogo. Para o brasileiro, é muito importante associar o seu futebol ao campo da arte, já que ao fazer isso reforça toda eficácia simbólica, para usar um termo de Mauss (2003), quando somos considerados, muitas vezes por nós mesmos, como os representantes legítimos de uma determinada forma de se jogar futebol e que aqui se convencionou chamar de futebol-arte.

Um caso concreto que aconteceu nessa última Copa do Mundo, realizada na Alemanha, ilustra como os estilos de jogo aparecem no discurso de todos aqueles que estão envolvidos com o espetáculo esportivo. O Brasil foi apontado pelos especialistas como uma das sensações da Copa, afinal o elenco convocado foi considerado um dos melhores que já vestiram a camisa da seleção. Um termo cunhado pela mídia fez com que somente se ouvisse falar sobre um tal “quadrado mágico”.

No entanto, o que se ouviu, em suas duas primeiras partidas, foram reclamações por parte dos especialistas e dos torcedores. O motivo? Todos queriam mudanças na escalação a fim de que fosse jogado o “verdadeiro” futebol brasileiro. Os críticos estavam convictos que, com a formação inicial definida e insistida pelo técnico Parreira, não haveria sucesso.

Enquanto as críticas não paravam de ser feitas ao selecionado brasileiro, nossos maiores rivais, os argentinos venceram sua segunda partida na Copa com o maior placar da competição. Vitória espetacular e incontestável por 6x0 sobre a seleção da Sérvia e Montenegro com uma atuação impecável de todos os jogadores, inclusive dos reservas que, no decorrer da

partida, entraram e mantiveram o mesmo ritmo, além de marcarem gols, como o caso de Tevez e Messi. Na imprensa o discurso era de puro entusiasmo com os argentinos. Afinal, eles colocaram em prática o tal “quadrado mágico” que o Brasil apresentou sem convencer. No dia seguinte a manchete do jornal O Estado de S. Paulo foi: “O quarteto mágico argentino<sup>46</sup>”. Essa manchete foi uma clara alusão ao que o Brasil não tinha conseguido fazer: que seus jogadores de meio-campo atuassem em conjunto.

Na terceira partida, disputada contra o Japão, a equipe brasileira, já classificada, colocou em campo muitos reservas e diante da menor qualidade dos japoneses, o Brasil conseguiu enfim impor seu estilo de jogo.

Classificado, o Brasil enfrentou Gana nas oitavas de final. Com a mesma escalação das partidas iniciais os problemas se repetiram. Dificuldade em marcar os adversários e pouca movimentação dos jogadores brasileiros. A seleção de Gana quase complicou a partida para o Brasil, não fossem suas péssimas conclusões ao gol brasileiro.

Enquanto isso, a Argentina já estava classificada para as quartas de final após vencer o México, somente na prorrogação. Um jogo difícil no qual aquele “futebol bonito e envolvente”, da goleada na primeira fase, não pôde ser visto. Isso já havia acontecido diante da Holanda ao final da fase classificatória, quando as duas seleções empataram sem gols.

No entanto, no Brasil as críticas continuavam. Afinal, com tantos jogadores excelentes, como não conseguiríamos impor o nosso estilo e jogar o futebol-arte? A imprensa especializada e os torcedores clamavam por mudanças na equipe. As alterações vieram na partida contra a França, na fase de quartas de final, porém o futebol esperado não apareceu.

A derrota da Argentina para a Alemanha, no dia anterior, nos pênaltis, só pôde ser comemorada pela torcida brasileira por 24 horas. Os argentinos demonstraram duas coisas que a equipe brasileira não mostrou: vontade e bom futebol. Além disso, o Brasil não conseguiu jogar contra os franceses, e para muitos, não jogou nada durante o mundial inteiro. Inúmeras críticas foram feitas sobre toda a preparação brasileira a fim de achar onde o erro foi cometido. O jornalista Juca Kfoury<sup>47</sup>, em sua crônica no jornal a Folha de S. Paulo disse: “Quem recusa o jogo bonito merece todos os castigos”.

---

<sup>46</sup> 17 de junho de 2006, p. E3.

<sup>47</sup> 2 de julho de 2006, p. D5. O título da crônica: É tua, Felipão!

Na saída do hotel para o aeroporto de Frankfurt, inúmeros torcedores cercaram o ônibus da seleção e com gestos obscenos e xingamentos, saudaram aqueles que tinham como incumbência jogar um futebol-arte e conquistar o hexacampeonato. Afinal, torceram por um time que esteve apático durante toda a partida contra a França e viram Zidane, o melhor jogador francês, comandar a partida sem que nada fosse feito.

**Figura 5 - Torcedores xingam os atletas da seleção brasileira**



(Fonte: O Estado de S. Paulo, 03 de julho de 2006, capa)

Ao final de mais uma Copa do Mundo, que no caso brasileiro aconteceu após seu quinto jogo na competição, pode-se ver claramente que os estilos de jogo estavam novamente colocados em discussão. Sabe-se que vencer sempre é algo muito difícil, pois do outro lado também há uma seleção de jogadores, que ao menos em teoria, deve ser formada pelos melhores de seu país e, portanto, tem qualidades. Quero dizer que no discurso corrente, o Brasil nunca perde e é assim que alguns fatores, muitas vezes extra campo justificam a derrota. Admitir que o outro foi melhor e por isso conquistou a vitória é algo distante das discussões futebolísticas em nosso país.

O centro do debate não foi somente a derrota. Claro que isso repercutiu imensamente, pois antes da Copa, a seleção brasileira era tida como franca favorita na competição. Após a partida, o que estava em jogo eram as interpretações sobre a derrota. Como um elenco formado pelos melhores jogadores não conseguiu ser um time? Foi quase unanimidade

que essa seleção era a melhor dos últimos tempos. Desde 1982, não haviam tantos talentos reunidos. Essa realmente era a chance de resgatar aquele futebol-arte que, mesmo sem vencer a Copa de 1982, encantou o mundo.

Aí novamente estava posto o estilo de jogo. Pode-se perder desde que seja possível ao menos ver o jogo bonito, ou seja, o estilo de jogo brasileiro. Com isso e para além do que seria o nosso estilo, se não há como mostrar a arte e a habilidade, ao menos se deve ter raça, garra e vontade.

Tornara-se evidente, na medida em que fui dialogando com meus informantes, que as categorias de estilo eram propriedades intrínsecas do jogo, mas que não possuíam, entre eles [pessoas envolvidas na formação/produção de profissionais], a mesma importância que as formas/padrões de jogo, por exemplo, constituindo-se numa modalidade de categoria periférica (DAMO, 2005, p. 317-318).

Damo (2005) não observou, durante sua pesquisa de campo<sup>48</sup>, nenhuma atividade voltada para o desenvolvimento de algo que se aproximasse de um “drible à brasileira”. Em tom de provocação, pergunta se essa característica brasileira de jogar futebol seria natural? Propõe pensar que o drible gingado e o futebol-arte estão nas representações do público, seja nos comentários dos especialistas ou nos olhos dos apreciadores, e não nos corpos dos futebolistas.

Concordo com a exposição de Damo, mas saliento que os centros de formação podem não dar importância para o treinamento de como driblar o adversário, mas ressalto que a aprendizagem do futebol não acontece somente nos centros especializados. Antes de chegarem a esses locais os meninos vivenciam o futebol nas mais variadas formas. “Driblar à brasileira” faz parte de toda socialização dos meninos quando jogam contra outros meninos. Driblar para se livrar do adversário faz parte do modo como se opera e aprende o futebol no Brasil.

O próprio Damo (2005, p. 333) afirma, ao relatar uma de suas observações de campo sobre a dificuldade de adaptação de um jogador brasileiro que acabara de chegar à França que “[...] o futebol que ele aprendeu antes de ser recrutado para um centro de formação preserva uma herança de longa data [...]”, ou seja, que o aprendizado dos códigos do futebol antes de chegar à categoria profissional é um fator que proporciona aos meninos saírem em busca do seu sonho.

---

<sup>48</sup> Em sua pesquisa de doutorado, o autor frequentou centros de formação/produção de jogadores de futebol. Parte de sua pesquisa aconteceu no Internacional de Porto Alegre e na França – Olympique de Marseille.

Se pensarmos que aqui no Brasil basta termos quatro garotos para que sejam formados dois times, ou quando muito duas crianças são suficientes para que rapidamente sejam formados dois times, o que estará em jogo nesses espaços de brincadeira não será a vitória em termos de placar e sim aquele que consegue se estabelecer perante o grupo a partir de um código específico, o drible.

O que quero deixar claro é que não é apenas o drible em si, e sim o que ele provoca e simboliza. É interessante pensar que, nos dias atuais, há um consenso de opiniões dizendo que os melhores jogadores foram para fora do país e que a beleza do futebol brasileiro se perdeu ao longo dos anos. Enfim, muitas opiniões para dizer que o futebol do passado era mais charmoso, estético ou atrativo do que atualmente. No entanto, basta acontecer um drible que todo o cenário futebolístico é tomado pela empolgação. Para usar um termo de Mauss (2003), há nesse recurso uma eficácia simbólica que é muito valorizada no Brasil. O drible pode não ser eficaz enquanto técnica no decorrer de uma partida, mas sua eficácia simbólica é inquestionável.

O estilo de jogo nada mais é do que uma construção que envolve o discurso de inúmeros atores, sempre pautada por uma tensão estabelecida pelos diferentes e contrastantes pontos de vista. Pode-se dizer que esta construção é baseada em elementos de estética do jogo e por isso debatidos. A reprodução do estilo de jogo como ponto central para se entender o futebol no Brasil, pode ser explicada pela transmissão das tradições que são responsáveis por estabelecer mitos em nossa sociedade. Sua manutenção faz com que muitos elementos sejam incorporados no discurso, validando e construindo a memória do futebol brasileiro.

## 4.6 O sonho de ser jogador profissional

Os meios de comunicação somente valorizam os pontos positivos do futebol e esquecem ou descartam a dura rotina dos treinos, das viagens e das concentrações e, conseqüentemente, a distância da família. O início para se tornar um atleta profissional, envolve uma série de condições a serem superadas. Omitir tais rotinas reforça o imaginário social de que jogar futebol profissionalmente envolve uma série de regalias e tem sua expressão máxima no espetáculo esportivo que tem como característica uma duração pequena e grande repercussão.

O sonho dos meninos não é somente ser um jogador profissional, sonham jogar por um time da primeira divisão, ter salários altos e com ele obter os bens materiais que geralmente foram privados em sua infância, atuar no exterior e é claro, ser o craque da seleção brasileira. O sonho desses meninos é reforçado, conforme afirma Guedes (1998, p. 64) pela “[...] história de vida de muitos jogadores profissionais bem sucedidos, difundida amplamente pelos meios de comunicação de massa, dá credibilidade ao sonho, na medida em que muitos deles originam-se das classes trabalhadoras urbanas”.

#### 4.6.1 O início no futebol

O início no futebol significa a busca pelo sonho de criança. Dedicar-se a esse projeto representa investir intensamente a algo incerto, pois a qualquer momento pode ser excluído do processo e se quiserem continuar o sonho, terão que iniciar seu projeto em outro clube. Projeto esse que não visa somente tornar-se um jogador de futebol, o sonho envolve os grandes clubes, jogar no exterior e a seleção brasileira. Boa parte dos que tentam ingressar em um clube vem das camadas de baixa renda e acredita que só conseguirão mudar de vida por meio do futebol.

Ingressar em um clube profissional representa a porta de entrada para percorrer o tão esperado sonho de ser um jogador profissional. No entanto, ao fazer parte de um time o mais difícil torna-se se manter no elenco. Ser dispensado pode representar o fim prematuro da carreira ou se empenhar novamente no árduo caminho para ingressar em alguma equipe.

Os meninos que ingressam nos clubes de futebol o fazem por duas maneiras: pelas peneiras ou pela indicação de alguém, seja o diretor, pai, empresário, olheiro do time etc. De maneira geral, nos últimos anos, os clubes abandonaram a peneira como uma forma de seleção de futuros jogadores. O São Paulo e o São Caetano recrutam seus jovens jogadores apenas por indicação, pois a realização da peneira envolvia muito trabalho e pouco resultado<sup>49</sup>.

Este é um dos paradoxos do esporte de rendimento. Ao mesmo tempo em que é visto como um espaço de ascensão social exclui grande parcela da população que tenta vencer na

---

<sup>49</sup> Informação da assessoria de imprensa dos clubes. Palmeiras, Corinthians e Portuguesa ainda mantêm a seleção por meio de peneiras.

vida por meio do esporte. O futebol é um exemplo disso. Os dados coletados por Toledo (2002), revelam uma face pouco conhecida do futebol. Dos jogadores que disputam uma vaga no São Paulo, estatisticamente, menos de 1% são aprovados. Em 1996, o número de pretendentes a uma vaga foram 4.000 garotos, no entanto, somente dois permaneceram no clube. E, além disso, ser aprovado não significa que chegará às outras categorias.

O caso do Internacional de Porto Alegre se assemelha muito ao do São Paulo. Os dados de Damo (2005) revelam que nos anos entre 2004 e 2005 nenhum atleta das categorias de base ingressou na equipe profissional. Quando muito, a realidade do clube mostra que de três a quatro jogadores são promovidos por ano ao profissional. Muitos são testados e logo dispensados, enquanto outros não recebem oportunidades.

Somente um dos entrevistados<sup>50</sup> foi aprovado em uma peneira, mas não permaneceu no time por saudade da família. Os demais entrevistados não tentaram peneiras ou não foram aprovados. Conseguiram ingressar por meio de convite.

Eu e um amigo meu fomos um dia fazer um teste lá no Torpedão<sup>51</sup>, numa peneira. Só que aconteceu assim: o meu pai foi jogador de futebol e o dia em que eu fui treinar, [eu] tava no grupo lá no meio de campo junto com vários rapazes [...]. Quando terminou o treino ele me chamou e falou: mas você é o filho do João<sup>52</sup>? Eu falei: sou. Ah, então, eu joguei com o seu pai, seu pai foi meu amigo, tal, tal e tal. Então, na realidade meu pai por ter jogado até me ajudou no início da carreira.

*E essa peneira era de um dia ou você ficou alguns dias no clube?*

Não. Aí eu fiquei direto. Porque ele escolheu alguns garotos e como ia ter o campeonato infantil, ele começou a montar a equipe pra jogar aquele ano. Então, aí nós já ficamos, eu e esse rapaz fomos os dois que permanecemos e aí já naquele ano começamos a jogar no infantil [...].

A igualdade de oportunidades fica mais distante quando surge a pergunta: “Você sabe com quem está falando?” (DAMATTA, 1996). Em muitas profissões a indicação por uma pessoa conhecida ou influente faz com que o candidato avance em algumas etapas do processo de seleção. No futebol não poderia ser diferente. Mais uma vez os dados mostram que essa lógica faz parte do futebol. Dos jovens que são indicados, normalmente pelos olheiros<sup>53</sup>,

---

<sup>50</sup> Entrevistado 5.

<sup>51</sup> Nome fictício.

<sup>52</sup> Nome fictício.

<sup>53</sup> Pessoas que trabalham para os clubes com o intuito de observar jovens jogadores atuantes em clubes de menor expressão ou mesmo da várzea. Geralmente são ex-jogadores profissionais.

metade acaba aproveitada pelos clubes. A indicação permite que o jovem mostre suas qualidades durante um período de 10 a 15 dias (TOLEDO, 2002).

A indicação tem o papel de tranquilizar o menino quanto às angústias e incertezas de um mundo que ainda não conhece. Ela permite que o teste seja realizado num período de tempo maior, além de ter o respaldo de alguém do clube.

Por ter uma pessoa conhecida ele te vê de uma outra maneira. A oportunidade que ele dá é até um pouco maior. Eu tive uma semana praticamente de testes né, normalmente se faz em um dia. Mas independente dessa ajuda acho que depende mais do talento do jogador, se o atleta não tiver talento, não tiver capacidade, o amigo, o primo, o irmão nada faz com que o jogador vire um profissional<sup>54</sup>.

O exemplo do jogador Cafu sempre é usado para ilustrar que é preciso lutar pelo seu sonho. Esse atleta realizou nove peneiras até ser aceito em um clube. Atuou pelos principais times de São Paulo, em boa parte de sua carreira jogou na Europa (ainda hoje atua por lá) e consagrou-se como o recordista de jogos em Copas do Mundo pela seleção brasileira. Sua trajetória é “vendida” como a possibilidade de sucesso, de que o sonho é possível para todos e que é preciso persistir muito para conseguir resultados no futebol.

O que não se questiona é a utilização da peneira como mecanismo de seleção. Geralmente os meninos realizam um jogo contra outros meninos. As duas equipes são formadas na hora e os garotos não demonstram nenhum entrosamento com os demais, afinal, mal sabem os nomes dos colegas. Também podem jogar contra os meninos que já fazem parte do clube, isto é, a equipe da categoria a qual pertencem ou completarem os times já formados. O que se observa durante o jogo é a exclusão dos meninos que não fazem parte do grupo, pois representam uma ameaça. Se algum menino de fora se destacar, pode ocupar a vaga de algum garoto já estabelecido no time. Assim, os que estão fora querem entrar e os que estão dentro querem permanecer, além de bloquear e na medida do possível excluir os novatos.

A peneira possui uma função social importante. Se o menino não possui ninguém que possa indicá-lo, somente ingressará em um time pelo processo da peneira. Ela representa a porta de entrada da grande maioria, mas a porta é pequena demais para a elevada demanda de meninos que sonham em transformar sua brincadeira favorita em profissão.

Poucos atletas profissionais ingressaram pelas peneiras. Claro que existem os que entram dessa maneira, mas os dados obtidos mostram que a maioria dos entrevistados não

---

<sup>54</sup> Entrevistado 7.



participou de peneiras ou, quando muito, fizeram testes em períodos maiores que os demais concorrentes. Possuir o contato com alguém do clube pode facilitar o acesso e, conseqüentemente, a possibilidade de um período de testes maior. Os meninos que conseguem ingressar dessa forma eliminam algumas etapas do processo de seleção. Não resta dúvida que os meninos corresponderam às expectativas, caso contrário seriam expelidos prematuramente do processo.

Ao mesmo tempo em que os números indicam que poucos conseguirão chegar à categoria profissional, percebe-se também que a procura é extremamente grande. Por isso a história de vida de muitos atletas que conseguiram mudar sua condição social por meio do futebol é valorizada e funciona como o modelo a ser seguido, transmitindo a idéia e validando o discurso de que qualquer pessoa poderá ser um “vencedor”.

#### 4.6.2 A tentativa de profissionalização

Os caminhos percorridos para ingressar no futebol são extremamente concorridos. Ingressar nas categorias de base pode ser um começo, mas não é garantia que chegará ao profissional. A maioria dos entrevistados ingressou nos clubes com idades entre 11-12 e 15 anos e avançou até ser promovido a categoria profissional.

A grande maioria dos meninos tenta as peneiras como a única forma de entrar nos clubes, mas há casos em que os meninos chegam ainda pequenos e conforme avançam são dispensados. Depois de fazerem parte do time, sem participar de peneiras, se quiserem chegar a outro clube será por meio dessa forma de seleção. O entrevistado 9 jogou dos 7 aos 17 anos e quando ia ser promovido ao time júnior (categoria que antecede a profissionalização) foi dispensado. Em busca do sonho, conseguiu ingressar em outro time somente na sexta tentativa de testes.

Nos últimos anos, os meninos brasileiros partem para os centros de treinamento no exterior sem ao menos jogarem por algum clube nacional. O sonho de jogar fora do país tem sido a realidade de muitos garotos. Antigamente os jogadores partiam ao exterior após conquistarem notoriedade nacional e mesmo internacional. Isso ainda acontece, mas os meninos

são seduzidos pelas ofertas ao exterior cada vez mais cedo. Ir para um centro de treinamento estrangeiro é uma maneira de ingressar no futebol sem ter que passar pelas inúmeras peneiras. Lá serão formados, os clubes investirão em sua formação para que no futuro possam colher os frutos desse investimento.

Um caso ilustrativo da busca precoce de meninos talentosos foi o de Jean Carlos Chera, nove anos, contratado pelo Santos. Segundo a reportagem<sup>55</sup>, especula-se que o acordo feito com os pais dessa criança foi em torno de 4 mil reais. Seu pai disponibilizou na Internet algumas imagens do filho jogando bola, o que possibilitou o contato com alguns clubes e empresários.

Será que esse menino, apontado como destaque entre os garotos da mesma idade, também será o melhor quando tiver 15 anos? 18 anos? E se não for? Se for excluído pelo sistema tão logo não tenha nada a oferecer em troca, o que vai fazer? Certamente aqueles que têm manipulado seu sonho precocemente não estão preocupados com o processo e sim com o imediato. Tanto é que o garoto foi notícia na imprensa escrita e televisiva, sem falar na internet que atinge proporções inimagináveis. Por enquanto, casos como esse são exceções, mas podem rapidamente se transformar em uma prática rotineira.

De certa forma, as trajetórias dos atletas de futebol são muito parecidas. Existem algumas etapas a serem cumpridas e percorridas, ou seja, fases comuns ao mito. A dedicação a uma determinada prática esportiva muitas vezes significa deixar a casa dos pais em busca de um mundo desconhecido. O novo clube corresponde a um caminho de provas em que a resistência, determinação, paciência e um pouco de sorte farão parte dessa iniciação (RUBIO, 2001).

O apoio da família passa a ser praticamente unânime. São poucos os casos em que não há apoio. Para o entrevistado 3, somente a mãe e a avó o incentivava, o restante dos familiares queria que trabalhasse para ajudar a família. Os demais entrevistados tinham apoio da família e a única preocupação de alguns pais era com os estudos. É comum que os pais também vislumbrem que o filho siga na carreira profissional, pois nela projetam a ascensão social. Devido à possibilidade de altos ganhos financeiros, o futebol passa a ser não só o sonho dos meninos como também de toda a família.

---

<sup>55</sup> Revista Veja, 13 de abril de 2005, ano 38, n. 15, edição 1900, p. 134-135.

O jovem abdica de tantas coisas em busca do sonho e encontra o amparo na família. É ela que será lembrada, juntamente com os amigos e o local da infância, caso o sucesso seja atingido. Os jogadores que viram ídolos e heróis evocam constantemente a infância cheia de dificuldades e, muitas vezes, pobre, como forma de resgatar os tempos difíceis e salientar que foram importantes para atingir o sucesso. Guedes (2001, p. 135) afirma que “É a *família de origem*, de fato, que estabelece o mais forte elo entre as duas vidas dos craques, secundada pela referência a seus *locais de origem e amigos de infância*. Assim, suas trajetórias também consagram seu englobamento pela família, outro dos nossos ‘valores eternos’”.

Os jogadores que enriquecem não deixam de ajudar aqueles que um dia fizeram parte de sua vida, a sua comunidade. É muito importante solidificar a imagem de ídolo junto a sua origem, pois ela permite uma identificação e revela, como os demais membros ligados às suas raízes, que uma pessoa famosa surgiu de lá. A busca por esse elo faz com que os jogadores não sejam vistos apenas como ricos e famosos, mas como pessoas humildes e solidárias, qualidades tão estimadas para os profissionais da bola. Também nos últimos anos, os jogadores têm investido em Fundações<sup>56</sup> que visam auxiliar as crianças carentes. Essas Fundações são implantadas no bairro em que viveram a sua infância e possibilitar que as crianças de hoje vislumbrem um futuro mais promissor daquele vivido quando ninguém olhava para a sua comunidade e as dificuldades que enfrentavam. Conforme afirma Guedes (1998, p. 73), “O jogador fala do *povo* e para o *povo*, a partir da sustentação de sua posição como alguém do *povo*”.

Fica a pergunta: até que ponto essas Fundações que geralmente levam os nomes dos jogadores não funcionam também como alimentadores do sonho de ser jogador de futebol? Afinal, recebem a assistência de uma pessoa que como eles saiu da mesma condição e venceu na vida por meio do futebol.

#### 4.6.3 A concretização do sonho

Concretizar o sonho de ser um jogador de futebol profissional é passar por diversas etapas e vencer a maior angústia dos meninos: a incerteza. Na verdade, a única certeza que têm é que muitos ficarão pelo caminho e talvez até eles mesmos. Conseguir jogar por uma

---

<sup>56</sup> Por exemplo, a Fundação Gol de Letra, a Fundação Cafu, Instituto Ronaldinho Gaúcho etc.

equipe grande pode representar a mudança de vida tão esperada ao longo dos anos. Cada vez mais os contratos dos jogadores atingem quantias impensáveis no passado, mas a grande maioria dos atletas não tem essa oportunidade, já que atuarão por equipes de menor prestígio dentro do cenário futebolístico, o que significa menos renda para o clube e salários bem abaixo dos clubes grandes.

Os jogadores entrevistados, em sua maioria, ingressaram no futebol muito cedo. Iniciaram nas categorias de base com 11-12 anos e lá permaneceram até chegar ao profissional. Portanto, somente sabem fazer uma coisa: jogar futebol. E jogar futebol não é qualquer coisa, representa o sonho que tinham desde criança. É a vida deles, fazem isso desde que se entendem por gente, investiram tempo e dinheiro em um sonho incerto.

Eu não sei fazer outra coisa né [...]. Eu faço isso desde os 13 anos, né. Vai fazer 20 anos que eu jogo futebol. É, então, na minha vida sempre foi futebol. Eu acho que você fazendo com amor, você tendo amor pela sua profissão, você fazendo com gosto, cara, pra mim o futebol é tudo na minha vida, depois dos meus filhos<sup>57</sup>.

Como não sabem fazer outra coisa, entendem como um dom tudo o que aprenderam com o futebol<sup>58</sup>. Seriam privilegiados e abençoados por Deus<sup>59</sup>, que concedeu essa chance de conquistarem muitas coisas por meio do futebol.

Caso a realização do sonho também represente uma mudança na situação financeira, os jogadores passam a ser o pilar da família. São eles que se tornam os responsáveis pelas finanças e procuram dar aos pais e familiares tudo o que eles não puderam ter ou oferecer quando ainda somente sonhavam em ser um jogador de futebol.

Porque minha família depende toda de mim. Eu sou casado, mantenho minha casa, mantenho minha família, a família da minha esposa. Então, quer dizer, futebol hoje pra mim é tudo né. E eu acredito que vai ser pela minha vida toda porque se um dia, o dia que eu encerrar a minha carreira pretendo tocar minha vida dentro do futebol. De alguma forma ou outra eu vou tentar. Então, o futebol pra mim é tudo<sup>60</sup>.

Literalmente viram arrimo de família. Por isso, no universo do futebol valoriza-se muito a origem humilde dos jogadores, já que foi por meio do futebol, como o caso dos entrevistados, puderam ter acesso aos bens materiais que um dia foram privados. Valorizam a

---

<sup>57</sup> Entrevistado 4.

<sup>58</sup> Entrevistados 3 e 5.

<sup>59</sup> Entrevistado 11.

<sup>60</sup> Entrevistado 8.

origem e buscam resgatar constantemente o passado de sofrimento. Nenhum dos entrevistados passou fome, possuíam uma estrutura familiar e tiveram acesso a educação. Porém todos valorizaram a sua origem, buscaram resgatar em sua memória como viviam e tudo o que o futebol possibilitou em termos de transformação.

A realidade dos atletas que não conseguem atuar por equipes grandes e muito menos atingir a condição de ídolo e herói, é muito diferente e distante desse reduzido número de jogadores que gozam do privilégio de desfrutar tudo o que o futebol profissional pode oferecer, em termos financeiros. Aos excluídos desse círculo restrito de altos ganhos permanece o sonho, não mais de ser jogador profissional, mas de um dia chegar a um clube grande, atingir uma estabilidade financeira e quem sabe ser ídolo e herói de uma torcida.



**5**  
**Sobre ídolos e heróis**

Há alguns anos a FIFA fez uma pesquisa para eleger o jogador do século, chegando a dois nomes: Maradona e Pelé. Jogadores que foram considerados ídolos por suas equipes e heróis pelas atuações nas seleções nacionais. Como avaliar dois atletas que jogaram em momentos distintos e em lugares diferentes, para apenas dizer que um foi melhor que o outro?

Esse tipo de pesquisa não é privilégio da entidade máxima do futebol. Frequentemente, especula-se para saber se fulano foi melhor que sicrano, se x foi melhor que y, se a equipe de 1981 foi melhor que a de 2003. Independentemente do resultado obtido, o erro cometido pela FIFA e pelas pesquisas desse tipo é o de cometer um anacronismo histórico. Por isso, essa pesquisa não tem resposta plausível, pois não é possível comparar dois atletas que jogaram em épocas diferentes e que somente tem em comum o fato de terem sido a estrela maior enquanto estiveram em campo. Pretendo ao longo deste capítulo entender o que caracteriza o ídolo e o herói, conceituar os dois termos e como sua presença se faz necessária dentro do espetáculo esportivo.

Não quero estabelecer se algum jogador foi melhor do que outro, mas pensar a importância do ídolo e do herói dentro do esporte. Basta pensar, independentemente da modalidade, em algum atleta de destaque nesse esporte. Certamente, as pessoas lembrarão de algum atleta que ficou conhecido como ídolo ou herói dessa modalidade. São figuras tão importantes dentro do espetáculo esportivo que sempre estão presentes. Pode haver falta de público, mas não do ídolo e do herói. No caso do futebol brasileiro, percebe-se que os ídolos mudaram de lugar. Atuam nos grandes centros europeus e, os clubes nacionais conseguem cada vez menos mantê-los em suas equipes quando viram ídolos nacionais.

O futebol como um fenômeno cultural é capaz de revelar os desejos, anseios, expectativas da população. O estudo da construção dos ídolos e heróis como atores diretos desse esporte, pretende contribuir de forma significativa para que se entenda um pouco mais sobre esse fenômeno chamado esporte, mais especificamente, o futebol.

## 5.1 A importância do ídolo



O sonho de muitos meninos brasileiros certamente passa pelo esporte mais popular do planeta. Como já foi dito, o futebol está presente no imaginário do povo brasileiro. Frequentemente, jogadores são eleitos ídolos e passam a servir de modelo para a sociedade.

A sociedade valoriza o vencedor, a vitória, a ascensão, impondo um padrão de comportamento que reconhece o mais forte e o mais habilidoso. Aquele que chegar ao topo servirá como exemplo para os demais (RUBIO, 2001). Num país em que a desigualdade social<sup>61</sup> é um dos grandes problemas a ser resolvido, valoriza-se aquele que é bem sucedido, famoso e conhecido, enfim, aquele que deu certo financeiramente.

O futebol, visto como o esporte nacional que atinge todas as classes sociais, regularmente produz atletas que serão o modelo para muitos brasileiros. Por isso, não é de se estranhar que muitos ídolos e heróis brasileiros pertençam ao campo esportivo, especialmente ao futebol.

Tornam-se pessoas públicas. Saem do anonimato e entram no rol dos astros mais bem pagos do mundo. Os jogadores que conseguem tal façanha participam de um processo que muitos sonham e poucos conseguem. Portanto, os famosos, os ídolos e heróis constituem uma exceção da exceção. Em outras palavras, para ser jogador de futebol é preciso passar por longas etapas e muitas angústias, é preciso conviver com a possibilidade de ser dispensado em qualquer fase das categorias de base. Ser jogador de futebol é pertencer a uma pequena parcela, se comparada com o número de muitos meninos que ficam pelo caminho.

Por isso, pode-se dizer que ser jogador de futebol profissional é uma exceção dentro de um processo de exclusão. Uma vez conseguido o objetivo de ser jogador profissional, chegar à condição de ídolo e/ou herói de seu clube ou mesmo da seleção de seu país compõe outra exceção. Isso porque o contingente total de jogadores é muito grande se comparado aos que chegam a tal condição. Para se ter uma idéia, hoje são 9.959<sup>62</sup> atletas brasileiros que possuem contratos ativos com clubes no país e uma grande quantidade de atletas que atuam no exterior. E desses quase 10 mil jogadores, por volta de uma centena, ao longo dos anos de preparação para uma Copa do Mundo, é que chegarão à seleção brasileira.

---

<sup>61</sup> Apesar dos dados serem da Grande São Paulo, esta informação permite uma análise da realidade brasileira: 14% da população vive abaixo da linha da pobreza (menos de meio salário mínimo); 48,9% da renda concentra-se nas mãos dos 10% mais ricos e 2,1% da renda está nas mãos dos 20% mais pobres (O Estado de S. Paulo, 26 de setembro de 2004, p. H3, caderno Dossiê Estado). No futebol essa desigualdade também acontece (ver a tabela abaixo).

<sup>62</sup> Fonte: Sítio da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), [www.cbfnews.com.br](http://www.cbfnews.com.br), acesso em 14 de agosto de 2006.

Portanto, pode-se dizer que são poucos os jogadores que gozam do status de ídolo, de representar a seleção brasileira e até mesmo de jogar pelos clubes considerados grandes. Os que não compõem esse seleto grupo, convivem com baixos salários e com uma realidade de vida muito diferente daqueles que integram esses times. Em razão desse caminho tortuoso, chegar a uma condição de destaque dentro do mundo do futebol é muito difícil. Cada vez que ocorre um avanço rumo ao profissionalismo e ao estrelato, um sistema de “funil” estreita cada vez mais o caminho. Ao analisar a trajetória de alguns ídolos recentes, como, por exemplo, o percurso do Ronaldo<sup>63</sup> (Fenômeno) e do Ronaldinho Gaúcho, é possível ver uma mobilidade e uma ascensão social. Em suas origens, pertenciam a uma classe menos favorecida da sociedade, excluídos socialmente, ou seja, pertenciam à classe social mais pobre e em pouco tempo, cerca de 10 a 15 anos, se tornaram os homens mais bem pagos do mundo.

Isso pode ser visto numa divulgação sobre os atletas mais bem pagos do planeta<sup>64</sup>:

**Tabela 2 - Os jogadores mais bem pagos do mundo em 2004 e 2005**

Pos.	Valores em milhões de DÓLARES	2004 <sup>65</sup>	Valores em milhões de EUROS	2005 <sup>66</sup>
1º	Beckham/ING (Real Madrid)	26,8	<b>Ronaldinho Gaúcho (Barcelona)</b>	<b>23</b>
2º	<b>Ronaldo (Real Madrid)</b>	<b>19,8</b>	Beckham/ING (Real Madrid)	18
3º	Zidane/FRA (Real Madrid)	16,8	<b>Ronaldo (Real Madrid)</b>	<b>17,4</b>
4º	Vieri/ITA (Inter de Milão)	13,3	Rooney/ING (Manchester United)	16,1
5º	Del Piero/ITA (Juventus)	12,1	Vieri/ITA (Monaco)	16
6º	<b>Ronaldinho Gaúcho (Barcelona)</b>	<b>12</b>	Zidane/FRA	15
7º	Raúl/ESP (Real Madrid)	11,1	Del Piero/ITA (Juventus)	11,5
8º	Owen/ING (Liverpool)	10,9	Lampard/ING (Chelsea)	9,8
9º	Kahn/ALE (B. Munique)	10,5	Henry/FRA (Arsenal)	9,8
10º	Figo/POR (Real Madrid)	10,2	Terry/ING (Chelsea)	9,7

O que precisa ser destacado no discurso dos astros do futebol não é a possibilidade de se tornar mais um ídolo/herói dentro do processo e sim que eles constituem uma exceção à regra e que os contratos e o sucesso no futebol são estabelecidos a partir do referencial do talento. Possuem um prazo de validade, estabelecido pelo desempenho, competência e

<sup>63</sup> Principalmente de Ronaldo (Fenômeno). Ronaldinho Gaúcho tinha uma condição de vida melhor, garantida por seu irmão Assis que foi jogador de futebol profissional.

<sup>64</sup> O ranking leva como base os salários, luvas e as receitas publicitárias dos jogadores de futebol.

<sup>65</sup> O Estado de S. Paulo, 4 de maio de 2004, p. E3.

<sup>66</sup> Informações retiradas do sítio: <http://www.estadao.com.br/ext/inc/print/print.htm>, acesso em 24 de abril de 2006.

juventude. Quando ficam mais velhos, têm seu “talento” contestado, já que, em termos futebolísticos, não conseguem desempenhar o papel de outrora.

Um exemplo dessa situação foi o que aconteceu com o jogador Ronaldo, chamado de Fenômeno, devido às suas atuações em campo. Ele é tido como um caso de sucesso no futebol brasileiro. Não é por menos, jogou por grandes clubes europeus e tornou-se um dos homens mais bem pagos do mundo do futebol.

De promessa na Copa de 1994 quando ainda era um menino com 17 anos (foi reserva e não entrou em nenhuma partida); conheceu na Copa de 1998 o peso da cobrança e da responsabilidade e teve um mal-estar horas antes da partida final, a qual o Brasil viria a perder; na Copa de 2002, após passar por uma série de cirurgias no joelho, retornou como o grande astro e conheceu o auge da fama, ser campeão e artilheiro da Copa do Mundo. Quatro anos mais tarde, apesar de toda experiência adquirida, foi alvo de inúmeras e fortes críticas sobre sua condição física.

**Figura 6 - Ronaldo é substituído e passou por uma situação inédita dentro da seleção brasileira: teve sua condição de jogador titular contestada pelos críticos e pela torcida, muitas vezes chamado pejorativamente de gordo e velho**



(Fonte: O Estado de S. Paulo, 19 de junho de 2006, E.3)

A cada jogo a imprensa perguntava onde estava o jogador apelidado corretamente de Fenômeno. Pela primeira vez, teve sua posição de titular absoluto questionada.

Parece que o prazo de validade que os ídolos possuem chegou a Ronaldo. Aos 29 anos<sup>67</sup>, chegou a ser chamado de velho, seu desempenho não é o mesmo de anos atrás, conseqüentemente, sua competência passou a ser questionada.

No início de 2007, após ser preterido pelo novo técnico, foi vendido do Real Madrid (Espanha) para o Milan (Itália) por US\$ 9,5 milhões<sup>68</sup>. Claro que os valores são altíssimos, mas, se comparados ao investimento feito pela equipe espanhola (US\$ 45 milhões) quando o contratou junto ao Internazionale (Itália), representa uma desvalorização de 79%. Embora continue jogando nos grandes centros europeus, Ronaldo já tem sua qualidade contestada, algo que era impensável há alguns anos. Como os jogadores são vistos como mercadorias, tão logo não correspondam ao mercado, são descartados como se nunca tivessem sido importantes para o clube.

## 5.2 A diferença entre ser ídolo e herói

Ao assistir um jogo pela televisão, ou ao escutá-lo pelo rádio, ou ainda ao assistir um programa esportivo ou ler um jornal, você pode ficar um pouco confuso quanto à utilização do termo ídolo e herói. Esses veículos de comunicação não se preocupam em defini-los, apenas os utilizam indiscriminadamente. Ao receber tantas informações diferentes, o receptor fica confuso.

A mídia frequentemente aborda o herói esportivo como ídolo. No entanto, antes de avançarmos, é preciso conceituar esses dois termos. De acordo com Helal & Murad (1995, p. 65):

[...] o herói é quem conseguiu, lutando, ultrapassar os limites possíveis das condições históricas e pessoais de uma forma extraordinária, contendo nessa façanha uma necessária dose de 'redenção' e 'glória' de um povo. Mas para que sua trajetória heróica alcance este status é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as façanhas do herói afirmam. Logo, o mito do herói faz parte de uma relação com os seguidores, os fãs, aqueles que o idolatram. Sem esta relação, este 'acordo', o herói não é herói, o que nos leva a concluir, então, que na figura do herói se encontram agrupadas várias representações distintas da coletividade.

<sup>67</sup> Idade que tinha na Copa do Mundo de 2006.

<sup>68</sup> Folha de S. Paulo, p. D3, 31 de janeiro de 2007.

Tanto ídolo como herói são categorias precedentes, isto é, condição essencial para que possam ser idolatrados. No entanto, existe uma pequena diferença. Segundo Helal & Murad (1995, p. 64-65) “Apesar de se transformar em uma celebridade, o herói se distingue desta ao agir para redimir a sociedade, não vivendo somente para si”. Então, o ídolo seria uma pessoa conhecida e reconhecida, ou seja, famoso, porém, incapaz de redimir a sociedade. Para Campbell (1990, p. 131), o herói é aquele “[...] que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”.

A palavra ídolo vem do grego, *eidôlon*, e significa imagem. Por isso, no futebol, o ídolo tem a sua imagem vinculada ao time que defende. A condição de ídolo pode ser passageira, já que sofre um processo de renovação cíclica que colocará outro jogador em seu lugar; a condição de herói pode ser passageira, mas fica na memória dos que o viram jogar e o tinham como ídolo.

O ídolo é o protagonista do espetáculo esportivo, sua presença torna-se imprescindível, afinal, sem ele o jogo “perde a graça”. O herói, para assumir a condição de protagonista, necessita de uma situação mítica que o coloque em evidência. Como o herói está vinculado a um evento mítico, seus feitos são perpetuados, imortalizados e lembrados por muito tempo. O ídolo se relacionará com os seus torcedores/fãs e construirá essa condição no cotidiano e pode atingir a condição de herói<sup>69</sup> caso seu time participe de um evento capaz de demarcar muito bem a identidade do clube, tal como fazer um gol em uma final de campeonato.

Tanto o ídolo quanto o herói podem sobreviver por muito tempo. O herói será lembrado por algum feito realizado em um evento mítico, já o ídolo, além dos feitos realizados, será lembrado por tudo o que fez pelo clube, pelos campeonatos conquistados, pela identificação com a torcida, pelos jogos inesquecíveis, pelos gols etc. Assim que o ídolo não puder mais sustentar a sua posição, será substituído por outro jogador apto a ocupar o seu lugar, enquanto o herói será definido pelo evento mítico capaz de transformá-lo em herói. Portanto, a cada evento capaz de mitificar um atleta, um novo herói poderá surgir.

---

<sup>69</sup> Isso não é exclusivo do ídolo, pois um jogador desconhecido pode atingir tal status mesmo sem ser conhecido por sua torcida, como um caso de um jogador reserva que ainda não estabeleceu uma relação de identidade com o time e o com os torcedores.

Para tentar esclarecer os usos e desusos dos termos investiguei junto aos protagonistas do espetáculo futebolístico, os jogadores, se há diferença entre ser ídolo e herói, afinal, são eles que receberão tais designações.

Na visão de alguns atletas há uma junção da figura do herói e do ídolo. Dessa forma a categoria ídolo precede a de herói, ou seja, antes de ser herói, o jogador é considerado ídolo. Consideram que o ídolo e o herói se misturam e estão vinculados. Acredita<sup>70</sup> que um jogador se torna ídolo por fazer um gol na final, ou seja, é o ídolo que virou herói. Cita outros exemplos como alguma situação chave dentro de uma modalidade esportiva e no caso do futebol diz que seria conseguir uma vitória no último momento ou salvar seu time do rebaixamento. Considera esses atos como uma atitude heróica.

Na verdade há uma confusão de conceitos, o jogador ao fazer um gol em uma final torna-se herói, pois sua ação acontece em um evento especial, capaz de mitificá-lo. A imprensa gosta de classificar os jogadores que marcam gols nos últimos momentos da partida como um herói que foi capaz de salvar o time da derrota. A mídia faz isso para atrair a atenção de seu público-alvo sem se preocupar com o conceito do que é ser herói; assim, qualquer situação para a imprensa é capaz de produzir heróis para a sociedade.

Mas não é somente a imprensa que se confunde com a classificação dos termos. Um dos entrevistados<sup>71</sup> considera que pelo fato de estarem vinculados, não existe diferença entre ser ídolo e herói. Para ele, o atleta que for um herói a cada dia, pode se tornar um ídolo. Essa é uma utilização do senso comum para explicar a diferença entre ser ídolo e herói. Há um discurso de que o brasileiro é um herói, pois diante de tantas dificuldades e adversidades consegue ser um “povo alegre e que dá um jeitinho para tudo”. Por isso, o senso comum apropria-se do termo e diz que é preciso ser um herói a cada dia, pois, só assim conseguirá sobreviver.

As opiniões mais freqüentes foram as que classificam o ídolo a partir da idéia de uma construção, isto é, de um processo mais longo do que o reconhecimento do atleta como herói, pois esse estaria vinculado a uma situação capaz de mitificá-lo, tal como uma final de campeonato.

Para a maioria dos entrevistados, existe uma diferença entre ser ídolo e herói. Poucos consideram que há vínculo entre essas figuras e, de maneira geral, pode-se ver que a

---

<sup>70</sup> Entrevistado 4.

<sup>71</sup> Entrevistado 8.

relação entre ídolo e herói é estabelecida por uma relação de tempo. Diferenciam-se por surgirem e serem construídos de maneiras distintas.

Dentro dessa perspectiva o ídolo é aquele que adquire tal status em conseqüência de seu vínculo com a história do clube, resultado de uma identificação com os torcedores, dedicação, trabalho, empenho, humildade e seriedade<sup>72</sup>. Esse processo de construção do ídolo está intimamente ligado às conquistas.

O herói é algo momentâneo e vinculado a uma situação única como, por exemplo, marcar o gol do título. Pode-se tornar herói pela coragem que a pessoa apresenta e em determinada situação por ajudar uma pessoa devido a sua bravura<sup>73</sup>. Coragem e bravura são termos utilizados para dizer as qualidades do herói. Esses termos funcionam para dizer que o atleta estava apto para responder com êxito a situação encontrada. É aquele que coloca em risco a própria vida em prol dos outros. Surge em situações momentâneas e casuais, muitas vezes associadas a uma condição essencial para que se realize: a sorte<sup>74</sup>. No entanto, essas situações momentâneas e casuais estão dentro de ocasiões especiais e de grande projeção. Também está associado a uma realização importante.

O processo de formação do ídolo e do herói é diferente. Conforme afirma um dos entrevistados<sup>75</sup>, ser ídolo é mais difícil do que ser herói, por se tratar de algo demorado e que envolve a identificação com o clube, diretoria e torcida.

O que define e distingue o ídolo do herói são as categorias tempo e espaço. O ídolo é construído dentro de uma lógica de fatos que ocorrem de forma temporal (cronológica) que o coloca em condição de ser idolatrado a partir do referencial da história construída no clube. Muitas vezes o atleta carrega o status de ídolo quando se transfere para outra equipe. Mas para que continue reverenciado, precisa criar um novo vínculo com o clube e a torcida. Para atingir essa condição não necessita de algum fato especial, precisa criar o vínculo com os seus fãs. O herói está vinculado a um curto espaço de tempo, muitas vezes relacionado a um evento isolado, como uma final de campeonato ou uma Copa do Mundo, e tem o seu feito transformado em heroísmo. Esse feito pode ser um gol, mas não pode ser em qualquer campeonato, porém não o

---

<sup>72</sup> Entrevistado 5.

<sup>73</sup> Entrevistado 6.

<sup>74</sup> Entrevistado 3.

<sup>75</sup> Entrevistado 2.

transformaria em herói, porém, precisa realizar algum feito importante em uma situação capaz de mistificá-lo.

Segundo Campbell (1990), o herói é aquele que concedeu a própria vida por algo maior que ele mesmo e que realizou algo ou passou por experiências pela qual poucos passaram. Por isso, são venerados como heróis aqueles que algum dia foram os responsáveis imediatos por realizar alguma façanha esportiva que vincule o seu nome ao momento da conquista. As finais esportivas são ricas em criar heróis, os gols, os pontos ou as cestas decisivas são utilizadas, principalmente pela imprensa, como o local reservado aos heróis.

Também há quem diga que o herói é uma pessoa predestinada. Só ele seria capaz de responder positivamente aos obstáculos da tarefa. Por isso, Campbell (1990, p. 133-134) afirma que o herói precisa provar que realmente é herói. Isso o faz quando responde aos seguintes indicadores: “Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”.

Os cadernos de esportes dos jornais impressos utilizam-se frequentemente dos termos herói e ídolo para reverenciar os feitos dos atletas nas mais diversas modalidades. Essa prática foi questionada por um entrevistado<sup>76</sup>, que considera que a imprensa faz uso inadequado das palavras, criando, muitas vezes, paradigmas para a sociedade.

Sob o título “Brasil recebe seus heróis”, a manchete do caderno de esportes do jornal O Estado de S. Paulo<sup>77</sup> é um excelente exemplo para entendermos como a mídia utiliza-se do esporte. Esse chamado corresponde ao desembarque dos brasileiros que conquistaram medalhas na Olimpíada de Atenas. Os heróis cumpriram à risca o que Campbell (1990) afirma ser o feito típico do herói: partida, realização e retorno que, no caso, seria saída do Brasil, conquista da medalha e volta ao país de origem.

O futebol é o carro-chefe dos noticiários, ocupando grande destaque na mídia. Com isso os ídolos e heróis estão em evidência e tornam-se paradigmas de conduta. O jogador Mineiro do São Paulo passou por dois momentos na carreira que o colocou em evidência. O jornal O Estado de S. Paulo trouxe as seguintes manchetes:

---

<sup>76</sup> Entrevistado 1.

<sup>77</sup> 2 de setembro de 2004, p. E1.



## O PERSONAGEM DO TRI

# Mineiro, ídolo são-paulino e herói do filho Juan

Volante marcou o gol pedido pelo garoto de três anos e meio na final contra o Liverpool

Um mês depois o mesmo jornal trazia a seguinte manchete<sup>78</sup>:

## CAMPEONATO PAULISTA

# Mineiro, herói do São Paulo de novo

Volante, que fez o gol do título mundial, ontem marcou, de bicicleta, o da 1.ª vitória do ano: 2 a 1 no São Caetano

O que está por trás das manchetes que exaltam o jogador Mineiro como herói são duas tarefas difíceis de acontecerem. E por isso, naquele momento, o “herói” Mineiro estava apto a realizar tal feito. A primeira manchete revela uma faceta muitas vezes encontrada no futebol: o jogador que possui o status de ídolo e de herói. Atingir tal denominação é extremamente difícil, já que o ídolo e o herói chegam a tal condição por vias distintas temporalmente. Para ser herói não é preciso estabelecer uma relação de confiança com seus torcedores. Pode-se dizer que o ídolo está ligado ao tempo do cotidiano e o herói ao tempo sagrado, por isso o herói pode alterar sua condição em um curto espaço de tempo.

Por ser visto como um jogador modelo, ídolo para a sua torcida, Mineiro sentiu o gosto de ser herói em dois momentos: primeiro, marcou o gol que deu o título ao seu clube, o São Paulo, no Mundial Interclubes. Um mês depois marcou um gol de bicicleta, jogada muito difícil no futebol, sendo escassos os gols feitos dessa maneira. Apesar de ser um feito muito difícil de acontecer, marcar um gol de bicicleta, não pode ser encarado como um ato de heroísmo. Mineiro teve sua imagem associada a herói por realizar esse feito por estar em evidência e ter sido considerado o herói da conquista do título mundial.

<sup>78</sup> O Estado de S. Paulo, 22 de janeiro de 2006, p. E5.

O herói, enquanto figura mítica, possui força, coragem e astúcia (RUBIO, 2001). Além disso, aspectos como sorte e acaso fazem do atleta o predestinado, ou seja, estava na hora e no local certo. Frações de segundos o colocaram diante do destino e como estava capacitado para tal tarefa, consagrou-se como referência, virou herói em poucos minutos. Além disso, a situação definirá se o ato pode ser de heroísmo.

Já o ídolo diferencia-se do herói. Sua imagem é construída junto a seus fãs no cotidiano. O trabalho, como dizem os entrevistados, é algo essencial para quem, algum dia, alcançou esse status. Por estar vinculado ao dia-a-dia, a imagem do ídolo pode ser mais duradoura do que a do herói no futebol.

Muitos obtêm tanta atenção que são vistos como celebridades. Giulianotti (2002) diz que o status de celebridade é extrínseco e está vinculado a uma atraente e brilhante imagem a partir da perspectiva do olhar dos outros. A celebridade também pode estar desvinculada da figura do ídolo, pois pode ser representada também por aquele jogador que, por algum motivo, adquire reconhecimento dos demais, por conta de algum gol ou jogada que o coloque em evidência, mas não adquire o status de herói, apesar de geralmente aparecer numa situação curta de tempo, não atinge a condição de herói pelo simples motivo de seu ato ter acontecido no mundo cotidiano e não em uma situação mítica como uma final de campeonato.

Devido a inúmeros fatores o Brasil transformou-se em um dos maiores exportadores de pés-de-obra (DAMO, 2005). Com isso, seus maiores jogadores, os craques, foram responsáveis por um novo cenário futebolístico, com o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior. Cada vez mais os clubes brasileiros perdem seus astros para o futebol estrangeiro e a única alternativa é a de repatriar os craques que fizeram suas carreiras no exterior e voltam para encerrá-la no Brasil. Os dados sobre o êxodo dos atletas são extremamente interessantes<sup>79</sup>:

<b>Transferências para o exterior</b>		<b>Jogadores que retornam ao Brasil</b>	
2006	400	2006	307
2005	804	2005	491
2004	857	2004	-
2003	858	2003	-
2002	665	2002	-

<sup>79</sup> Fonte: [www.cbfwmes.com.br](http://www.cbfwmes.com.br), acesso em 14 de agosto de 2006.

Embora muitos ídolos compõem os dados das transferências, há um grande contingente que vai tentar a carreira em países sem nenhum destaque no futebol. Países como o Vietnã, Indonésia, China e Bolívia aparecem entre os 10 países que mais receberam jogadores brasileiros no ano de 2006.

Se ficou estabelecido e aceito que em nossa sociedade o importante é estar em primeiro e ser derrotado pode significar a entrada no ostracismo, tornando-se “mais um” numa sociedade caracterizada pela luta da sobrevivência diária, essas premissas recebem uma base de sustentação muito forte e sólida por intermédio de uma grande máquina das comunicações. A manutenção das imagens é repassada a cada noticiário, no qual aparece um novo atleta a ser eleito como modelo e que rapidamente passa a ter todos os pré-requisitos para tornar-se um ídolo e quem sabe um herói.

Tanto o ídolo como o herói passam a compor uma nova condição de vida. Não importa se ela será passageira ou não, o que se vê é uma mudança, pois tornam-se figuras públicas e carregam a possibilidade imaginária de vitória de milhares de pessoas. Como Campbell (1990, p. 13) muito bem escreveu: “Você desiste de sua vida pessoal e aceita uma forma socialmente determinada de vida, a serviço da sociedade de que você é membro”. Os ídolos e heróis, geralmente vistos como craques, estão a serviço do clã que representam e seu sucesso ou decadência está intimamente ligado ao seu desempenho dentro de campo e aos “bons exemplos” que transmite em sua vida particular.

### 5.3 O ídolo como estímulo

A presença do ídolo no futebol pode transcender o clube. Em alguns casos o jogador torna-se mais importante que o clube. Isso acontece quando os torcedores vão aos jogos motivados não somente para ver o seu time jogar, mas também para ver o ídolo. Sua capacidade de mobilização é imensurável, percebida no som uníssono que sai das arquibancadas.

O ídolo desempenha um papel importante na aproximação do clube com o torcedor. É ele quem faz o elo, quem aproxima a massa do espetáculo. Entre as formas que podem assumir essa aproximação uma delas é a idolatria.

Na final da Copa do Mundo de 2002, Ronaldo (Fenômeno) apareceu com um novo corte de cabelo. Somente manteve uma franja como cabelo, sendo que o restante foi cortado deixando-o praticamente careca. Não tardou para que muitas pessoas fossem vistas com o novo corte. Isso também aconteceu quando o jogador inglês Beckham inovou no penteado e inúmeros fãs copiaram seu novo corte de cabelo.

O modelo é muito importante para o esporte. Escuta-se muitas vezes que as atitudes em campo refletem nas arquibancadas, isto é, se há violência em campo pode ser que aconteça também nas arquibancadas. No caso da violência, a sua explicação centra-se no modelo, se aqueles que servem de modelo para a sociedade realizam tais atitudes, abre-se caminho para as “pessoas comuns” também realizarem atitudes pouco “civilizadas” nas arquibancadas, motivadas pelo modelo de conduta que consideram corretas, que no caso, seriam os jogadores de futebol.

Tais comportamentos dos ídolos influenciam os que se interessam pelo futebol e tem essas figuras como seus ídolos. Mas será que os ídolos influenciaram aqueles que são atualmente os jogadores profissionais?

Um relato curioso foi do entrevistado 1 que afirmou não ter sido torcedor de nenhum clube e não ter um time do coração. Isso é algo muito difícil de acontecer com as pessoas que estão envolvidas no futebol. Somente se interessou e conheceu outros clubes e jogadores depois que ingressou no futebol profissional. Antes de entrar para a categoria profissional não possuía um ídolo, mas depois teve o jogador Gérson como um espelho. Queria ter a precisão dos lançamentos de seu ídolo e acha que ao longo da carreira conseguiu se aproximar de Gérson. Mesmo ao dizer que não possuía ídolo, pode-se inferir que o seu irmão exercia o papel de ídolo. Pelo fato de seu irmão ter sido jogador o tinha como referência antes de ingressar no futebol profissional. É muito difícil encontrar homens que digam não ter um clube do coração, claro que existem, mas seu número é infinitamente inferior aos que possuem um clube.

Alguns atletas disseram não possuir um ídolo, mas admiração por alguns jogadores. É muito comum se espelhar em algum atleta pela imagem humilde e simples que aparenta. Os que se destacaram pelas vitórias passam a ser mais admirados, como o caso de Zico, Pelé e Ronaldo. A admiração por esses jogadores acontece pelo fato de terem atingido o auge de uma carreira como jogador profissional, conquistado vários títulos e serem ídolos dos times que jogaram.

A admiração e idolatria por algum jogador podem aparecer de formas diferentes. A admiração é uma forma de idolatria, ou seja, admirar é uma maneira de observar atentamente o que faz determinada pessoa. As vitórias são condições importantes para a identificação com algum personagem do meio futebolístico, pois coloca em evidência os melhores jogadores da equipe e abre-se o caminho para que possam ser idolatrados pela torcida de seu time.

Boa parte dos entrevistados jogam nas mesmas posições de seus ídolos. No entanto, ser igual ao ídolo é um pouco difícil<sup>80</sup>, mas gostaria de realizar os feitos que seu ídolo (atacante Careca) conseguiu atingir, ou seja, ser artilheiro pelas equipes que passou. Compara sua trajetória à do ídolo e afirma ser o maior artilheiro da história do estádio de sua equipe e o terceiro maior artilheiro da história do clube.

O ídolo é aquele que realizou feitos que poucos conseguiram. Assim, realizar tais feitos em outra época é como se aproximar do ídolo e renovar o ciclo, afinal, estaria reposta a figura do ídolo. Por isso a história oral, as estatísticas e as conversas em torno do futebol são fundamentais para que novos personagens ocupem o lugar dos ídolos do passado.

Os atletas que acompanharam desde cedo o futebol relatam a presença do ídolo quando ainda eram crianças. Assim, sonhavam<sup>81</sup> em serem parecidos com os seus ídolos, mas nem sempre conseguiram pelo fato de cada um possuir uma característica. O sonho de ser um jogador e ser parecido com o ídolo aparece como um elemento importante na formação dos atletas ainda quando criança, pois vêem na figura dos ídolos uma motivação.

O ídolo como exemplo é uma das formas de idolatria. A presença do ídolo na infância, quando ainda não entendem muito bem o que era o futebol, representa e reforça a importância dessas figura dentro do processo de formação do imaginário que tem o futebol como um dos pontos chaves. A imitação também compõe o percurso na busca pela carreira de jogador já que representa o contato com o ídolo distante. Nas brincadeiras, o imaginário estabelece aproximação com o ídolo assumindo o seu lugar e o seu nome. A reposição do ídolo também se faz fundamental dentro do processo, pois outras crianças podem falar seu nome quando jogam futebol.

---

<sup>80</sup> Entrevistado 7.

<sup>81</sup> Entrevistado 2.

O relato do entrevistado 4 ilustra bem como isso acontece. Ainda quando criança, por volta dos seis anos tinha como ídolo o goleiro alemão Schummacher. Não sabia o que era jogar futebol ou ser goleiro. Também aponta outro goleiro, o uruguaio Rodolfo Rodrigues como ídolo. Na adolescência começou a se espelhar e a imitar esses ídolos e quando jogava no gol falava o nome deles. Fica feliz ao ver que hoje muitas crianças gritam o seu nome quando jogam como goleiro.

Muitos que ainda tentam conseguir um espaço no futebol têm os ídolos como espelho para um dia ocupar o seu lugar. Diante da facilidade em acompanhar os campeonatos europeus, inúmeros garotos tem como ídolo atletas que não jogam mais no país e atuam pela seleção brasileira. Essa é uma situação que aumenta a cada dia. Hoje, os clubes brasileiros praticamente não têm mais condições de competir com as propostas milionárias dos clubes do exterior. Ter seus ídolos não mais vinculados aos clubes de coração, mas somente à seleção brasileira ou a clubes do exterior torna-se comum.

A mídia exerce um papel importante no processo de construção do ídolo. Atualmente, diante de tantas facilidades tecnológicas, a presença dos ídolos está mais constante no meio futebolístico. Antigamente, somente o rádio desempenhava o papel de aproximar o público do espetáculo esportivo no momento em que acontecia. Hoje, a televisão e a internet aparecem como opções para acompanhar os eventos ao vivo. Além, é claro, do rádio, ainda muito utilizado no Brasil.

No período de consolidação do futebol como o principal esporte para os brasileiros o rádio foi um dos pilares. Pelo fato de não ter televisão e pela dificuldade em ir ao estádio, muitas pessoas apenas ouviam os jogos pelo rádio. Nesse período, devido as dificuldades em acompanhar de perto os jogos, os ídolos eram mais distantes. Assim, jogadores da seleção brasileira destacaram-se como ídolo para muitas pessoas após a conquista da primeira Copa Mundial<sup>82</sup>. A figura do ídolo funcionava como uma motivação e objeto de superação, pois como mesmo diz, gostaria de superar o ídolo e ser melhor que ele. O mais curioso é que não tinha a ilusão de ser um jogador profissional.

“Quando se torna um modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal que se torna possível de ser mitologizada” (CAMPBELL, 1990, p.16). Motivado por tal afirmação de Campbell, optei por investigar se os ídolos funcionam como um modelo e,

---

<sup>82</sup> Entrevistado 6.

portanto, se funcionam como um espelho e motivação para aqueles que um dia sonham em ser jogador profissional.

De maneira geral, os entrevistados consideram que a televisão ocupa um importante papel nessa relação com o ídolo. Antigamente, era o rádio que fazia o papel de aproximar os torcedores do espetáculo esportivo. Poucos tinham televisão e por isso acompanhavam à distância os jogadores brasileiros. Com o grande avanço tecnológico, hoje é possível acompanhar outros campeonatos e jogadores que atuam no exterior. Essas imagens passam a fazer parte do imaginário de muitas crianças e se pode notar que muitos indicam jogadores estrangeiros como seus ídolos.

É conhecido o sucesso daquele jogador, cantor ou artista, que saiu da infância pobre, da favela, da miséria e que hoje é uma pessoa reconhecida. Não é de se estranhar que essas pessoas sejam referências como modelos, já que estão em evidência pela mídia. Para Pich (2003, p. 203):

A figura do herói esportivo, veiculada pela mídia e instituída no imaginário social, adquire o status da resposta possível para superar as frustrações do insucesso social, e tornar os indivíduos aceitos pela sociedade tanto econômica – quanto efetivamente (nessa ordem), captando assim os desejos populares de ascensão social.

Segundo o autor, as histórias daqueles que conseguiram vencer por meio do esporte tornam-se falsos discursos para afirmar que qualquer sujeito poderá ser herói, fruto de sua dedicação, esforço, disciplina (todas individuais), além de possuir uma quota necessária de talento, mais conhecido como dom divino, para seguir assim a trajetória mítica do herói.

É interessante observar a importância da televisão dentro do processo de formação dos ídolos. Como não tinha televisão<sup>83</sup>, não acompanhava de perto o que se passava no futebol. Somente depois que ingressou no futebol é que começou a observar os jogadores da sua posição e não é possível dizer que o ídolo tenha influenciado na decisão de ser jogador. Pode-se concluir que não é somente na infância que se estabelecem a relação de idolatria por algum atleta. Não considera que a presença do ídolo tenha influenciado sua decisão de ser um jogador profissional. Também destaca a televisão como um ponto importante do contato com os jogadores. Afirma que pelo fato de não ter televisão quando criança, não assistia a muitos jogos e,

---

<sup>83</sup> Entrevistado 3.

portanto, acompanhava pouco o futebol profissional. Depois que se profissionalizou, passou a ter mais contato com os jogadores da sua posição.

Atualmente a construção ou criação do herói está vinculada aos meios de comunicação de massa. Com destaque para a televisão, que reúne recortes de fatos do esporte e transforma a história de vida dos heróis em modelo. O herói ou o ídolo esportivo, a partir do momento em que executam atividades que o diferenciam dos demais mortais, são exaltados como seres únicos e, como tal, possuidores de um dom.

Segundo Cavalcanti (1999), o herói sempre existirá e associa a sua exaltação a partir do momento em que a mídia o reponha com certa frequência e que tenham pessoas que o consumam. E conclui que essa reposição do herói acontece, pois ele reside em cada um de nós.

A reposição do ídolo é cíclica, pois compõe uma das bases de sustentação do espetáculo esportivo. São capazes de levar multidões aos estádios para vê-los jogar. O interessante na resposta dos entrevistados foi observar que Pelé foi poucas vezes lembrado como ídolo. É estranho que aquele que é considerado o maior jogador do século seja pouco lembrado. Isso aconteceu porque o ídolo compõe o imaginário de sua geração que o substituirá. Aqueles que ficaram para trás no tempo, permanecem restritos a lembranças, falas e fotos daqueles que um dia os viram jogar. As imagens tornam-se escassas e por isso são substituídos constantemente.

Jogadores que conquistam o status de ídolo têm a sua imagem associada a uma série de comodidades, ou melhor, aquele que chegou à condição de destaque possui uma vida privilegiada. Apenas treina para poder se apresentar no momento do jogo. Ora, quem não queria isso para sua vida? Aqui o pensamento é de que o atleta só faz aquilo e frequentemente dizem ser muito mais sacrifício ficar oito horas sentado num escritório do que ser um atleta. Assim, a vida do atleta é vista “[...] como uma sucessão de regalias, facilidades, fama e sucesso financeiro” (RUBIO, 2001, p.175).

Essa é a imagem que as crianças recebem quando entram em contato com os ídolos. Também está presente o fato da profissão de jogador de futebol compor o imaginário social brasileiro, principalmente das classes sociais menos favorecidas. É lá que o sonho de criança começa a ser cultivado. Os pais estimulam seus filhos a tentar a carreira, pois talvez essa seja a única maneira de mudar a situação financeira da família. Durante as brincadeiras infantis com bola, pelo menos entre os meninos, o futebol ainda mantêm-se como preferência. Pode-se notar as repetições de lances e gestos de seus ídolos; dizer o nome de algum craque após a



execução de uma jogada ou defesa é muito comum, e essa admiração pelos ídolos, é uma forma de se aproximar deles e de se sentir em seu lugar.

No entanto, a mídia com destaque para a televisão, faz somente alguns recortes da vida do jogador<sup>84</sup> e seu foco volta-se principalmente ao espetáculo esportivo, momento em que muitos almejam vivenciar aquela situação, reforçada pela curta duração de uma partida, escondendo o fato de que, por trás dessa cortina, existe uma rotina extenuante de treinamentos e superações.

A observação e desejo de ser igual ao ídolo funcionam como um ponto principal da interação entre o ídolo e aquele que o idolatra. Associado a isso, o ídolo é um exemplo para a sociedade, ou seja, a importância daquele que servirá de modelo para os demais é algo muito valorizado em nossa sociedade.

A admiração aparece como uma das formas da idolatria. O desejo de ser igual aos ídolos é um dos motores do processo de formação dos jogadores. Não que queiram seguir a carreira porque tenham como ídolo tais personagens, mas pelo fato da figura do ídolo ser uma referência durante todo o processo.

Apesar dos inúmeros recortes e imagens que as pessoas recebem diariamente sobre futebol e, em particular dos ídolos, a presença deles no cenário espetacularizado é essencial. A imagem projetada, não pelos jogadores em si, mas por aqueles que reproduzem e transformam o futebol em um fato social, é uma das responsáveis por alimentar o sonho de que os pretendentes poderão um dia ocupar o lugar que hoje é do seu ídolo. Isso gera a reposição necessária para que seja mantido o interesse pelo futebol espetáculo.

## 5.4 A influência do ídolo na decisão de ser jogador profissional

Existem alguns fatores que compõem o sonho de milhares de meninos que buscam seguir a carreira de jogador de futebol. Para enfrentar os inúmeros obstáculos os meninos

---

<sup>84</sup> Nessa última Copa disputada na Alemanha aconteceu um fato inédito nas transmissões brasileiras. Os canais de TV por assinatura, Sportv e Espn-Brasil, transmitiram ao vivo os treinos da seleção brasileira. Foi o máximo da cobertura e exposição que uma seleção jamais recebera. Essa superexposição pode transformar o espetáculo esportivo numa banalidade, pois um treino não tem o mesmo interesse do que uma partida exatamente pelo fato de não haver tensão na disputa, como definiu muito bem Elias (1992).

recorrem a uma série de estímulos, entre os quais destaco: a possibilidade de mudança de vida e com ela adquirir bens materiais, as pseudo-regalias que os jogadores possuem; o desejo de jogar entre os craques e nos melhores estádios, jogar pelo time que torce, além da presença da figura do ídolo dentro do processo da construção da paixão pelo clube do coração.

A relação com o ídolo e com o time do coração é muito interessante. Em uma palestra proferida pelo professor Plínio Negreiros<sup>85</sup>, o historiador relatou que após anos de espera para ver o seu time campeão, o Corinthians, ele finalmente conseguiu ver em 1977. Ao mesmo tempo em que ficou feliz por ver seu time sagrar-se campeão, também ficou triste, afinal, ele sonhava em fazer o gol do título e ver a multidão gritar seu nome. Com o seu time campeão terminava o seu sonho.

O ídolo funciona como o modelo a ser seguido. Observar a forma de jogar do ídolo é aprender como ele joga. Quem disse que futebol não se aprende? Afirma o entrevistado 1 que antes de iniciar a carreira como profissional, o ídolo não influenciou em sua decisão de ser jogador profissional. Após ingressar na carreira de jogador passou a observar mais de perto seu ídolo e diz que pelo fato de ter sido um bom aluno passou a observar a forma de jogar do ídolo. Diz que praticava várias modalidades na faculdade e por ter facilidade afirma que tinha o dom. O ídolo familiar que ele acompanhava influenciou na decisão de ser jogador profissional. Embora afirme que não tenha influenciado, pois diz que não tinha um ídolo antes de ingressar no futebol.

Um dado interessante obtido na pesquisa foi o fato de alguns entrevistados admirarem outros atletas como ídolo somente após ingressar na carreira como profissional. Somente após integrarem um time é que começaram a querer atingir o que o seu ídolo conquistou ao longo da carreira. O ídolo funciona como um incentivador, no entanto, não basta somente ter o ídolo para conseguir vencer na carreira, é preciso ter o dom<sup>86</sup>. Antes de ingressar no futebol profissional não tinha nenhum ídolo. Quando virou jogador profissional começou a observar mais de perto. Não fala de uma possível influência quando era criança ou mesmo quando estava nas categorias de base. O ídolo funciona como um modelo, e a partir de sua figura serão estabelecidas algumas metas na carreira, ou seja, é o exemplo a ser seguido e por isso serve como motivador para sempre melhorar o desempenho na carreira. No entanto, o dom novamente aparece como um ponto importante, pois há um discurso por parte dos jogadores que sem ele o incentivo sozinho

---

<sup>85</sup> Palestra proferida no evento realizado pela PUC-SP chamado Futebol, Metrópole e Identidades: Uma nação chamada Sport Club Corinthians.

<sup>86</sup> Entrevistado 4.

não é suficiente para que o atleta seja um jogador de futebol. Esse discurso revela que há uma crença coletiva por parte daqueles que integram o mundo do futebol em acreditar que o dom é um fator essencial na seqüência da carreira.

Outro jogador<sup>87</sup> também afirma que começou a prestar mais atenção nos outros atletas quando já era um deles. Em sua infância, seu pai santista, o levava para ver os jogos do Santos e relata que ficava apaixonado por tudo o que acontecia na partida. Admirava as defesas do goleiro santista, mencionado como seu ídolo, mas afirma que não foi pelo fato de adorar o ídolo que tenha tentado seguir a carreira. Seu pai, apaixonado por futebol, foi jogador amador e o principal incentivador para que se tornasse um profissional. Ao mesmo tempo em que diz não ter sido influenciado pelo ídolo na decisão de ser jogador de futebol, destaca que o admirava ao observar suas defesas.

A relação com o ídolo acontece de maneira diferente nas várias fases da vida. Outro entrevistado<sup>88</sup> não considera que a presença do ídolo tenha influenciado na decisão de ser jogador profissional. Após ingressar no futebol profissional, passou a se espelhar em bons jogadores para um dia ocupar o lugar deles. Novamente o papel do ídolo não aparece como um determinante na decisão de ser jogador de futebol, mas faz parte do processo, já que o ídolo influenciou de alguma forma na sua carreira.

Admirar é uma das formas pela qual a idolatria se manifesta. Se há admiração abre-se o caminho para observar mais atentamente tal jogador em detrimento dos demais, ou seja, “olha-se com outros olhos”. A figura paterna também tem um destaque na construção do imaginário futebolístico, pois é o pai quem ensina os códigos que permeiam o futebol, incentiva a paixão e estimula que jogue futebol desde pequeno.

A mídia tem um papel de destaque no processo de exaltação do jogador de futebol. A facilidade em trocar e receber informações é tão grande que hoje é possível acompanhar, ao vivo, vários jogos ao mesmo tempo. A mídia e o ídolo funcionam como o motor da paixão pelo futebol, pois as crianças reproduzem as jogadas de seus ídolos.

A presença e a identificação com o ídolo também podem influenciar o sonho de ser um jogador profissional. A televisão foi apontada como um veículo de comunicação importante<sup>89</sup>, pois é lá que você pode ver seus ídolos. E isso acontece desde quando era criança e

---

<sup>87</sup> Entrevistado 8.

<sup>88</sup> Entrevistado 5.

<sup>89</sup> Entrevistado 2.

diz que em suas brincadeiras sempre falava os nomes de seus ídolos. Aproximava-se dos ídolos de duas maneiras: por meio da televisão e da imitação quando jogava bola. É muito interessante isso, pois quando criança sonhava em ser como seu ídolo e ocupava seu lugar nas brincadeiras que envolviam o futebol.

A infância compõe um período importante de identificação de alguns modelos. O futebol como esporte número 1 do país funciona como um alimentador de modelos, ou melhor, a construção e identificação com os ídolos compõem ao lado do clube do coração, o elo para entender a paixão que o brasileiro tem pelo futebol.

Quando criança o entrevistado 9 queria ser igual ao ídolo. Espelhava-se no ídolo e pensava em jogar contra ou até mesmo ao seu lado. Infelizmente, não concretizou esse sonho, mas o conhece pessoalmente e foi uma pessoa em que se espelhou muito. É possível inferir que o ídolo tenha influenciado diretamente em sua decisão de ser jogador profissional, pois afirma que se espelhava e queria ser igual ao ídolo.

Para outros, o ídolo não influenciou em sua decisão de ser um jogador<sup>90</sup>. Tentou ser jogador pelo fato de gostar de jogar futebol, por esse motivo foi fazer um teste e passou. Também reforça que não via os jogadores pela televisão já que em sua época somente havia o rádio. Conclui que hoje é possível acompanhar campeonatos de outros países, algo impensado em sua época. A televisão aproximou os ídolos de seus fãs. Também não se diz influenciado pelos seus ídolos, mas se pode inferir que seu pai tenha tido um papel importante em sua carreira. Em sua resposta, não menciona o pai, mas este foi um grande jogador e certamente influenciador no seu processo de profissionalização. O gosto pelo futebol também é um dos motivos que permeiam as decisões na busca pela carreira. Mas por trás desse gosto estão os ídolos, os heróis e a mídia.

Mais uma vez o futebol aparece junto a algum meio de comunicação. A televisão é apontada como o principal veículo de interação entre as pessoas e os ídolos. Antes de a televisão transmitir os jogos ao vivo, era o rádio a principal forma de acompanhar o futebol pela mídia. Mesmo com a entrada da televisão, aqui no Brasil, o rádio não perdeu seu espaço.

A relação familiar também é um dos pontos centrais para se entender o processo que faz milhares de meninos buscarem os clubes. Muitas famílias depositam em seus filhos a possibilidade de mudança e vislumbram o sucesso por meio do futebol. A figura do pai

---

<sup>90</sup> Entrevistado 6.

geralmente funciona como um modelo para os filhos, pois ele é seu referencial. Se o pai foi jogador reforça e aproxima a criança da construção de um sonho que atinge, em alguma idade, o imaginário de muitos meninos brasileiros que é a tentativa de ser jogador profissional. Portanto, ao dizer que foi influenciado pela família, havia ali um modelo de pai e de jogador profissional que pode ser identificado como um dos seus ídolos.

Foi isso o que aconteceu com um dos entrevistados<sup>91</sup>, que escolheu a profissão de atleta profissional por influência familiar. Seu pai foi jogador e grande incentivador. Desde criança teve contato com uma bola de futebol. Seu ídolo é um jogador que via quando ainda assistia aos jogos do seu time.

Basicamente, os atletas funcionam como um modelo para os que querem ser profissionais. Os meninos vêem nos jogadores a realidade concreta de seu sonho. A manipulação desse sonho, cheio de caminhos tortuosos e difíceis, é feita pelos mais diversos setores da sociedade. Pode-se pensar na relação dos personagens que constroem o futebol: os jogadores, os especialistas e a torcida.

Os especialistas, a exemplo da mídia televisiva, são responsáveis por transmitir alguns eventos ao vivo, recortes dos treinamentos e programas especializados que revivem os grandes momentos do esporte. As outras mídias e seus especialistas contribuem com as transmissões pelo rádio, pela internet, revistas especializadas e pelos jornais impressos de assuntos relacionados com o futebol.

A mídia tem como característica aproximar os ídolos de seus fãs, ou seja, é ela a responsável direta por quebrar a distância que há entre os ídolos e os que o idolatram. A torcida e a família dos jovens que pretendem ser jogador podem ser entendidas como o lugar de aproximação do clã com seu ídolo. O papel da família, representado muitas vezes pelo pai, seria o de incentivador do sonho. Por fim, estão os jogadores, protagonistas centrais do espetáculo e que vivem à mercê de suas qualidades e habilidades físicas. Se não jogam bem, são questionados pela torcida e especialistas. Diante dessa tríade de visões, o sonho de ser jogador de futebol é construído e visto como uma possibilidade viável.

A partir da fala dos entrevistados é possível concluir que a admiração pelos ídolos passa por duas fases: ainda quando crianças vêem aqueles seres humanos como um exemplo e motivação, já que um dia esperam gozar de todos os seus privilégios; quando

---

<sup>91</sup> Entrevistado 7.

ingressam no clube, o sonho de ser jogador de futebol concretiza-se e dá lugar a admiração pelos ídolos no sentido de observá-los para aprender como jogam.

Após analisar as respostas é possível inferir que os ídolos não são influenciadores diretos na decisão de ser jogador profissional. No entanto, a sua presença no processo de aproximação dos meninos com a prática e paixão pelo futebol, é estabelecida por alguns eixos principais no qual o ídolo aparece como um personagem central. Admirar, observar e imitar são formas de identificação com os atletas e que alimentam o sonho de ser jogador, afinal, são os ídolos que possuem maior destaque nos meios de comunicação e a torcida deposita nessas figuras todos os seus anseios e desejos de sucesso do seu time.

## 5.5 A imagem do ídolo

Na sociedade contemporânea, o jogador que se destaca e assume o papel de ídolo rapidamente passa por uma exposição da mídia. Os meios de comunicação, como valor de troca pela sua exposição, estará interessado em assuntos que vão além do futebol que o atleta pratica. Sua vida particular, a casa em que mora, os lugares que frequenta, com quem se relaciona etc, serão noticiados como algo de interesse de seus fãs.

Se a palavra ídolo quer dizer imagem, também é preciso entender a imagem do ídolo. Alguns jogadores entrevistados disseram que não tinham algum ídolo, embora mantivessem uma relação de admiração por alguns jogadores. Enquanto outros ocupavam (e reconheceram) que já estiveram na condição de torcedor/fã e idolatravam algum atleta. Ser ídolo é estabelecer uma relação com aquele que o idolatra. Ou seja, há um reconhecimento por parte do jogador que ele esteja na condição de ser idolatrado e por parte do torcedor que o idolatra. Será que os atletas conseguem assumir seu papel de ídolo e ter consciência daquilo que representam para inúmeras pessoas? Souto (2000, p. 93) revela que “[...] muitos jogadores declararem não terem cultivado nenhum ídolo ao iniciarem suas carreiras, [...] revela como a auto-percepção de cada um muda aceleradamente quando passa a ter acesso à região de fundo do universo sagrado e começa a se enxergar como um dos membros dessa equipe e a conhecer seus códigos e valores”.

Agora que ocupam o lugar tão sonhado na infância, o de ser jogador de futebol e, no caso de alguns, a condição de ídolo, como será que se auto-percebem? Um pouco mais da metade dos entrevistados (sete) se consideram ídolo, enquanto os demais não acham que conquistaram essa condição.

[...] não me considero um ídolo não. [...] tô no grupo aqui e sou uma pessoa normal. Acho que esse negócio de ídolo, acho que seria um pouco um [...], bastante responsabilidade. Então, acho que vou fugir um pouco dessa responsabilidade que ídolo é para as pessoas aí que já conquistaram um espaço maior no futebol e eu tô começando agora e pretendo alcançar isso daí com trabalho e com dedicação<sup>92</sup>.

Essa resposta revela que ser uma pessoa normal o distancia da condição de ídolo. Encara a condição de ídolo como uma responsabilidade a mais e, por isso, prefere a sua situação de “certo anonimato”, mesmo sendo o artilheiro da equipe na época da entrevista. Há um distanciamento entre a figura do ídolo e dos que o idolatram. Essa distância é provocada pelo fato dos atletas jogarem em campos que a massa não tem acesso, ao menos enquanto participação de um campeonato<sup>93</sup>. Outro fato é a grande exposição na mídia que os jogadores mais conhecidos são submetidos. Ao mesmo tempo em que a televisão pode aproximar, ela separa, pois não permite a interação entre o ídolo e o torcedor.

Entre os entrevistados que se consideram um ídolo o destaque das repostas foi o fato de suas imagens estarem vinculadas às vitórias<sup>94</sup>. Os clubes que defenderam, ao serem campeões, os projetou de tal forma que a torcida os reconhecem como os principais protagonistas das conquistas.

Também foi lembrado o jogador que cria uma grande identificação com o clube<sup>95</sup>. Devido a muitos fatores, no futebol atual, os jogadores que se destacam são logo vendidos, geralmente com o objetivo de equilibrar as receitas do clube. No entanto, esse vínculo jogador-clube-torcida é um dos responsáveis por criar ídolos. Ao defender as cores de um mesmo time durante anos, possibilita ao atleta atingir marcas até então nunca conseguidas e essa quebra de recordes faz com que o jogador sempre seja lembrado. Por exemplo, o jogador que bate o

---

<sup>92</sup> Entrevistado 5.

<sup>93</sup> Muitos estádios, inclusive o Pacaembu, que é da Prefeitura de São Paulo, pode ser alugado para qualquer pessoa. O valor do aluguel é altíssimo, inviabilizando-o para a maioria da população. Mesmo os que conseguem reunir um grupo grande para dividir as despesas atuam em um campo sem torcida, isso de fato, é a principal diferença entre um jogo realizado em um campeonato e por um grupo de amigos.

<sup>94</sup> Entrevistados 1, 2, 6 e 9.

<sup>95</sup> Entrevistados 6, 7 e 11.

recorde de partidas disputadas, é o maior artilheiro da história do clube ou do estádio do clube etc.

A imagem do ídolo é carregada de uma série de obrigações. Pelo fato de serem admirados, têm como responsabilidade dar o exemplo, afinal, um grande número de pessoas são influenciadas por suas atitudes. Quando algum fã consegue quebrar a barreira da distância e se aproxima do ídolo, a grande ansiedade pode muitas vezes não se traduzir na imagem que possui daquela pessoa. Espera-se que o ídolo dê atenção, afinal, ele é uma pessoa importante na sua vida e você quer que ele saiba ao menos o seu nome. A falta de atenção ou a pressa em ir embora faz com que se quebre, ao menos em parte, a imagem do ídolo.

Imagem midiaticizada e distante da idéia de que aquele jogador é uma pessoa que tem as mesmas obrigações e deveres que todos cidadãos. Os ídolos desempenham um papel importante dentro do processo da construção da paixão do povo pelo futebol. Porém, quando o fã consegue uma aproximação e não é correspondido da forma como imaginava, pode transformá-lo em um jogador como os outros, pois perde-se o encanto. Os torcedores não pensam na quantidade de assédio que esses atletas recebem e dos inúmeros compromissos que tem que cumprir para manter a sua imagem de ídolo, por isso, se sentem preteridos pelos ídolos, afinal, queriam ter uma aproximação mais duradoura com o jogador.



## **6** **Considerações Finais**

“Qual o sonho que embala o menino? Ser jogador de futebol, dar uma vida melhor aos pais, sair do anonimato para os holofotes de um grande centro. Atravessar um dos poucos túneis abertos entre as desigualdades sociais do país. São imagens ainda turvas as que voam pelas asas da imaginação juvenil. Garotos que ainda brincam de ser criança, enquanto esperam por uma chance de ser o adulto que sonham ser. Garotos nutridos pela esperança e que nutrem esperanças. Desfilam categoria por gramados, Brasil adentro, mundo afora. Sonho que caminha com os passos de chuteiras coloridas e com o estilo emprestado dos ídolos, como uma brincadeira de: quem quero ser quando crescer? Sutil esperança que aparece no toque carinhoso em camisas mais famosas. O sonho que esbarra com a dura realidade. [...]. O melhor a que se permitem esses garotos: sonhar”.

Quando iniciei a última etapa da escrita do texto, as considerações finais, me deparei com um programa<sup>96</sup> que retratava o sonho de muitos meninos, especialmente, de um time de São Luís do Maranhão que disputou a Copa São Paulo de futebol júnior. Essa competição representa a grande vitrine dos meninos que estão a um passo de serem profissionais. O texto acima, de Thiago Teixeira, abre o documentário e caminha por trilhas ainda pouco exploradas pelos programas esportivos: a dura e antagônica realidade dos meninos que sonham em transformar o sonho de criança em realidade. Ainda que esse programa tenha sido transmitido em uma rede por assinatura, portanto, para um público restrito, cada vez mais as mídias se interessam pela realidade que está por trás da vida do jogador profissional.

Embora pareça ser uma tendência o crescimento desse tipo de abordagem, a televisão aberta ainda tem seguido um caminho contrário. A TV Bandeirantes em parceria com a fabricante de material esportivo Nike já produziu dois programas<sup>97</sup> no modelo de *reality show* com o objetivo de revelar um craque para o futebol. Nesse programa, um grupo de meninos disputa para saber quem será o melhor jogador, e a cada episódio alguns meninos são eliminados por um júri especializado<sup>98</sup> até que sobre somente um garoto.

O que impressiona nesse programa é o grande número de meninos em busca do sonho de ser jogador, mesmo sabendo que somente um é que integrará uma equipe. No primeiro programa foram 40 mil candidatos iniciais, mas apenas 4 mil garotos foram chamados para fazer

---

<sup>96</sup> Programa Sportv Repórter, transmitido no dia 10/02/2007.

<sup>97</sup> Joga 10 (2005) e Joga Bonito (2006).

<sup>98</sup> No primeiro programa o júri foi formado por Zagalo, Bebeto e Dunga. No seguinte, o júri foi integrado por Luxemburgo, Careca e Júnior (ex-lateral-esquerdo da Seleção Brasileira).

a peneira. A manipulação do sonho em programas com essa finalidade fica explícita e pode ser percebida na aproximação dos meninos com os ídolos. A cada episódio um novo jogador conhecido comparecia aos testes, sendo que no final do primeiro programa os meninos conheceram e conversaram com o maior ídolo da atualidade do futebol mundial, Ronaldinho Gaúcho. Outras formas de manipular o sonho puderam ser percebidas ao longo do programa, tais como, o ato de presentear os garotos com um kit esportivo, tão cobiçado entre meninos que adoram o futebol, sendo que esses objetos materiais possuem um valor elevado, ou motivá-los com o prêmio final do programa (ao vencedor a chance de integrar a equipe juvenil da Internazionale de Milão).

A exposição que o futebol recebe dos inúmeros agentes que o influencia, reforça o imaginário social de que o futebol é um caminho “fácil” para se vencer na vida. Muitos jogadores são transformados em mito, condição essa que é revelada pelos heróis que, em momentos de magia, ajudam seu time ou a seleção. O futebol pode ser um caminho para mudar e ascender socialmente, porém deve ser visto apenas como uma possibilidade para tal, pois os vultuosos salários (comprobatórios da mudança) são restritos a uma pequena parcela. Essa possibilidade, que muitas vezes não se transforma em realidade, deixa os meninos perdidos no próprio sonho, afinal, investiram muita energia nele. Caso percam a chance o que farão de suas vidas, se a única coisa que sabem fazer é jogar bola?

Junto ao sonho um importante elemento está presente no imaginário, o dom, que permite aos atletas justificar e explicar os êxitos e os fracassos. Ao longo do processo de socialização do futebol, os meninos são educados para incorporar certas técnicas e aprendem que o dom faz parte do cenário do futebol. A magia que o dom exerce no meio futebolístico é compartilhada por técnicos, professores, jogadores, jornalistas e público, enfim, pelas pessoas envolvidas em todo o processo. Se não fosse compartilhado por seus iguais, o dom não teria o menor efeito.

No mundo do futebol, ídolo e herói são utilizados como sinônimos. No entanto, essas palavras possuem significados diferentes. Conquistar a condição de ídolo envolve uma série de fatores que estabelecerá vínculos entre jogador/torcida e ídolo/fã, tais como o tempo de clube, ser referência do time, possuir uma identificação com os torcedores etc; o herói será aquele que está apto a realizar algum feito, mas não qualquer feito, isto é, deverá estar vinculado a uma situação mítica que pode transformá-lo em herói, tal como uma final ou uma Copa do Mundo.

Portanto, ídolo e herói distinguem-se pela categoria tempo. O ídolo necessita do vínculo cotidiano, enquanto o herói precisa de um tempo sagrado para se concretizar. Alguns jogadores devido a boas e esporádicas atuações podem adquirir o status de ídolo, provocado pelo grande espaço que a mídia concede aos seus feitos. Nesses casos, o termo ídolo é utilizado de maneira equivocada, pois esses jogadores não possuem um elo que os façam desfrutar do status de ídolo, tornam-se “pseudo-ídolos”, a fama que chega de maneira rápida também se dissipa velozmente e assim que a euforia passa, são esquecidos. Esses jogadores devem ser vistos como celebridades. Destacam-se em determinada situação, isolada ou por mero acaso, e tão logo termine esse momento, serão substituídos sem que ninguém perceba. Não possuem o vínculo com o tempo cotidiano e tampouco com o tempo mítico, pois a situação em que surgem não é um evento mítico.

Além de necessitar desse vínculo, que possibilita a relação torcedor/ídolo, o atleta para se manter nessa condição necessita cumprir o seu papel de ídolo. É ele o intermediário do processo, o torcedor pede e o ídolo executa. Se falhar, seu status passa a ser contestado e somente o tempo faz com que as vaias transformem-se em aplausos e os obstáculos sejam superados.

Um dado importante obtido na pesquisa é que a relação torcedor/ídolo esta diretamente vinculada à geração que o viu jogar. Pelé, considerado um dos maiores jogadores de futebol foi pouco lembrado como ídolo dos entrevistados. Como a maioria dos entrevistados não viram Pelé jogar “ao vivo” não foi estabelecida a relação de idolatria. Ainda meninos, os entrevistados viram outros jogadores atuarem que alimentaram o sonho de serem jogadores de futebol. Apesar de Pelé ser sempre mencionado como o grande jogador, não foi lembrado pelos entrevistados pelo fato do ídolo pertencer a um ciclo que se renova a cada geração. O espetáculo esportivo necessita dessas figuras para que o interesse seja constante e conforme avançam na idade e saem de cena, e para que o ciclo seja renovado, outros atletas ocuparão o lugar de ídolo.

Tanto o ídolo quanto o herói são peças importantes e imprescindíveis no futebol. Alguns entrevistados afirmaram que não foram influenciados pelos ídolos ou não os tinham quando crianças. Os que agora estão na condição de serem idolatrados e que disseram não terem sido influenciados por nenhum jogador, e sim por outros fatores, podem ter mudado a sua auto-percepção ao transitar entre dois mundos antagônicos e distantes, o anonimato e a fama. A maioria dos entrevistados citou que a admiração, o exemplo ou o desejo de ser igual a eles,

funcionou como um motivador do sonho. Claro que os meninos tentam e sonham com a carreira influenciados por diversos motivos, mas a presença dos ídolos/heróis é um dos aspectos que aproximam o sonho da realidade, do jogador ao torcedor, do anonimato para a fama.

Ser influenciado por essas figuras revela a importância e o destaque que os jogadores e, em especial, os mais conhecidos – ídolos/heróis – possuem em nossa sociedade. Tanto a figura do ídolo quanto a do herói podem ser duradouras, porém, são extremamente vinculadas à geração que os viram jogar. Tão logo saiam de cena, outros candidatos ocuparão seu lugar. Esse ciclo faz com que o futebol alimente sonhos, desejos e frustrações, pois permite que outro ocupe o lugar de seu ídolo/herói, ao mesmo tempo em que diz que poucos alcançarão essa condição.

E como um ciclo o futebol renova-se a cada partida, “[...] ao longo das avenidas, nos campos de terra e grama, Brasil é só futebol<sup>99</sup>”. “Quem lembrar Pelé ou Platini, sabe o que se comemora aqui. Tantos que eu vi, tantos que eu não vi. Todos têm seu panteão<sup>100</sup>”. A cidade se prepara para mais um jogo de futebol. O que se ouve é que “esse jogo não pode ser um a um”, pois “eu confio nos craques da pelota e o meu clube só joga para vencer<sup>101</sup>”. A presença do ídolo no espetáculo esportivo se faz fundamental e é logo percebida na narração do locutor assim que o jogo começa: “Para Mané para Didi para Mané, Mané para Didi para Mané para Didi, para Pagão para Pelé e Canhoteiro<sup>102</sup>”, “sacudindo a torcida aos 33 minutos do segundo tempo, depois de fazer uma jogada celestial em gol<sup>103</sup>”. Ao fundo a torcida extasiada grita: “Fio Maravilha, nós gostamos de você. Fio Maravilha faz mais um pra gente ver<sup>104</sup>”. Cada geração escutará a mesma seqüência, somente os nomes serão diferentes e a pergunta ainda existirá, afinal, “quem não sonhou em ser um jogador de futebol?<sup>105</sup>”

<sup>99</sup> Elis Regina, “País do futebol” (Composição: Milton Nascimento e Fernando Brant).

<sup>100</sup> Gilberto Gil (1998), “Balé da bola (Copa 98)” (Composição: Gilberto Gil).

<sup>101</sup> Paralamas do Sucesso (1995), “Um a um” (Composição: Edgar Ferreira).

<sup>102</sup> Chico Buarque (1989), “O futebol” (Composição: Chico Buarque).

<sup>103</sup> Jorge Ben Jor (1972), “Fio Maravilha” (Composição: Jorge Ben Jor).

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> Skank (1996), “É uma partida de futebol” (Composição: Samuel Rosa e Nando Reis).



## **Referências bibliográficas**

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Faperj, Mauad, 2002.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

ANJOS, José L. dos. **O tradicional e o moderno**: faces da cultura popular no futebol brasileiro. 2003. 236f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BRANDÃO, Junito de S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. volume 1.

CAILLOIS, Roger. **O mito e o homem**. Lisboa: Edições 70, 1980.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sócio-políticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, Dossiê Futebol, São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994.

CAMARGO, Vera R. T. **Nadadores brasileiros**: campeões ou ídolos esquecidos? 1995. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cutrix, s/d.

\_\_\_\_\_. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

\_\_\_\_\_. **Isto és tu**: redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo: Landy Editora, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAVALCANTI, Zartú G. O mito do “herói” e o Futebol. In: COSTA, Márcia Regina da (org.). **Futebol**: Espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999.

CÉSAR, Constança M. Implicações contemporâneas do mito. In: MORAIS, Régis de (org.). **As razões do mito**. Campinas: Papyrus, 1998.



CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Maurício da S. D. Os gramados do catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco C. T. da; SANTOS, Ricardo P. dos. **Memória social dos esportes: futebol e política - a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, FAPERJ, 2006.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

\_\_\_\_\_. **Torre de babel: ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DAMO, Arlei S. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 87-118, 1999.

\_\_\_\_\_. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DURAND, Gilbert. Imaginaire: essai sur de les sciences et la philosophie de l'image. Paris: Haïter, 1994 citado por TEIXEIRA, Maria C. S. Imaginário e cultura: a organização do real. In: TEIXEIRA, Maria C. S.; PORTO, Maria do R. S. (orgs). **Imaginário, cultura e educação**. São Paulo: Plêiade, 1999.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1998 citado por PORTO, Maria do R. S. Imaginário e cultura: escorrências na educação. In: PORTO; Maria do R. S.; TEIXEIRA; Maria C. S.; SANTOS, Marcos F. (orgs). **Tessituras do imaginário: cultura e educação.** Cuiabá: Edunic, CICE, FEUSP, 2000.

DURHAM, Eunice R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. **Ensaio de Opinião,** São Paulo, v. 4, p. 32-35, 1977.

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios.** Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

FLORENZANO, José P. **Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro.** São Paulo, Musa Editora, 1998.

FREIRE, João B. **Pedagogia do futebol.** Campinas: Autores Associados, 2003.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo.** São Paulo: Annablume; São Leopoldo-RS: Ed. Unisinos, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIGLIO, Sérgio S. **Futebol-Arte x Futebol-Força: a opinião de técnicos.** 2003. 42f. Relatório Final Fapesp (Iniciação Científica)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. Futebol-arte ou futebol-força? O estilo brasileiro em jogo. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol** – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GUEDES, Simoni L. *O Salvador da Pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994*. In: GUEDES, Simoni L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

\_\_\_\_\_. Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis. In: GOMES, Laura G.; BARBOSA, Livia; DRUMMOND, José A. **O Brasil não é para iniciantes: carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GUTERMAN, Marcos. Médicos e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**, São Paulo, n. 29, p. 267-279, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, Tomaz T. da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HELAL, Ronaldo; MURAD, Maurício. Alegria do povo e Don Diego: reflexões sobre a êxtase e a agonia de heróis de futebol. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 63-79, 1995.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IBGE. **Perfil dos municípios brasileiros: esporte 2003**. Ministério dos Esportes, 2006.

KOFES, Suely. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUNHS, Heloísa T. (org.). **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papirus, 1994.

LOPES, José S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, Dossiê Futebol, São Paulo, n. 22, p. 64-83, 1994.

LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José C. S. B.; WITTER, José S. **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

LUCENA, Ricardo de F. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MACHADO, Igor J. de R. Futebol, Clãs e Nação. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 183-198, 2000.

MASCARENHAS, Gilmar. Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: entre a tradicional base local e as forças do mercado. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José; MURAD, Maurício. **Futebol de muitas cores e sabores**: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. Porto: Campo das Letras, 2004.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, Victor A. de. A cidade “sportiva”: o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1843-1903). **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 191-208, 2000.

MILLS, John R. **Charles William Miller (1894-1994)** – Memoriam SPAC. São Paulo: Price Waterhouse, 1997.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

PEREIRA, Leonardo A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PICH, Santiago. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.199-227, 2003.

PORTO, Maria do R. S. Imaginário e cultura: escorrências na educação. In: PORTO; Maria do R. S.; TEIXEIRA; Maria C. S.; SANTOS, Marcos F. (orgs). **Tessituras do imaginário**: cultura e educação. Cuiabá: Edunic, CICE, FEUSP, 2000.

PRONI, Marcelo W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

RETONDAR, Jéferson J. M. A dimensão sagrada do jogo e da festa: o corpo na trama misteriosa do numinoso. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Leczy C. (orgs). **Futebol e sociedade**: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.

RODRIGUES, Francisco X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n.11, p. 260-290, jan./jun. 2004.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUTHVEN, K. K. **O mito**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

SANTOS NETO, José M. dos. **Visão do jogo** – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCAGLIA, Alcides J. **O futebol que se aprende e se ensina**. 1999. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHNEIDER, Jens. Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional. **MANA**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 97-129, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, Dossiê Futebol, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.

SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou Football in Brazil? In: MEIHY, José C. S. B.; WITTER, José S. **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

\_\_\_\_\_. Jogador dá entrevista em língua indígena. **O Estado de S. Paulo**, 26 de dezembro de 1998.

SOARES, Antônio J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SOUTO, Sergio M. **Os três tempos do jogo**: anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

SOUZA, Marcos A. de. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p. 109-152, 1996.

TEIXEIRA, Maria C. S. Imaginário e cultura: a organização do real. In: TEIXEIRA, Maria C. S.; PORTO, Maria do R. S. (orgs). **Imaginário, cultura e educação**. São Paulo: Plêiade, 1999.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOLEDO, Luiz H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Alexandre F. Esporte e política: a Copa do Mundo de 1978 vista da Alemanha. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 156-173, 1998.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.





## **Apêndice**

**Apêndice A:** Termo de consentimento livre e esclarecido

Título da pesquisa: Futebol: mitos, ídolos e heróis

Pesquisador responsável: Sérgio Settani Giglio  
Orientador: Prof. Dr. Sérgio Stucchi

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar voluntariamente da presente pesquisa, sabendo que a coleta dos dados será feita através de uma entrevista. Essa pesquisa de mestrado é realizada na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

É de meu inteiro conhecimento que o projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de identificar e analisar se a presença de ídolos e heróis em suas vidas foram determinantes na decisão de se tornar jogador profissional. Como a identificação e o desejo de ser igual ao ídolo e herói influenciam no sonho de ser jogador de futebol profissional. A partir do relato dos jogadores profissionais, pretende-se identificar se os seus desejos, anseios e sonhos são influenciados por esse mito.

Entendo que tenho como garantia, como participante da pesquisa, acesso à metodologia do trabalho, tendo total liberdade de se recusar a participar ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, de modo que não haverá qualquer prejuízo a minha pessoa.

É também de meu inteiro conhecimento que os dados por mim relatados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e serão mantidos em sigilo para assegurar minha privacidade em relação a esses dados confidenciais.

Os responsáveis pelo projeto podem ser encontrados pelo telefone (19) 3788 6622 / (11) 9358 6771 ou pelo e-mail: [ssgiglio@gmail.com](mailto:ssgiglio@gmail.com).

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3788 8936.

São Paulo, de de 200\_.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Entrevistado

Sérgio Settani Giglio